
INDICADORES IBGE

volume 8
número 6
junho de 1989
publicação mensal

SUMÁRIO

-
- 5 LEITURA RÁPIDA**
-
- 7 ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR – INPC, ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO – IPCA E ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR – IPC**
- 11 Tabelas** (variação geral; principais contribuições na variação mensal; números índices e variações; pesos, variação mensal dos grupos, subgrupos e itens).
-
- 19 PESQUISA MENSAL DE EMPREGO – PME**
- 23 Tabelas** (taxa de desemprego, ocupados, conta-própria e rendimento médio).
-
- 39 INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA**
- 52 Tabelas** (produção física – Brasil e produção física por regiões).
-
- 67 SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL – SINAPI**
- 70 Tabelas** (custo médio, número índice e variações percentuais; custos de projetos; salários-hora das categorias – abril-89).
-
- 77 ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL**
- 80 Tabelas** (área, produção e rendimento médio – um confronto entre safras e estimativas; confronto entre estimativas; abate de animais, produção de leite).
-
- 83 SUPLEMENTO I – PESQUISA MENSAL DE EMPREGO – UMA ANÁLISE DAS PRINCIPAIS ESTIMATIVAS DE 1988**
-
- 93 SUPLEMENTO II – SISTEMA NACIONAL DE ÍNDICES DE PREÇOS AO CONSUMIDOR – SINPC – AS NOVAS POPULAÇÕES E A MODIFICAÇÃO DO SISTEMA DE PESOS ENTRE REGIÕES**
-

CONVENÇÃO

— Quando, pela natureza do fenômeno, não puder existir o dado.

EQUIPE DE REDAÇÃO

DEPARTAMENTO DE AGROPECUÁRIA

Redatores: Bruno Marcus Rangel Pessanha
Elvio Valente
Jairo Augusto Silva
Terezinha Iza Cezar

DEPARTAMENTO DE EMPREGO E RENDIMENTO

Redator: Shyrlene Ramos
Colaboradores: Luciene Serro da Silva Grilo
Mário Serres da Silva

DEPARTAMENTO DE ÍNDICES DE PREÇOS

Redatores: Eulina Nunes dos Santos
Luiz Fernando de Oliveira Fonseca
Vânia Maria Carelli Prata
Oreval Alves Moreira
Colaboradores: Equipe técnica do projeto SNIPC

DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA

Redatores: Ivan Gelabert Barbosa
José Leonídio M. Souza Santos
Maria Tereza Reis Ribeiro
Myrian Thereza Ferreira
Nilo Lopes de Macedo
Paulo Gonzaga M. de Carvalho
Rosangela Carnevale
Silvio Sales de Oliveira Silva
Tereza Cristina Machado Mendes

Colaboradores: Carlos Alberto C. da Fonseca
Heloísa de V. Medina

Programação visual

Pedro Paulo Machado

Produção Gráfica, Distribuição e Vendas

Centro de Documentação e Disseminação de Informações
Av. Beira Mar, 436 – 6º andar – Rio de Janeiro – RJ
CEP 20 021 – Tel.: (021) 533-3094

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE
DIRETORIA DE PESQUISAS

DIRETOR DE PESQUISAS

Lenildo Fernandes Silva

DIRETOR ADJUNTO DA DIRETORIA DE PESQUISAS

Fernando José de Araujo Abrantes

COORDENAÇÃO DO CENSO AGROPECUÁRIO

Manoel Antonio Soares da Cunha

COORDENAÇÃO DOS CENSOS ECONÔMICOS

Carmen de Jesus Garcia

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO

Eva Doris Rosental

NÚCLEO DE METODOLOGIA

Pedro Luís Nascimento Silva

NÚCLEO DE PLANEJAMENTO E SUPERVISÃO

Nuno Duarte da Costa Bittencourt

DEPARTAMENTO DE AGROPECUÁRIA

Elvio Valente

DEPARTAMENTO DE COMÉRCIO E SERVIÇOS

Eduardo Luiz de Mendonça

DEPARTAMENTO DE CONTAS NACIONAIS

Claudio Monteiro Considera

DEPARTAMENTO DE EMPREGO E RENDIMENTO

Nelson de Castro Senra

DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICAS E INDICADORES SOCIAIS

Marcia Bandeira de Mello Leite

DEPARTAMENTO DE ÍNDICES DE PREÇOS

Ricardo Augusto Braule Pinto

DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA

Luisa Maria La Croix

DEPARTAMENTO DE POPULAÇÃO

Valéria da Motta Leite

GRUPO EXECUTIVO DE ADMINISTRAÇÃO

Angela Rosenberg Freire

LEITURA RÁPIDA

O Índice de Preços ao Consumidor — IPC — indexador oficial da economia — continuou em ascensão no mês de maio, registrando uma variação de 9,94% (em abril, o IPC foi de 7,31%). Cabe destacar o crescimento do grupo Alimentação, que foi de 10,05%, ao contrário do comportamento apresentado no mês anterior, quando sua variação foi a menor de todos os grupos que compõem o índice, com 4,55%. Com o resultado de maio, a inflação acumulada no ano, quando medida pelo IPC, chega a 120,80% e nos últimos doze meses a 918,88%. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor — INPC — apresentou, em maio, substancial acréscimo em relação ao mês anterior com a taxa de 16,67% contra os 8,06% verificados em abril. O grupo Alimentação registrou variação de 19,70% (em abril foi de 6,25%) devido, basicamente, à revisão do congelamento, à liberação de preços de alguns produtos, à cobrança de ágio em alguns setores e, ainda, à pressão de produtos sazonais importantes (batata-inglesa, alho, etc.). Pela ótica do INPC, a inflação acumulada de janeiro a maio encontra-se no patamar de 110,46%, enquanto que nos últimos doze meses é de 910,74%.

A Pesquisa Mensal de Emprego — PME — indicou, para abril, uma taxa média de desemprego aberto (proporção da

população economicamente ativa procurando trabalho na semana de referência) da ordem de 3,94%, observando-se decréscimo em relação ao mesmo mês do ano anterior (4,08%). Esse desempenho advém do aumento de 2% na estimativa da PEA (população economicamente ativa: pessoas ocupadas — trabalhando — e pessoas desocupadas — procurando trabalho), em relação a abril de 1988, e do número de pessoas ocupadas, enquanto manteve-se praticamente estável o número de pessoas procurando trabalho. Com referência à taxa de ocupação — proporção de pessoas ocupadas por setor de atividade — observam-se oscilações pouco expressivas destacando-se somente o Setor Comércio, com crescimento de 4% em relação a abril do ano passado. O rendimento médio real das pessoas ocupadas, em março, registrou comportamento bastante diferenciado entre as seis regiões metropolitanas pesquisadas na comparação com março de 1988. Em Salvador foi observada a maior queda (— 10,0%).

A indústria apresentou, na comparação abril-89/abril-88, uma redução de — 2,2%, demonstrando um desempenho bem melhor do que o do primeiro trimestre quando acumulou uma queda de — 7,2%. Com isso, a contração da produção

industrial nos primeiros quatro meses do ano, comparando-se com o mesmo período do ano anterior, foi de - 5,9%. A melhoria do comportamento do Setor Industrial, em abril, deve-se basicamente aos ramos industriais ligados à produção de Bens de Consumo Não-duráveis. A definição da nova política salarial que deverá diminuir o ritmo das greves, o processo de descongelamento de preços, assim como o início do processamento da safra de grãos, são fatores que podem servir de estímulo para a produção industrial nos próximos dois meses. Em termos regionais, observa-se que, em todos os nove locais pesquisados, os índices, em abril, apresentaram desempenho mais favorável do que nos três primeiros meses do ano. Em São Paulo (- 5,5%), Pernambuco (- 2,0%) e Santa Catarina (- 1,0%) foram ainda observados resultados negativos no último indicador mensal.

O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - LSPA - em maio, prevê para 1989, em relação ao ano anterior, o crescimento da produção de fumo (8,16%), de mamona (1,32%), de mandioca (9,30%), de milho (6,50%), de soja (31,41%) e de tomate (0,2%). Já para os produtos restantes, à exceção da cebola cuja produção permanece constante, as estimativas são de decréscimo: algodão herbáceo (23,95%), amendoim - 1ª safra (10,10%), arroz (5,01%), batata-inglesa - 1ª safra (21,39%), cana-de-açúcar (2,36%) e feijão - 1ª safra (29,26%). O aumento da produção de milho e de soja vem assegurando a manutenção da expressiva safra de grãos esperada (71,7 milhões de toneladas).

Quanto à produção animal, verifica-se mudança importante em relação ao abate dos principais animais devido, principalmente, ao realinhamento de preços implementado pelo Plano Verão. Enquanto a produção avícola em carcaça, com aumento de preços de 8%, cresceu 7,2% em abril, com referência ao mesmo mês do ano anterior, o abate de bovinos, influenciado pelo congelamento de preços, sofreu a primeira redução do ano (- 6,5%). A produção de leite para fornecimento às indústrias permaneceu em queda no mês de abril (- 1,6%).

O Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil - SINAPI - registrou, no quarto mês do ano, um aumento de 10,13% no custo médio do metro quadrado que passou a ser de NCz\$ 225,13. De janeiro a abril a variação foi de 69,7% e nos últimos doze meses de 879,65%. Na composição do custo médio do metro quadrado, em abril, a fração relativa a materiais variou 8,46% enquanto a variação mensal da mão-de-obra foi de 15,90%.

Suplementos

Indicadores IBGE traz, nesse número, dois suplementos. O primeiro deles é uma análise das principais estimativas de 1988, obtidas a partir da Pesquisa Mensal de Emprego - PME - para a taxa de desemprego, para a população economicamente ativa e para os rendimentos médios reais. O segundo é um artigo cujo tema se refere à revisão das populações objetivo e do sistema de pesos entre regiões metropolitanas do Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor - SNIPC.

Rio de Janeiro, RJ, junho de 1989

Edição

Núcleo de Documentação da Diretoria de Pesquisas

ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR, ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO E ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR

RESULTADOS DO INPC E DO IPCA

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor — INPC — apresentou, no mês de maio, variação de 16,67% e o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo — IPCA — variou 17,92%.

Os resultados acumulados encontram-se na tabela abaixo:

A variação de 16,67% do INPC foi significativamente superior aos 8,06% registrados no mês de abril devido, principalmente, ao crescimento de preços dos produtos alimentícios, que passou de 6,25% em abril para 19,70% em maio, além do grupo Transporte e Comunicação, que situou-se em 6,37% em abril e, em maio, a variação foi de 16,09%. Com exceção dos grupos Habitação e Vestuário, todos os outros tiveram os preços dos seus produtos e/ou servi-

VARIAÇÕES DO INPC E DO IPCA, COM ÍNDICES ACUMULADOS

ÍNDICES	VARIAÇÃO (%)				NÚMERO ÍNDICE (março/86 = 100)
	Acumulado em três meses	Acumulado em seis meses	Acumulado no ano	Acumulado em doze meses	
INPC sem empréstimo compulsório.....	33,51	170,29	110,46	911,69	13 575,45
INPC com empréstimo compulsório.....	33,51	170,29	110,46	910,74	13 575,45
IPCA sem empréstimo compulsório.....	36,45	181,97	119,09	945,39	14 588,87
IPCA com empréstimo compulsório.....	36,45	181,97	119,09	944,50	14 588,87

FONTE — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Índices de Preços, Divisão de Planejamento e Estudos, pesquisa Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor.

ços elevados em percentuais bem maiores do que os registrados em abril. Esta alta deve-se à revisão do congelamento e à liberação de preços de alguns produtos e serviços, conforme determinou a Medida Provisória nº 51, baixada em 27 de abril. Além dos reajustes autorizados, foram registrados, também, no INPC de maio, preços superiores aos permitidos devido à cobrança de ágio em alguns setores (carnes, frangos, etc.). Houve pressão, ainda, de produtos sazonais importantes (batata-inglesa, alho, etc.).

Assim, com o índice de maio, a taxa acumulada no ano situou-se em 110,46%. Nas perspectivas *últimos seis meses* e *últimos doze meses* as variações foram 170,29% e 910,74%, respectivamente.

No grupo Alimentação (19,70%) os principais produtos responsáveis pelo resultado foram: feijão (29,72%) — de acordo com estimativas do IBGE, a produção de feijão da 1ª safra deste ano deverá ser 27% inferior à 1ª safra do ano passado, razão pela qual os preços aumentaram no varejo; batata-inglesa (124,76%) — os preços também foram pressionados pela diminuição da produção da 1ª safra em cerca de 25%, segundo estimativas do IBGE; carnes (31,88%) — a variação registrada reflete, além do reajuste de 15% em vigor a partir de 12-05-89, a cobrança de ágio nas dez regiões metropolitanas, sendo que Belém apresentou 59,39% de aumento; pescado — os preços aumentaram 16,38%; carnes industrializadas (27,97%) — a variação também refere-se à cobrança de ágio, destacando-se a carne-seca (30,13%); frango (39,18%) — além do reajuste de 15% em 12-05-89, os preços refletiram o ágio cobrado ao consumidor; ovos (80,75%) — a alta reflete a liberação de preços autorizada em 12-05-89; leite pasteurizado (9,67%) — a variação refere-se à parte do reajuste de 15% autorizado pelo governo em 11-05-89; alho (231,59%) — a alta nos preços tem sido atribuída aos problemas econômicos na Argentina, que fizeram com que exportadores suspendessem as exportações temporariamente, além da greve dos carreteiros no Brasil, que reteve a mercadoria na fronteira por 15 dias; refeição (44,11%), lanche (38,68%) e café da manhã (27,79%) em restaurantes — os

preços dos serviços de alimentação em restaurantes, churrascarias, bares e lanchonetes foram liberados a partir de 05-05-89 e os reajustes praticados foram bastante altos.

Quanto aos produtos não alimentícios, a variação de 14,33% registrada em maio foi inferior ao resultado do grupo Alimentação, o que ocorreu, pela primeira vez, desde o início de vigência do Plano Verão. No entanto, a variação de 14,33% é superior à taxa de 9,50% registrada nos produtos não alimentícios no INPC do mês de abril.

A variação do grupo Habitação (8,46%) foi inferior à taxa de 9,85% verificada no INPC de abril devido, principalmente, ao menor crescimento dos aluguéis residenciais: 8,02% em maio e 29,70% em abril. Quanto à gasolina (21,34%), o preço foi reajustado em 11,11% e 12,24% nos dias 01-05-89 e 10-05-89, respectivamente.

Os Artigos de Residência (19,83%) tiveram variação superior à registrada em abril (14,85%) em consequência do aumento de preços verificado nos eletrodomésticos (17,58%) e nas flores naturais (70,94%), cuja procura se intensificou por ocasião do Dia das Mães.

O grupo Vestuário (21,70%) ficou com a maior alta em maio, conforme ocorreu em abril (20,60%) tendo em vista a substituição da coleção primavera-verão pela coleção outono-inverno. O maior resultado ficou com as roupas femininas (25,10%).

Os ônibus urbanos (17,11%), cujas passagens aumentaram em todas as regiões, exceto Porto Alegre, fizeram com que a variação do grupo Transporte e Comunicação (16,09%) se situasse bem acima da variação do grupo em abril (6,37%). As tarifas de táxi (20,81%) foram reajustadas nas dez regiões. Quanto aos automóveis usados (15,24%), a variação situou-se próxima à do mês de abril (15,27%), o que demonstra que o mercado está menos aquecido em relação a períodos anteriores.

O grupo Saúde e Cuidados Pessoais (6,59%) ficou com a menor variação no mês de maio, destacando-se os artigos de higiene pessoal (6,04%).

As Despesas Pessoais (15,05%) registraram variação superior a abril (8,43%) em decorrência dos aumentos verificados nos serviços pessoais (28,96%) tendo em vista

o reajuste no valor do salário mínimo (27,39%) e nas mensalidades de associações esportivas (31,60%).

No INPC do mês de maio, a Região Metropolitana de Belém registrou o resultado mais alto (20,48%) destacando-se o crescimento de preços das carnes (59,39%), que, isoladamente, contribuiu com 4,43 pontos percentuais no índice da região. A menor variação ficou com a Região Metropolitana de Curitiba (15,00%) e Brasília (15,13%).

RESULTADOS DO IPC

O Índice de Preços ao Consumidor — IPC — apresentou variação de 9,94% no mês de maio, resultado superior aos 7,31% registrados no mês de abril devido ao abrupto crescimento de preços do grupo Alimentação, que situou-se em 10,05%, enquanto, no mês de abril, a variação foi de 4,55%, a menor daquele mês.

De janeiro a maio o IPC acumulou 120,80%. Nas perspectivas *últimos seis meses* e *últimos doze meses* as variações foram 184,36% e 918,88% respectivamente.

Os principais responsáveis pelo resultado dos produtos alimentícios foram: feijão (17,17%) — de acordo com estimativas do IBGE, a produção de feijão da 1ª safra deste ano deverá ser 27% inferior à 1ª safra do ano passado, razão pela qual os preços aumentaram no varejo; batata-inglesa (61,93%) — os preços também foram pressionados pela diminuição da produção da 1ª safra em cerca de 25%, segundo estimativas do IBGE; carnes (15,95%) — a variação registrada reflete a cobrança de ágio nas dez regiões metropolitanas, sendo que Belém apresentou 65,65% de aumento nos preços do produto, observando-se que o reajuste de 15% concedido à carne bovina pelo governo em 12-05-89 não se refletiu no período de referência do IPC de maio; carnes industrializadas (16,14%) — a variação também refere-se à cobrança de ágio, destacando-se a carne-seca (23,06%); frango (24,80%) e ovos (22,07%) — conforme os itens anteriores, os preços registraram o ágio cobrado ao consumidor tendo em vista que o reajuste de 15% concedido sobre o preço do frango

e a liberação dos preços dos ovos a partir de 12-05-89 não tiveram reflexo no período de referência do IPC de maio; alho (155,97%) — após um período de escassez no mercado, o alho voltou a ser comercializado com preços bastante elevados; refeição (22,78%) e lanche (19,74%) em restaurantes — os preços dos serviços de alimentação em restaurantes, churrascarias, bares e lanchonetes foram liberados a partir de 05-05-89 e os reajustes praticados foram bastante altos.

Os produtos não alimentícios apresentaram 9,86% de variação, próxima à taxa de 9,46% registrada no IPC de maio.

A variação do grupo Habitação (5,51%) foi inferior à taxa de 9,53% verificada no IPC de abril devido, principalmente, ao menor crescimento dos aluguéis residenciais: 8,02% em maio e 29,69% em abril. Quanto à gasolina (8,92%), o preço foi reajustado em 3,6% e 14,5% nos dias 01-05-89 e 10-05-89, respectivamente.

Os Artigos de Residência (16,84%) tiveram variação superior à registrada em abril (13,77%) em consequência do aumento de preços verificado nos eletrodomésticos (21,96%) e das flores naturais (44,28%), cuja procura se intensificou por ocasião do Dia das Mães.

O grupo Vestuário (20,47%) ficou com a maior alta em maio, conforme ocorreu em abril (21,46%) tendo em vista a substituição da coleção primavera-verão pela coleção outono-inverno. Os itens que apresentaram os resultados mais altos foram as roupas femininas (24,19%) e as infantis (27,50%).

Os ônibus urbanos (8,12%), cujas passagens aumentaram em sete das dez regiões, fizeram com que a variação do grupo Transporte e Comunicação (10,03%) se situasse bem acima da variação do grupo em abril (5,90%). As tarifas de táxi (7,85%) também foram reajustadas em sete regiões. Quanto aos automóveis usados (16,16%), a variação situou-se próxima à do mês de abril (16,50%), o que demonstra que o mercado está menos aquecido em relação a períodos anteriores.

O grupo Saúde e Cuidados Pessoais (3,69%) ficou com a menor alta no mês de maio, com variação inferior a abril (5,72%) devido, principalmente, ao menor cresci-

mento de preços dos artigos de higiene pessoal: 4,34% em maio e 7,30% em abril.

As Despesas Pessoais (6,67%) registraram variação superior a abril (5,00%) em decorrência dos aumentos verificados nos serviços pessoais (21,27%) tendo em vista o reajuste no valor do salário mínimo (27,39%).

No IPC do mês de maio, a Região Metropolitana de Belém registrou o resultado mais alto (15,78%) em decorrência da alta de preços dos produtos alimentícios, destacando-se o crescimento de preços das carnes (65,65%) que, isoladamente, contribuiu com 4,60 pontos percentuais no índice da região. As menores variações ficaram com as Regiões de Porto Alegre (7,46%) e Brasília (7,77%).

NOTA EXPLICATIVA DO IPC

O Índice de Preços ao Consumidor — IPC — é o indexador oficial da economia brasileira, criado através do Decreto-Lei nº 2.284 de 10 de março de 1986. De 28

de fevereiro de 1986 até outubro do mesmo ano, o IPC foi calculado pela metodologia do IPCA, de novembro de 1986 em diante, passou a ser calculado pela metodologia do INPC.

O número índice de fevereiro refere-se à data de 28-02-86.

A variação de março de 1986 corresponde ao movimento de preços observados entre o dia 28 de fevereiro de 1986 e a base definida pelos preços coletados em março de 1986.

Até maio de 1987, o IPC foi calculado com base nos preços coletados no mês civil. O IPC de junho de 1987 foi obtido comparando-se a média dos preços vigentes, no período de 16 a 22 de junho, com a média dos preços constatados no mês de maio, conforme determinação do Decreto-Lei nº 2.335 de 12 de junho de 1987 e a Portaria nº 186 de junho de 1987. A partir de junho, também em cumprimento ao Decreto-Lei nº 2.335, o IPC passou a ser calculado, com base na média dos preços apurados, entre o início da segunda quinzena do mês anterior e o término da primeira quinzena do mês de referência.

1 – VARIÇÃO GERAL E POR GRUPOS DE PRODUTOS, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS
INPC – Maio de 1989

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	20,48	23,22	12,08	14,34	21,95	37,79	9,07	16,16
Fortaleza.....	16,94	19,05	13,60	7,46	18,20	29,43	11,27	8,97
Recife.....	15,86	18,28	10,31	15,28	21,52	18,40	7,50	7,40
Salvador.....	16,76	18,07	10,82	19,06	20,58	29,71	8,84	12,00
Belo Horizonte.....	19,11	24,52	8,22	17,70	24,15	20,50	9,59	11,07
Rio de Janeiro.....	17,98	19,62	12,07	20,33	19,63	14,05	4,96	22,39
São Paulo.....	15,56	20,61	5,92	22,28	22,06	13,11	5,45	11,94
Curitiba.....	15,00	14,66	9,69	18,32	22,05	22,55	8,87	8,28
Porto Alegre.....	15,69	16,60	8,57	22,27	27,48	9,27	7,52	16,88
Brasília, DF.....	15,12	15,98	7,74	13,45	23,02	24,77	9,09	9,90
INPC.....	16,67	19,70	8,46	19,83	21,69	18,09	6,59	15,05

IPCA – Maio de 1989

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	19,89	25,51	10,98	15,89	21,85	18,01	10,35	19,92
Fortaleza.....	17,48	20,59	14,94	9,36	17,72	18,69	11,64	15,18
Recife.....	16,17	19,66	11,10	16,75	21,12	19,28	9,01	9,50
Salvador.....	17,22	18,72	18,85	25,14	20,35	18,42	9,87	12,86
Belo Horizonte.....	18,52	24,66	9,98	17,73	25,19	17,96	12,27	13,97
Rio de Janeiro.....	20,83	22,36	11,63	22,62	20,11	14,85	7,05	32,22
São Paulo.....	16,05	21,96	10,69	23,94	22,28	12,02	6,46	15,65
Curitiba.....	16,03	17,56	10,64	19,96	22,93	17,45	10,57	11,09
Porto Alegre.....	18,28	19,28	10,33	24,74	28,53	12,60	8,72	24,76
Brasília, DF.....	14,85	18,12	8,89	15,92	23,34	14,99	12,25	12,55
IPCA.....	17,72	21,72	11,19	22,28	22,02	14,06	7,77	22,01

IPC – Maio de 1989

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	15,78	19,73	9,05	15,97	16,55	17,80	4,46	8,73
Fortaleza.....	10,03	10,75	9,41	0,95	15,45	14,54	6,70	6,97
Recife.....	8,97	9,09	6,28	16,93	17,91	4,37	1,68	7,44
Salvador.....	11,33	10,58	8,93	19,18	15,78	16,36	8,22	9,63
Belo Horizonte.....	8,62	8,40	4,10	12,98	14,11	12,68	5,14	6,52
Rio de Janeiro.....	10,33	10,10	9,57	11,36	19,99	13,14	2,73	7,24
São Paulo.....	10,08	10,98	2,98	22,91	24,79	7,48	3,39	4,96
Curitiba.....	10,02	6,54	7,43	12,42	27,23	11,93	4,37	8,12
Porto Alegre.....	7,46	5,63	6,07	11,28	15,26	9,43	2,66	7,74
Brasília, DF.....	7,77	6,71	5,01	16,72	11,53	6,94	4,66	5,66
IPC.....	9,94	10,05	5,51	16,84	20,47	10,03	3,69	6,67

2 - PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES NA VARIAÇÃO MENSAL INPC - Maio de 1989

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Refeição em restaurante.....	44,11	1,71
Carnes	31,88	1,48
Ovos	80,75	1,06
Associações esportivas.....	31,60	1,04
Ônibus urbano.....	17,11	0,76
Frango	39,18	0,75
Feijões	29,72	0,58
Roupas masculinas.....	21,77	0,57
Carnes e peixes industrializados.....	27,97	0,51
Automóveis usados.....	15,24	0,49
Roupas femininas.....	25,10	0,44
Alho.....	231,59	0,43
Serviços pessoais.....	28,96	0,41
Lanche em restaurante.....	38,68	0,40
Calçados	19,98	0,38
Eletrodomésticos	17,58	0,29
Utensílios e enfeites	32,33	0,28
Roupas infantis.....	22,06	0,24
TV e som.....	19,38	0,23
Batata-inglês.....	124,76	0,20
Itens listados acima.....	30,25	12,25
Demais itens	7,43	4,42

IPCA - Maio de 1989

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Associações esportivas.....	35,00	2,33
Refeição em restaurante.....	42,91	1,91
Automóveis usados.....	15,82	1,32
Carnes	30,37	1,06
Serviços pessoais.....	27,99	0,65
Ovos	84,10	0,62
Roupas femininas.....	25,39	0,57
Roupas masculinas.....	21,76	0,57
Automóveis novos.....	10,13	0,51
Utensílios e enfeites	37,67	0,49
Gasolina	21,34	0,49
Artigos para reparos	10,74	0,46
Frango	37,23	0,45
Ônibus urbano.....	15,34	0,37
Carnes industrializadas.....	30,12	0,35
Lanche em restaurante.....	38,77	0,34
Calçados	20,39	0,31
Feijões	25,72	0,26
Alho.....	224,53	0,26
Aluguel.....	8,30	0,24
Itens listados acima.....	24,60	13,56
Demais itens	9,72	4,36

IPC - Maio de 1989

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Refeição em restaurante.....	22,78	0,88
Carnes	15,95	0,70
Roupas masculinas.....	21,80	0,57
Automóveis usados.....	16,16	0,50
Frango	24,80	0,45
Roupas femininas.....	24,19	0,42
Associação esportivas.....	10,74	0,38
Ônibus urbano.....	8,12	0,36
Roupas infantis.....	27,50	0,33
Calçados	15,97	0,33
Eletrodomésticos	21,96	0,32
Aluguel.....	8,02	0,32
Feijões	17,17	0,31
Serviços pessoais.....	21,27	0,30
Carnes industrializadas.....	16,14	0,29
Alho.....	155,97	0,26
Ovos.....	22,07	0,26
Lanche em restaurante.....	19,74	0,20
Mobiliário.....	13,54	0,17
Pescado.....	11,42	0,15
Itens listados acima.....	16,95	7,50
Demais itens	4,38	2,44

3 - NÚMEROS ÍNDICES E VARIAÇÕES - 1988/89
INPC

(continua)

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março 86 = 100)	VARIAÇÃO (%)				
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada em seis meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1988						
Janeiro	701,93	18,97	55,83	94,56	18,97	403,72
Fevereiro	812,91	15,81	57,03	114,41	37,78	411,97
Março	959,97	18,09	62,70	136,31	62,70	428,50
Abril	1 135,93	18,33	61,83	152,18	92,53	417,01
Maio	1 343,12	18,24	65,22	159,44	127,64	396,44
Junho	1 642,37	22,28	71,09	178,36	178,36	400,45
Julho	2 020,44	23,02	77,87	187,84	242,44	460,04
Agosto	2 437,26	20,63	81,46	199,82	313,09	542,86
Setembro	3 093,61	26,93	88,36	222,26	424,33	661,52
Outubro	3 919,28	26,69	93,98	245,03	564,28	770,10
Novembro	5 022,57	28,15	106,07	273,95	751,27	870,19
Dezembro	6 450,49	28,43	108,51	292,75	993,28	993,28
1989						
Janeiro	8 739,12	35,48	122,98	332,54	35,48	1 145,01
Fevereiro	10 167,97	16,35	102,45	317,19	57,63	1 150,81
Março	10 767,88	5,90	66,93	248,07	86,93	1 021,69
Abril	11 635,77	8,06	33,15	196,88	80,39	924,34
Maio	13 575,45	16,67	33,51	170,29	110,46	910,74

IPCA

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março 86 = 100)	VARIAÇÃO (%)				
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada em seis meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1988						
Janeiro	732,87	18,89	56,18	96,33	18,89	386,67
Fevereiro	847,93	15,70	57,02	116,61	37,55	399,90
Março	997,17	17,60	61,76	136,34	61,76	405,18
Abril	1 189,52	19,29	62,31	153,49	92,97	405,98
Maio	1 396,73	17,42	64,72	158,64	126,58	389,19
Junho	1 704,01	22,00	70,88	176,43	176,43	398,54
Julho	2 077,36	21,91	74,64	183,46	237,00	456,52
Agosto	2 525,86	21,59	80,84	197,89	309,76	545,24
Setembro	3 219,21	27,45	88,92	222,83	422,23	662,99
Outubro	4 043,97	25,62	94,67	239,97	556,03	761,78
Novembro	5 173,88	27,94	104,84	270,43	739,33	858,09
Dezembro	6 658,76	28,70	106,84	290,77	980,21	980,21
1989						
Janeiro	9 155,13	37,49	126,39	340,71	37,49	1 149,22
Fevereiro	10 691,36	16,78	106,64	323,28	60,56	1 160,88
Março	11 420,51	6,82	71,51	254,76	71,51	1 045,29
Abril	12 371,84	8,33	35,14	205,93	85,80	940,07
Maio	14 588,87	17,92	36,45	181,97	119,09	944,50

3 – NÚMEROS ÍNDICES E VARIAÇÕES – 1988/89 IPC

(conclusão)

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março 88 = 100)	VARIACÃO (%)				
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada em seis meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1988						
Janeiro.....	663,90	16,51	50,06	84,16	16,51	364,72
Fevereiro.....	783,14	17,96	56,87	104,24	37,44	381,13
Março.....	908,52	16,01	59,44	124,20	59,44	387,90
Abril.....	1 083,68	19,28	63,23	144,94	90,18	381,12
Maió.....	1 276,36	17,78	62,98	155,67	123,99	359,92
Junho.....	1 525,63	19,53	67,92	167,74	167,74	336,09
Julho.....	1 892,39	24,04	74,63	185,04	232,10	424,92
Agosto.....	2 283,36	20,66	78,90	191,56	300,72	495,49
Setembro.....	2 831,59	24,01	85,60	211,67	396,93	598,78
Outubro.....	3 603,20	27,25	90,40	232,50	532,34	714,43
Novembro.....	4 573,18	26,92	100,28	258,30	702,57	816,05
Dezembro.....	5 899,80	28,79	108,00	286,06	933,62	933,62
1989						
Janeiro.....	10 029,15	70,28	178,34	429,97	70,28	1 410,64
Fevereiro.....	10 390,20	3,60	127,20	355,04	76,41	1 226,74
Março.....	11 022,96	6,09	87,15	289,29	87,15	1 113,29
Abril.....	11 828,74	7,31	17,94	228,28	100,83	991,53
Maió.....	13 004,52	9,94	25,16	184,36	120,80	918,88

4 – VARIACÃO MENSAL IPC – Maio de 1989

GRUPOS	PONDERACÃO (%)	VARIACÃO (%)
Geral.....	100,00	9,94
Alimentação.....	42,76	10,05
Habitacão.....	13,27	5,51
Artigos de residência.....	5,76	16,84
Vestuário.....	9,01	20,47
Transporte e comunicacão.....	9,89	10,03
Saúde e cuidados pessoais.....	6,02	3,69
Despesas pessoais.....	13,29	6,67

**5 – PESOS, VARIAÇÃO MENSAL DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS,
SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS
Maio de 1989**

(continua)

IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIAÇÃO (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIAÇÃO (%)
INPC			CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	1,91	19,98
INPC.....	100,00	16,67	Calçados e outros apetrechos	1,91	19,98
ALIMENTAÇÃO	43,61	19,70	JÓIAS E BIJUTERIAS	0,46	21,42
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	38,01	18,55	Jóias e bijuterias	0,46	21,42
Cereais, leguminosas e oleaginosas	5,65	13,61	TECIDOS E ARMARINHO	0,85	18,02
Farinhas, féculas e massas	2,80	0,78	Tecidos e armarinho	0,85	18,02
Tubérculos, raízes e legumes	0,57	40,55	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	9,63	16,09
Açúcares e derivados	1,91	5,47	TRANSPORTE	9,57	16,16
Hortalças e verduras	0,59	19,91	Transporte público	5,45	17,34
Frutas	0,16	21,27	Veículo próprio	4,12	14,60
Carnes frescas e vísceras	4,65	31,88	COMUNICAÇÕES	0,06	4,15
Pescados	1,31	16,38	Comunicações	0,06	4,15
Carnes e peixes industrializados	1,84	27,97	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS	6,11	6,59
Aves e ovos	3,23	56,08	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E APARELHOS DE TRATAMENTO	2,06	5,59
Lelte e derivados	4,06	7,07	Produtos farmacêuticos	1,92	5,46
Panificados	6,65	1,43	Óculos e lentes	0,14	7,38
Óleos e gorduras	1,34	6,22	ATENDIMENTOS E SERVIÇOS	0,78	11,60
Bebidas não-alcoólicas e infusões ...	2,29	2,22	Atendimentos	0,40	14,49
Enlatados e conservas	0,32	5,79	Serviços médicos	0,38	8,53
Sal e condimentos	0,64	71,53	CUIDADOS PESSOAIS	3,27	6,04
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	5,60	41,08	Higiene pessoal	-3,27	6,04
Alimentação fora do domicílio	5,60	41,08	DESPESAS PESSOAIS	12,88	15,05
HABITAÇÃO	12,99	8,46	SERVIÇOS	1,42	28,95
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	10,36	7,20	Serviços pessoais	1,42	28,95
Habitação	5,00	8,57	RECREAÇÃO, FUMO E ÁLCOOL	9,32	13,13
Reparos	2,36	7,90	Recreação	3,67	29,99
Artigos de limpeza	3,00	4,35	Fumo e álcool	5,65	2,18
OPERAÇÃO	2,62	13,46	EDUCAÇÃO E LEITURA	2,14	14,16
Combustíveis	0,79	21,23	Educação	1,89	11,01
Serviços públicos	1,84	10,14	Leitura e papeteria	0,25	38,14
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA	6,07	19,83			
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	3,18	21,18			
Mobiliário	1,42	13,42			
Utensílios e enfeites	0,87	32,33			
Cama, mesa e banho	0,89	22,69			
APARELHOS ELÉTRICOS	2,89	18,34			
Eletrodomésticos e equipamentos ..	1,86	17,58			
TV e som	1,22	19,38			
VESTUÁRIO	8,71	21,69			
ROUPAS	5,50	22,88			
Roupas de homem	2,66	21,77			
Roupas de mulher	1,74	25,10			
Roupas de criança	1,09	22,06			

**5 - PESOS, VARIAÇÃO MENSAL DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS,
SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS
Maio de 1989**

(continua)

IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIAÇÃO (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIAÇÃO (%)
IPCA			CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	1,51	20,39
IPCA.....	100,00	17,92	Calçados e outros apetrechos	1,51	20,39
ALIMENTAÇÃO	28,91	21,72	JÓIAS E BIJUTERIAS	0,45	22,88
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	23,20	16,93	Jóias e bijuterias	0,45	22,88
Cereais, leguminosas e oleaginosas	2,71	12,55	TECIDOS E ARMARINHO	0,72	17,50
Farinhas, féculas e massas	1,26	0,56	Tecidos e armarinho	0,72	17,50
Tubérculos, raízes e legumes	0,34	44,06	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	19,73	14,06
Açúcares e derivados	1,10	5,29	TRANSPORTE.....	19,55	14,17
Hortaliças e verduras	0,47	19,20	Transporte público	3,83	16,90
Frutas	0,08	21,54	Veículo própria	15,73	13,51
Carnes frescas e vísceras	3,49	30,37	COMUNICAÇÕES	0,17	1,50
Pescados	0,97	15,91	Comunicações	0,17	1,50
Carnes e peixes industrializados	1,17	30,12	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS	6,18	7,77
Aves e ovos	1,95	54,95	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E APARELHOS DE TRATAMENTO	1,60	5,70
Leite e derivados	3,21	6,48	Produtos farmacêuticos	1,35	5,41
Panificadas	3,71	1,58	Óculos e lentes	0,25	7,28
Óleos e gorduras	0,74	5,77	ATENDIMENTOS E SERVIÇOS	1,98	12,14
Bebidas não-alcoólicas e infusões	1,35	2,23	Atendimentos	0,97	14,18
Enlatados e conservas	0,26	6,31	Serviços médicos	1,01	10,18
Sal e condimentos	0,39	69,57	CUIDADOS PESSOAIS	2,60	5,70
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	5,71	41,18	Higiene pessoal	2,60	5,70
Alimentação fora do domicílio	5,71	41,18	DESPESAS PESSOAIS	16,84	22,01
HABITAÇÃO	14,52	11,19	SERVIÇOS	2,31	27,99
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	10,68	9,03	Serviços pessoais	2,31	27,99
Habitação	4,30	9,47	RECREAÇÃO, FUMO E ALCOOL	10,77	23,01
Reparos	4,36	10,74	Recreação	7,07	33,98
Artigos de limpeza	2,02	4,40	Fumo e álcool	3,70	2,09
OPERAÇÃO	3,85	17,18	EDUCAÇÃO E LEITURA	3,76	15,47
Combustíveis	2,41	21,39	Educação	3,24	11,65
Serviços públicos	1,44	10,15	Leitura e papeleria	0,51	39,70
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA	5,46	22,28			
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	3,44	24,63			
Mobiliário	1,34	13,58			
Utensílios e enfeites	1,30	37,87			
Cama, mesa e banho	0,79	21,95			
APARELHOS ELÉTRICOS	2,02	18,28			
Eletrodomésticos e equipamentos	1,19	17,34			
TV e som	0,83	19,65			
VESTUÁRIO	8,37	22,02			
ROUPAS	5,69	22,96			
Roupas de homem	2,64	21,76			
Roupas de mulher	2,24	25,39			
Roupas de criança	0,81	20,14			

**5 - PESOS, VARIÇÃO MENSAL DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS,
SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS
Maio de 1989**

(conclusão)

IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIÇÃO (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	VARIÇÃO (%)
IPC			CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	2,05	15,97
IPC.....	100,00	9,94	Calçados e outros apetrechos	2,05	15,97
ALIMENTAÇÃO	42,76	10,05	JÓIAS E BIJUTERIAS	0,46	16,73
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	37,18	8,44	Jóias e bijuterias.....	0,46	16,73
Cereais, leguminosas e oleaginosas	5,41	8,55	TECIDOS E ARMARINHO	0,91	12,14
Farinhas, féculas e massas	2,82	1,84	Tecidos e armarinho	0,91	12,14
Tubérculos, raízes e legumes	0,54	21,04	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	9,89	10,03
Açúcares e derivados	1,92	2,29	TRANSPORTE	9,83	10,08
Hortaliças e verduras	0,54	14,41	Transporte público.....	5,43	7,95
Frutas	0,13	20,49	Veículo próprio	4,41	12,71
Carnes frescas e vísceras	4,40	15,95	COMUNICAÇÕES	0,08	1,34
Pescados	1,27	11,42	Comunicações	0,06	1,34
Carnes e peixes industrializados	1,79	18,14	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS	6,02	3,69
Aves e ovos	2,99	23,72	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E APARELHOS DE TRATAMENTO	2,02	0,61
Leite e derivados.....	4,09	1,84	Produtos farmacêuticos.....	1,88	0,28
Panificados.....	6,70	0,76	Óculos e lentes.....	0,14	4,99
Óleos e gorduras.....	1,30	7,86	ATENDIMENTOS E SERVIÇOS	0,74	9,25
Bebidas não-alcoólicas e infusões	2,34	-0,56	Atendimentos	0,39	14,09
Enlatados e conservas	0,33	3,32	Serviços médicos.....	0,35	3,77
Sal e condimentos.....	0,61	46,79	CUIDADOS PESSOAIS	3,26	4,34
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	5,58	20,77	Higiene pessoal	3,26	4,34
Alimentação fora do domicílio	5,58	20,77	DESPESAS PESSOAIS	13,29	6,67
HABITAÇÃO	13,27	5,51	SERVIÇOS	1,39	21,27
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	10,49	5,72	Serviços pessoais.....	1,39	21,27
Habitação.....	5,15	7,15	RECREAÇÃO, FUMO E ÁLCOOL	9,58	4,94
Reparos	2,36	3,78	Recreação	3,94	11,33
Artigos de limpeza	2,98	4,79	Fumo e álcool.....	5,64	0,48
OPERAÇÃO	2,78	4,71	EDUCAÇÃO E LEITURA	2,32	5,06
Combustíveis.....	0,90	11,95	Educação	2,07	3,41
Serviços públicos.....	1,87	1,22	Leitura e papeleria	0,25	18,97
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA	5,76	16,84			
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	3,05	16,70			
Mobiliário.....	1,28	13,53			
Utensílios e enfeites	0,83	20,90			
Cama, mesa e banho	0,94	17,32			
APARELHOS ELÉTRICOS	2,71	16,99			
Eletrodomésticos e equipamentos ..	1,48	21,96			
TV e som.....	1,23	10,99			
VESTUÁRIO	9,01	20,47			
ROUPAS	5,59	23,78			
Roupas de homem.....	2,63	21,80			
Roupas de mulher.....	1,75	24,18			
Roupas de criança	1,21	27,50			

PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

A estimativa da *População Economicamente Ativa* (PEA), em abril, foi de 16 566 820 pessoas, das quais 15 910 220 pessoas estavam *ocupadas* (trabalhando) e 656 600 pessoas estavam *desocupadas* (procurando trabalho). Em relação ao mesmo mês do ano anterior, observamos acréscimo de 2% na estimativa da PEA e do número de pessoas ocupadas, enquanto o número de pessoas procurando trabalho manteve-se praticamente estável, ocasionando a queda da taxa de desemprego aberto (proporção da PEA procurando trabalho).

A *taxa de desemprego aberto* em abril foi de 3,94%.

Analisando os resultados do quadrimestre janeiro/abril, no período de 1986 a 1989, verificamos que 1986, ano do primeiro plano de estabilização econômica, apresentou as maiores taxas devido ao incremento proporcionalmente maior do número de pessoas procurando trabalho naquele período, incentivadas pela oferta de emprego por parte das microempresas. Estas, como se sabe, proliferaram naquele ano, motivadas

pelo aumento da demanda e fragilidade no controle de preços nos setores onde normalmente operam. Em contrapartida, o ano seguinte apresentou as menores taxas, quando o plano já havia se enfraquecido. Em 1988, as taxas se aproximaram daquelas observadas em 1986. Embora não tenha sido um ano bom para a economia brasileira, a produção destinada ao mercado externo e o processamento da boa safra agrícola ainda atraíram a procura de trabalho.

Nas Regiões Metropolitanas os resultados foram:

Recife	—	5,82%
Salvador	—	4,47%
Belo Horizonte	—	3,98%
Rio de Janeiro	—	3,16%
São Paulo	—	4,28%
Porto Alegre	—	2,99%

Em relação a abril de 1988, com exceção de São Paulo, todas as regiões apresentaram queda, destacando-se Porto Alegre com declínio em torno de 23%. Nesta região foram observados declínios expressi-

vos na taxa de desemprego da Indústria (25%), Construção Civil (45%) e Serviços (32%).

A proporção de pessoas ocupadas por setor de atividade *taxa de ocupação*, considerando o conjunto das seis regiões metropolitanas, em abril, apresentou pequenas oscilações, destacando-se apenas o setor de Comércio com acréscimo de 4% em relação a abril de 1988.

Foram verificados os seguintes resultados:

Indústria de Transformação	– 24,34%
Construção Civil	– 6,95%
Comércio	– 13,92%
Serviços	– 46,96%
Outras Atividades	– 7,80%

Fazendo a análise por região metropolitana, o setor da Construção Civil apresentou queda na maioria das regiões. A queda mais acentuada ocorreu em Salvador, 11%. Nesta região, vale a pena ressaltar o crescimento da taxa de ocupação na Indústria (10%) e no Comércio (12%), ainda em relação a abril de 1988.

A *proporção da PEA desocupada* (procurando trabalho) e *ocupada* (trabalhando) recebendo efetivamente menos de um Piso Nacional de Salários passou de 20,24% em abril de 1988 para 16,76% este mês.

Ocorreu queda em todas as regiões metropolitanas, com destaque para Porto Alegre, cujo indicador passou de 20,05% em abril de 1988 para 14,74% este mês.

O *rendimento médio real* das pessoas ocupadas, referente ao mês de março, comportou-se de modo diferente nas seis regiões metropolitanas, quando comparado a março do ano passado. Em Recife, no Rio de Janeiro e em São Paulo manteve-se

estável. Em Salvador apresentou queda de 10% e em Porto Alegre, acréscimo de 14%.

As variações dos rendimentos, segundo a posição na ocupação, encontram-se na tabela a seguir:

NOTA EXPLICATIVA

As informações da Pesquisa Mensal de Emprego – PME – são obtidas através de uma amostra probabilística de domicílios situados nas Regiões Metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Principais Conceitos

Os principais conceitos utilizados na pesquisa são os seguintes:

Trabalho – Considera-se como trabalho o exercício de:

a) ocupação econômica remunerada em dinheiro, produtos ou outras formas não monetárias, como pode ser o caso dos empregados domésticos; e

b) ocupação econômica sem remuneração, exercida normalmente pelo menos durante 15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficente ou de cooperativismo, ou ainda, como aprendiz ou estagiário.

Pessoas Ocupadas – Consideram-se como ocupadas na semana de referência as pessoas que, nesse período ou em parte dele,

VARIAÇÃO RELATIVA DOS RENDIMENTOS MÉDIOS REAIS, POR REGIÃO METROPOLITANA, SEGUNDO A POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO

Base: Março/88

POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO	RECIFE	SALVADOR	BELO HORIZONTE	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	PORTO ALEGRE
Ocupados.....	–	– 10,0	4,0	–	– 1,0	14,0
Empregados com carteira....	– 8,0	– 10,0	1,0	– 4,0	1,0	7,0
Empregados sem carteira....	– 10,0	– 19,0	– 6,0	8,0	– 5,0	10,0
Conta-próprias.....	– 7,0	– 4,0	9,0	5,0	– 4,0	34,0

trabalharam, ou tinham trabalho, mas não trabalharam, como, por exemplo, pessoas em férias.

Pessoas Desocupadas — Consideram-se como pessoas desocupadas aquelas que não tinham trabalho na semana de referência, mas estavam dispostas a trabalhar e que, para isto, tomaram alguma providência efetiva para conseguir trabalho (na semana de referência ou no período de referência de 30 dias, conforme o período considerado).

Pessoas Economicamente Ativas — PEA — Consideram-se como economicamente ativas as pessoas ocupadas e as desocupadas.

Pessoas Não-economicamente Ativas — Consideram-se como não-economicamente ativas as pessoas que não são classificadas como ocupadas ou desocupadas.

Empregados — Consideram-se como empregados as pessoas que trabalham para empregador, geralmente cumprindo uma jornada de trabalho e recebendo em contrapartida uma remuneração em dinheiro, produtos ou somente em benefícios (moradia, alimentação, vestuário, etc.). Incluem-se entre os empregados as pessoas que prestam serviços militar obrigatório e os clérigos.

Conta-próprias — Consideram-se como conta-próprias as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, não tendo empregados.

Empregadores — Consideram-se como empregadores as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, com auxílio de um ou mais empregados.

Não Remunerados — Consideram-se como não remunerados as pessoas que exercem ocupação econômica, sem remuneração, pelo menos 15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficente ou de cooperati-

vismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

Rendimento de Trabalho — Para os empregados, considera-se a remuneração efetivamente recebida no mês de referência. Assim sendo, inclui-se as parcelas referentes ao 13º salário (14º, 15º, etc.) e a participação nos lucros paga pela empresa que tiver sido recebida no mês de referência. Para os empregadores e trabalhadores por conta própria, considera-se a retirada feita ou ganho líquido (rendimento bruto menos as despesas efetuadas com o negócio ou profissão — salário de empregados, matéria-prima, energia elétrica, telefone, etc.) recebido, efetivamente, no mês de referência. Para a pessoa que recebe, pelo seu trabalho, em produtos ou mercadorias, considera-se o valor de mercado, efetivamente recebido no mês de referência.

Para a pessoa que estiver licenciada por instituto de previdência, considera-se o rendimento bruto do benefício (auxílio-doença, auxílio por acidente de trabalho, etc.), efetivamente recebido no mês de referência.

Semana de Referência — É aquela que antecede à semana fixada para a entrevista.

Período de Referência de 30 dias — São os 30 dias que antecedem à semana fixada para a entrevista.

Mês de Referência — É aquele que antecede ao mês de realização da pesquisa.

ESTIMATIVAS DE VALORES ABSOLUTOS

As estimativas dos valores absolutos apresentadas foram obtidas através de um estimador de razão. De uma forma simplificada, este estimador pode ser descrito como o produto de uma estimativa independente da população residente pela relação entre o valor da variável considerada e o total de pessoas residentes, ambos estimados através da amostra.

$$\hat{X} = P \frac{\hat{X}^*}{\hat{Y}^*}, \text{ onde:}$$

P — população residente obtida por estimativa independente;

\hat{X}^* — valor da variável estimado através da amostra; e

\hat{Y}^* — total de pessoas residentes estimado através da amostra.

A metodologia adotada para a revisão da estimativa da população residente considerou que a participação relativa das regiões metropolitanas, em relação à população to-

tal das respectivas Unidades da Federação, obedecia, no tempo, a um comportamento logístico.

Os limites dessas curvas logísticas foram determinados levando-se em conta a evolução das referidas participações no período 1970-85, conforme procedimento metodológico proposto por Frias¹. A partir dos valores das participações e das populações das Unidades da Federação, foram obtidas, por multiplicação, as populações residentes nas regiões metropolitanas, no dia 15 de cada mês.

NOTA — Para informações, dirigir-se ao Departamento de Emprego e Rendimento (DEREN), Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 10º andar, telefone: 284-6539.

¹ FRIAS, Luiz Armando de Medeiros. Determinação do limite superior ou inferior de curvas logísticas em projetos de população com base na tendência passada. Rio de Janeiro, DEPOP/IBGE, 1987 (a ser publicado).

1 – TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (SEMANA) – 1988/89

Pessoas desocupadas em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	6,23	5,71	4,91	5,21	4,34	4,21	2,78	2,89	3,96	4,19	3,43	3,00	3,80	3,87
Fevereiro	6,04	5,60	4,82	4,03	4,28	3,99	3,42	2,98	4,67	4,53	4,21	3,45	4,33	3,99
Março	6,25	6,85	4,93	5,12	4,13	4,20	3,40	3,21	4,58	4,45	4,30	3,39	4,30	4,18
Abril	5,87	5,82	5,07	4,47	4,35	3,98	3,26	3,16	4,22	4,28	3,91	2,99	4,08	3,94
Maió	5,06		4,82		4,64		3,19		4,35		3,66		4,04	
Junho	5,00		5,17		4,60		3,03		4,00		4,05		3,90	
Julho	5,67		4,93		4,14		2,96		4,01		3,60		3,84	
Agosto	6,28		5,24		4,25		3,30		4,32		3,76		4,16	
Setembro	5,57		3,84		3,74		3,15		4,10		3,57		3,84	
Outubro	5,17		3,76		3,61		3,20		3,80		3,33		3,65	
Novembro	5,05		4,01		3,10		3,01		3,30		2,93		3,32	
Dezembro	4,56		4,02		3,11		2,39		2,88		2,79		2,92	

2 – TAXA DE DESEMPREGO ABERTO: PESSOAS QUE BUSCAM TRABALHO PELA PRIMEIRA VEZ – 1988/89

Pessoas desocupadas que nunca trabalharam anteriormente, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	1,11	0,82	0,59	0,58	0,52	0,65	0,21	0,28	0,27	0,27	0,38	0,22	0,35	0,35
Fevereiro	1,30	0,80	0,57	0,42	0,59	0,36	0,25	0,28	0,30	0,32	0,39	0,38	0,40	0,35
Março	1,16	1,05	0,55	0,53	0,48	0,43	0,16	0,25	0,29	0,32	0,41	0,22	0,34	0,36
Abril	0,90	1,02	0,63	0,73	0,40	0,47	0,22	0,29	0,22	0,30	0,36	0,19	0,31	0,37
Maió	0,87		0,69		0,43		0,27		0,25		0,32		0,33	
Junho	0,84		0,47		0,43		0,30		0,25		0,31		0,33	
Julho	0,81		0,50		0,42		0,31		0,18		0,29		0,31	
Agosto	0,87		0,56		0,48		0,33		0,33		0,34		0,39	
Setembro	1,01		0,30		0,36		0,36		0,21		0,16		0,32	
Outubro	0,81		0,30		0,48		0,20		0,18		0,17		0,25	
Novembro	0,76		0,38		0,25		0,15		0,19		0,19		0,23	
Dezembro	0,77		0,18		0,29		0,20		0,15		0,17		0,22	

3 – TAXA DE DESEMPREGO ABERTO: PESSOAS QUE JÁ TRABALHARAM – 1988/89

Pessoas desocupadas que trabalharam anteriormente, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	5,12	4,88	4,32	4,62	3,82	3,55	2,57	2,60	3,69	3,92	3,05	2,78	3,45	3,52
Fevereiro	4,74	4,79	4,25	3,60	3,69	3,63	3,17	2,70	4,37	4,21	3,82	3,06	3,93	3,63
Março	5,09	5,79	4,38	4,59	3,65	3,77	3,24	2,95	4,29	4,13	3,89	3,16	3,96	3,82
Abril	4,97	4,79	4,44	3,73	3,95	3,50	3,04	2,87	4,00	3,98	3,55	2,79	3,77	3,56
Maió	4,19		4,13		4,21		2,92		4,10		3,34		3,71	
Junho	4,16		4,70		4,17		2,73		3,75		3,74		3,57	
Julho	4,86		4,43		3,72		2,65		3,83		3,31		3,53	
Agosto	5,39		4,68		3,77		2,97		3,99		3,42		3,77	
Setembro	4,56		3,54		3,38		2,79		3,89		3,41		3,52	
Outubro	4,36		3,46		3,13		3,00		3,62		3,16		3,40	
Novembro	4,29		3,63		2,85		2,86		3,11		2,74		3,09	
Dezembro	3,79		3,84		2,82		2,19		2,73		2,62		2,70	

4 – TAXA DE DESEMPREGO: CHEFES DE DOMICÍLIO – 1988/89

Chefes de unidades domiciliares, desocupados, em relação às pessoas desocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CHEFES DE UNIDADES DOMICILIARES, DESOCUPADOS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	18,33	24,23	27,69	26,81	15,16	19,70	24,26	20,51	25,63	26,92	20,47	31,96	23,33	24,88
Fevereiro	18,42	25,77	27,86	33,81	15,30	18,33	23,43	20,20	21,94	25,22	24,55	29,04	21,92	24,35
Março	23,13	24,10	24,70	31,03	17,33	18,95	25,85	19,59	23,65	26,48	22,65	25,70	23,57	24,32
Abril	20,09	21,19	22,57	30,58	20,25	18,14	22,82	20,78	25,58	22,26	27,02	24,90	23,85	22,19
Maió	22,16		23,51		19,96		26,13		23,01		25,61		23,58	
Junho	21,83		25,00		20,63		21,98		25,95		27,83		24,28	
Julho	24,48		26,23		15,07		23,77		27,36		26,39		24,98	
Agosto	21,63		24,92		15,75		23,03		23,03		24,66		22,52	
Setembro	20,52		31,60		20,00		22,60		24,42		27,44		23,93	
Outubro	21,20		32,02		18,45		24,16		24,43		24,81		24,08	
Novembro	18,21		29,96		20,68		23,21		23,10		29,52		23,40	
Dezembro	19,85		33,18		20,00		24,66		26,39		25,36		25,22	

5 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO – 1988/89

Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor da indústria de transformação, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	6,80	3,85	5,41	6,09	4,08	4,17	3,35	3,17	4,97	5,04	3,80	3,09	4,56	4,53
Fevereiro	6,72	5,74	5,99	4,55	5,04	4,38	4,43	3,89	5,72	5,32	4,57	3,16	5,37	4,77
Março	8,70	8,58	5,66	7,28	4,77	4,90	4,38	3,98	5,45	5,05	4,35	3,63	5,22	4,92
Abril	7,47	6,11	6,17	5,14	4,75	4,11	4,07	3,95	5,22	4,68	4,74	3,57	5,03	4,46
Maió	7,83		5,87		4,71		3,94		5,89		4,47		5,34	
Junho	6,27		5,73		5,04		3,82		5,45		4,62		5,06	
Julho	8,15		6,22		4,35		3,98		5,20		4,35		4,95	
Agosto	7,41		5,51		4,00		3,36		5,32		3,87		4,80	
Setembro	7,23		4,81		4,28		3,31		4,89		5,11		4,63	
Outubro	6,48		5,60		3,32		3,59		4,54		3,61		4,29	
Novembro	6,52		4,45		3,35		3,39		3,98		2,83		3,82	
Dezembro	5,34		5,60		3,63*		2,80		3,42		2,57		3,37	

NOTA – Excluídas as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

6 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL – 1988/89

Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor da construção civil, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	9,81	6,89	6,57	6,77	4,97	5,47	2,91	1,93	3,66	4,83	2,53	4,13	4,09	4,28
Fevereiro	8,70	7,03	7,31	5,05	4,05	5,04	3,00	3,44	3,63	4,80	3,54	4,57	4,06	4,57
Março	8,82	13,09	7,86	8,64	5,31	4,85	3,24	4,02	3,44	4,30	2,58	3,25	4,20	5,12
Abril	6,52	8,45	8,33	6,40	4,74	4,67	2,31	4,00	2,41	3,99	3,70	2,05	3,44	4,39
Maió	4,30		7,21		4,89		2,84		2,91		3,04		3,51	
Junho	6,02		8,18		5,56		3,55		3,10		3,10		4,08	
Julho	8,08		7,23		4,30		2,58		2,97		4,21		3,73	
Agosto	9,26		6,87		4,95		3,79		2,95		3,55		4,14	
Setembro	7,42		5,13		3,48		3,75		3,07		3,13		3,74	
Outubro	4,95		5,70		4,88		3,13		3,87		1,71		3,83	
Novembro	8,69		6,76		3,33		2,38		2,82		2,73		3,44	
Dezembro	3,57		6,37		3,37		2,55		3,18		2,68		3,23	

NOTA – Excluídas as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

7 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DO COMÉRCIO – 1988/89
 Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor do comércio, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	4,95	5,76	5,30	6,19	4,81	3,64	3,52	3,89	3,53	3,67	3,92	3,86	3,87	4,07
Fevereiro	5,08	4,79	5,47	4,04	5,10	4,77	2,75	3,62	4,27	4,31	6,31	3,60	4,18	4,12
Março	5,61	5,26	5,30	4,21	4,26	4,43	3,67	4,52	4,83	4,79	6,41	4,51	4,66	4,66
Abril	4,32	5,87	7,14	4,35	5,31	4,93	4,10	4,44	5,05	4,19	4,15	4,61	4,80	4,49
Maió	4,51		4,67		6,44		4,40		4,66		3,79		4,66	
Junho	4,44		5,07		4,91		4,12		4,08		5,34		4,36	
Julho	4,84		4,91		4,88		3,29		4,31		4,19		4,14	
Agosto	5,77		6,28		4,95		3,96		5,00		4,53		4,82	
Setembro	4,90		4,72		4,54		4,50		4,52		3,26		4,45	
Outubro	4,86		5,43		3,73		4,21		4,46		4,19		4,41	
Novembro	4,25		5,44		2,88		3,82		3,71		3,36		3,80	
Dezembro	3,71		4,32		2,94		2,54		3,38		2,90		3,14	

NOTA – Excluíve as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

8 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DOS SERVIÇOS – 1988/89
 Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor dos serviços, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS %													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	4,77	4,41	4,01	4,00	3,47	3,19	2,29	2,34	2,95	3,23	2,69	2,28	2,95	2,99
Fevereiro	4,09	4,52	3,39	3,42	3,02	2,90	3,08	2,12	3,65	3,49	3,00	2,89	3,37	3,01
Março	3,84	4,47	3,79	3,99	2,99	3,21	3,00	2,37	3,60	3,38	3,47	2,54	3,33	3,09
Abril	4,88	4,11	3,30	3,28	3,46	2,60	2,80	2,29	3,25	3,55	3,13	2,13	3,21	2,97
Maió	3,86		3,46		3,67		2,53		3,00		2,78		2,97	
Junho	3,86		4,31		3,54		2,16		2,71		3,16		2,81	
Julho	4,13		4,11		3,20		2,33		2,86		2,60		2,85	
Agosto	5,01		4,37		3,15		2,76		2,98		3,07		3,16	
Setembro	4,23		3,11		2,94		2,43		3,28		2,74		2,99	
Outubro	4,28		2,60		2,79		2,81		2,85		3,20		2,93	
Novembro	3,79		3,09		2,78		2,78		2,56		2,78		2,78	
Dezembro	3,86		3,33		2,42		2,13		2,02		2,84		2,35	

NOTA – Excluíve as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

9 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES – 1988/89
 Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor das outras atividades, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS CUJO ÚLTIMO TRABALHO FOI NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS NESTE SETOR (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	2,22	2,18	1,93	1,24	2,45	1,69	0,87	1,34	1,21	1,49	1,30	1,23	1,38	1,48
Fevereiro	2,79	3,64	1,74	1,41	1,88	2,43	1,68	1,54	1,73	2,22	1,87	1,73	1,86	2,02
Março	3,59	4,33	1,92	1,12	1,95	1,77	1,64	1,14	2,13	1,92	1,41	2,40	2,02	1,88
Abril	3,32	2,67	1,22	1,30	1,35	3,32	1,53	0,92	1,01	2,50	0,48	1,03	1,46	1,76
Maió	1,02		2,01		1,35		1,32		0,49		1,69		1,18	
Junho	0,96		1,96		3,05		1,18		0,67		1,26		1,26	
Julho	2,22		1,36		2,48		1,06		2,03		1,39		1,62	
Agosto	2,19		1,24		2,91		1,54		1,93		1,45		1,80	
Setembro	1,42		1,15		2,04		0,70		1,78		1,63		1,30	
Outubro	1,88		0,43		1,61		1,15		0,93		0,79		1,12	
Novembro	1,56		0,30		1,17		1,37		0,46		0,91		1,01	
Dezembro	2,25		1,42		1,82		0,59		1,41		0,76		1,17	

NOTA – Excluíve as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

10 – TAXA DE DESEMPREGO (30 DIAS) – 1988/89
Pessoas desocupadas, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – 30 dias

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	6,70	6,16	5,15	5,62	4,82	4,73	3,27	3,23	4,15	4,46	3,78	3,31	4,14	4,21
Fevereiro.....	6,92	6,17	5,12	4,45	4,93	4,52	3,96	3,53	5,16	4,83	4,62	3,80	4,86	4,40
Março.....	6,76	7,40	5,25	5,72	4,86	4,80	3,88	3,51	5,00	4,74	4,66	3,57	4,76	4,53
Abril.....	6,20	6,35	5,46	4,70	4,68	4,51	3,55	3,44	4,43	4,55	4,30	3,16	4,36	4,24
Maió.....	5,26		5,00		5,06		3,42		4,63		4,01		4,32	
Junho.....	5,33		5,45		5,00		3,37		4,18		4,45		4,18	
Julho.....	6,36		5,14		4,70		3,29		4,29		4,09		4,19	
Agosto.....	6,84		5,46		4,77		3,44		4,41		4,11		4,36	
Setembro.....	6,07		4,02		4,33		3,46		4,43		4,02		4,19	
Outubro.....	5,58		3,82		4,07		3,48		3,99		3,58		3,91	
Novembro.....	5,48		4,28		3,57		3,24		3,55		3,20		3,60	
Dezembro.....	5,09		4,26		3,71		2,72		3,33		3,24		3,34	

11 – TAXA DE ATIVIDADE – 1988/89

Pessoas economicamente ativas em relação às pessoas de 15 anos ou mais de idade, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	54,29	54,69	59,87	60,26	62,35	63,53	57,97	58,28	62,73	63,26	61,58	62,42	60,40	60,94
Fevereiro.....	55,25	54,25	60,77	59,85	62,07	62,48	58,11	58,06	63,27	63,42	60,20	62,61	60,68	60,80
Março.....	54,44	55,88	60,55	60,14	61,92	62,77	58,07	57,48	63,77	63,20	61,57	62,90	60,89	60,72
Abril.....	54,53	55,20	60,29	59,92	62,20	62,79	58,16	57,09	63,27	63,09	61,61	62,37	60,75	60,43
Maió.....	53,93		60,22		63,13		58,41		63,59		63,12		61,18	
Junho.....	54,18		60,80		63,56		57,75		63,81		63,51		61,13	
Julho.....	54,25		61,00		62,94		58,34		63,68		63,55		61,22	
Agosto.....	56,91		63,25		64,38		59,21		65,25		64,10		62,59	
Setembro.....	56,91		62,86		64,14		59,16		65,27		63,75		62,51	
Outubro.....	56,66		63,12		63,91		59,30		64,67		63,82		62,29	
Novembro.....	57,02		62,15		63,37		59,47		64,69		64,30		62,30	
Dezembro.....	55,50		61,33		63,53		58,85		63,69		63,62		61,50	

12 – TAXA DOS OCUPADOS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO – 1988/89
Pessoas ocupadas na indústria de transformação, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	14,61	14,66	12,78	13,06	19,55	19,51	17,59	17,40	34,21	32,22	27,16	26,72	25,08	24,14
Fevereiro.....	14,16	14,41	13,04	13,09	19,59	19,06	17,33	16,69	34,15	31,99	27,46	26,67	25,01	23,76
Março.....	13,56	14,25	13,00	13,60	20,26	19,28	17,05	16,50	33,93	32,55	26,92	26,18	24,89	23,95
Abril.....	14,28	14,67	12,06	13,23	19,23	20,01	17,11	17,00	33,65	33,03	25,93	26,68	24,62	24,34
Maió.....	13,50		12,57		19,47		17,11		33,07		27,38		24,60	
Junho.....	14,00		12,42		19,42		17,07		33,33		27,17		24,63	
Julho.....	14,37		11,98		19,39		17,49		33,46		27,09		24,74	
Agosto.....	14,23		12,57		18,84		17,43		33,82		27,55		24,90	
Setembro.....	14,66		13,01		18,75		17,59		33,37		26,82		24,73	
Outubro.....	14,18		12,71		19,44		17,84		33,67		26,77		24,89	
Novembro.....	13,64		12,47		19,44		17,41		33,21		26,46		24,50	
Dezembro.....	14,27		13,28		19,02		17,44		32,23		26,07		24,10	

13 – TAXA DOS OCUPADOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL – 1988/89
 Pessoas ocupadas na construção civil, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	6,50	7,79	8,13	9,05	9,50	10,13	7,34	7,55	5,65	6,20	5,98	6,57	6,70	7,23
Fevereiro	6,65	7,22	8,75	9,00	9,58	9,89	7,18	7,19	6,09	6,16	6,09	6,09	6,91	7,02
Março	6,75	7,08	8,60	8,27	9,56	9,81	7,16	7,28	6,15	6,53	6,03	5,84	6,91	7,12
Abril	7,26	6,75	8,89	7,88	9,72	9,00	7,28	7,53	6,34	6,16	6,20	6,07	7,10	6,95
Maio	7,09		8,33		10,07		7,37		6,28		5,89		7,06	
Junho	7,09		8,81		10,06		7,06		6,39		5,92		7,05	
Julho	6,85		8,92		10,63		7,24		6,20		6,06		7,07	
Agosto	6,66		8,99		10,12		7,40		6,84		5,81		7,32	
Setembro	6,60		9,27		10,44		7,44		6,52		5,79		7,23	
Outubro	6,62		8,79		9,94		7,56		6,66		6,13		7,29	
Novembro	7,32		8,98		10,48		7,28		6,54		6,16		7,26	
Dezembro	7,73		8,82		10,60		7,68		6,26		6,49		7,31	

14 – TAXA DOS OCUPADOS NO COMÉRCIO – 1988/89
 Pessoas ocupadas no comércio, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	16,75	17,21	14,47	15,50	12,30	13,77	13,46	13,09	13,46	13,70	14,64	15,08	13,70	13,95
Fevereiro	16,47	16,88	14,89	14,60	12,36	13,38	12,97	13,52	13,48	13,80	13,87	14,21	13,51	13,95
Março	16,11	16,14	14,50	15,36	12,49	13,62	13,08	13,43	12,69	13,90	13,51	15,11	13,27	14,06
Abril	16,52	16,26	14,47	16,26	12,85	13,81	13,11	12,99	12,80	13,77	15,43	14,85	13,40	13,92
Maio	15,86		14,45		13,20		12,76		13,08		14,82		13,35	
Junho	16,18		14,98		12,85		12,87		12,62		14,30		13,18	
Julho	17,08		14,83		13,07		12,97		13,46		14,63		13,67	
Agosto	16,37		14,59		13,65		12,52		12,79		14,64		13,26	
Setembro	16,21		13,63		13,03		12,77		12,71		14,68		13,18	
Outubro	17,22		14,61		12,84		12,61		12,77		14,96		13,28	
Novembro	17,24		14,99		13,36		12,56		12,67		14,95		13,30	
Dezembro	17,19		14,97		13,86		13,72		13,23		15,63		13,95	

15 – TAXA DOS OCUPADOS NOS SERVIÇOS – 1988/89
 Pessoas ocupadas em serviços, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	48,14	47,13	52,49	51,51	51,05	49,30	52,00	52,39	42,13	43,52	43,18	42,36	46,87	47,23
Fevereiro	48,80	47,82	51,78	51,74	50,93	50,21	53,02	52,78	41,78	43,55	42,91	43,61	47,00	47,59
Março	49,06	48,66	51,95	51,58	49,98	49,79	52,93	53,05	42,30	42,30	43,94	43,56	47,15	47,12
Abril	47,59	48,32	52,23	51,44	50,57	50,07	52,49	52,53	42,62	42,31	43,10	43,00	47,07	46,96
Maio	49,58		52,17		49,98		52,86		43,02		42,96		47,36	
Junho	48,06		51,93		50,54		53,17		43,20		44,03		47,57	
Julho	47,49		51,95		49,89		52,99		42,50		43,87		47,11	
Agosto	48,32		52,74		50,03		53,33		42,52		43,83		47,32	
Setembro	47,12		52,20		50,18		52,74		43,04		44,65		47,35	
Outubro	47,47		52,05		50,35		52,44		42,67		43,71		47,09	
Novembro	47,83		51,87		49,66		53,13		43,28		43,78		47,51	
Dezembro	47,63		51,16		49,20		51,77		43,95		42,80		47,25	

16 – TAXA DOS OCUPADOS EM OUTRAS ATIVIDADES – 1988/89
Pessoas ocupadas em outras atividades, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	14,00	13,18	12,13	10,86	7,60	7,26	9,61	9,56	4,56	4,34	9,04	9,23	7,64	7,42
Fevereiro	13,92	13,65	11,54	11,54	7,55	7,44	9,50	9,80	4,50	4,47	9,67	9,40	7,57	7,66
Março	14,53	13,84	11,95	11,17	7,72	7,48	9,78	9,72	4,66	4,70	9,60	9,28	7,79	7,72
Abril	14,34	13,97	12,34	11,16	7,62	7,28	10,01	9,92	4,59	4,72	9,36	9,38	7,81	7,80
Maió	13,96		12,48		7,28		9,90		4,55		8,96		7,63	
Junho	14,68		11,86		7,13		9,84		4,46		8,58		7,58	
Julho	14,21		12,33		7,22		9,33		4,38		8,36		7,41	
Agosto	14,42		11,10		7,36		9,32		4,03		8,16		7,21	
Setembro	15,41		11,90		7,60		9,46		4,36		8,06		7,51	
Outubro	14,51		11,84		7,44		9,54		4,23		8,43		7,45	
Novembro	13,96		11,69		7,08		9,62		4,29		8,65		7,45	
Dezembro	13,18		11,76		7,31		9,39		4,33		9,02		7,40	

17 – TAXA DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA – 1988/89
Empregados com carteira de trabalho assinada, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	48,61	48,74	54,76	52,43	55,48	54,91	54,26	55,43	61,54	61,67	60,72	61,22	57,61	57,89
Fevereiro	47,67	49,48	54,60	53,23	56,15	55,49	54,54	55,08	60,78	62,08	61,05	61,02	57,38	58,07
Março	47,85	49,94	54,40	53,31	55,30	55,46	54,86	54,80	61,51	61,68	59,77	60,26	57,67	57,79
Abril	47,89	49,23	52,88	54,94	55,33	55,84	54,22	55,29	61,41	62,10	59,26	59,96	57,32	58,16
Maió	49,00		51,91		55,41		54,63		61,48		59,80		57,63	
Junho	48,03		52,46		54,67		54,89		61,32		60,07		57,52	
Julho	48,47		53,59		55,24		54,38		61,32		60,00		57,48	
Agosto	48,52		55,03		55,85		53,70		61,19		60,30		57,38	
Setembro	49,66		55,17		55,65		53,97		60,73		60,18		57,31	
Outubro	49,84		54,26		56,44		54,56		61,54		59,63		57,79	
Novembro	48,48		54,35		56,44		54,32		62,09		59,16		57,83	
Dezembro	48,52		53,28		55,88		55,36		61,82		59,72		57,95	

18 – TAXA DOS CONTA-PRÓPRIAS SEM RENDIMENTOS – 1988/89
Conta-próprias que, efetivamente, não receberam rendimento de todos os trabalhos, no mês de referência, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CONTA-PRÓPRIAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	1,00	1,24	0,20	0,45	1,55	1,53	0,57	0,54	0,76	0,79	0,88	0,85	0,76	0,79
Fevereiro	1,55	1,16	0,27	0,61	1,76	1,91	0,69	0,64	0,89	0,88	1,18	1,22	0,94	0,93
Março	1,21	1,41	0,42	0,42	1,40	1,66	0,56	0,51	0,85	0,91	1,32	1,34	0,85	0,90
Abril	1,15	1,04	0,33	0,44	1,58	1,69	0,49	0,40	0,74	0,79	1,02	1,16	0,77	0,78
Maió	0,64		0,29		1,20		0,60		0,85		1,13		0,79	
Junho	0,81		0,25		1,40		0,46		0,73		0,92		0,71	
Julho	1,02		0,28		1,24		0,45		0,55		1,19		0,65	
Agosto	1,16		0,43		1,57		0,38		0,73		0,94		0,73	
Setembro	1,24		0,32		1,24		0,54		0,77		0,93		0,76	
Outubro	0,93		0,36		1,08		0,42		0,72		1,14		0,69	
Novembro	1,02		0,36		1,17		0,59		0,66		0,89		0,70	
Dezembro	1,23		0,43		1,32		0,52		0,56		0,99		0,68	

**19 – TAXA DOS CONTA-PRÓPRIAS COM MENOS DE UM PISO NACIONAL DE SALÁRIOS
1988/89**

Conta-próprias que, efetivamente, receberam rendimento de todos os trabalhos, no mês de referência, inferior a um piso nacional de salário, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CONTA-PRÓPRIAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	8,40	11,28	8,43	8,62	5,65	7,62	5,53	6,10	1,65	2,45	3,42	4,14	4,07	5,01
Fevereiro.....	9,57	10,71	9,00	9,13	6,03	7,46	5,38	6,11	2,16	2,79	4,08	3,41	4,42	5,08
Março.....	10,17	10,37	8,61	8,42	6,77	6,95	5,14	5,60	2,20	2,72	4,17	3,73	4,44	4,83
Abril.....	10,15	10,26	8,63	7,78	6,90	6,50	5,77	4,35	2,42	2,13	4,41	3,19	4,75	4,10
Mai.....	8,67		8,98		6,11		5,08		2,11		4,65		4,25	
Junho.....	9,85		8,96		6,70		4,88		2,20		4,16		4,35	
Julho.....	10,52		9,80		7,05		5,75		2,52		4,64		4,91	
Agosto.....	10,37		8,83		6,77		5,81		2,32		4,64		4,77	
Setembro.....	10,16		9,13		6,88		5,78		2,34		4,36		4,76	
Outubro.....	9,35		8,66		5,47		5,39		1,95		3,62		4,23	
Novembro.....	10,47		9,16		6,26		5,82		2,50		4,16		4,81	
Dezembro.....	10,52		9,47		7,36		6,04		2,73		3,99		5,06	

NOTA – A partir de setembro de 1987, o piso nacional de salários substituiu o salário mínimo.

20 – TAXA DOS DESEMPREGADOS E OCUPADOS COM MENOS DE UM PISO NACIONAL DE SALÁRIOS – 1988/89

Pessoas desocupadas e pessoas ocupadas que, efetivamente, não receberam rendimento ou auferiram remuneração de todos os trabalhos, no mês de referência, inferior a um piso nacional de salários, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS E PESSOAS OCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	30,78	33,70	24,42	28,18	23,55	24,76	16,86	19,33	12,63	15,46	15,65	17,15	16,85	19,42
Fevereiro.....	35,21	33,79	25,75	26,85	25,31	24,82	18,94	20,98	15,12	17,21	19,58	18,04	19,29	20,64
Março.....	35,59	34,75	26,97	25,44	28,27	24,03	19,24	18,51	16,10	16,36	19,72	17,16	20,14	19,45
Abril.....	34,35	30,53	26,86	22,84	27,67	22,57	20,46	15,42	15,74	13,87	20,05	14,74	20,24	16,76
Mai.....	29,11		25,27		26,35		18,09		15,30		18,70		18,63	
Junho.....	32,88		28,53		27,88		17,56		14,74		18,01		18,82	
Julho.....	34,86		28,73		26,09		19,01		15,05		18,87		19,42	
Agosto.....	34,58		28,27		25,77		19,02		15,63		18,80		19,65	
Setembro.....	32,53		27,47		24,46		18,29		15,40		18,30		19,01	
Outubro.....	31,91		26,08		22,33		16,95		14,17		16,67		17,68	
Novembro.....	32,52		26,97		22,99		18,96		14,35		16,43		18,48	
Dezembro.....	30,88		26,72		22,92		17,94		13,58		16,13		17,68	

NOTA – A partir de setembro de 1987, o piso nacional de salários substituiu o salário mínimo.

21 – RENDIMENTO MÉDIO DAS PESSOAS OCUPADAS

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, das pessoas ocupadas que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1988												
Janeiro	12 086	15 006	15 236	16 470	21 107	15 328	1,72	2,14	2,17	2,34	3,01	2,18
Fevereiro.....	13 737	17 740	17 424	20 160	25 361	18 894	1,69	2,18	2,14	2,48	3,12	2,32
Março.....	16 869	21 252	20 442	23 557	30 468	21 952	1,75	2,21	2,13	2,45	3,17	2,28
Abril.....	19 442	24 728	23 813	27 982	36 153	25 271	1,71	2,17	2,09	2,46	3,18	2,22
Maió.....	21 661	27 175	27 971	32 869	43 754	32 567	1,61	2,02	2,08	2,45	3,26	2,42
Junho.....	26 173	32 714	33 824	38 462	51 440	38 965	1,59	1,99	2,06	2,34	3,13	2,37
Julho.....	35 349	44 391	43 123	46 926	64 361	48 093	1,75	2,19	2,13	2,32	3,18	2,38
Agosto.....	44 444	54 344	53 314	60 509	80 053	61 934	1,82	2,23	2,19	2,48	3,28	2,54
Setembro.....	55 311	69 951	66 173	75 707	99 057	77 936	1,79	2,26	2,14	2,44	3,20	2,52
Outubro.....	66 948	89 930	82 344	95 036	125 463	97 332	1,70	2,29	2,10	2,42	3,20	2,48
Novembro.....	92 632	119 673	113 354	135 112	171 550	134 338	1,84	2,38	2,25	2,69	3,41	2,67
Dezembro.....	132 631	153 610	175 704	191 760	250 083	197 964	2,05	2,38	2,72	2,97	3,87	3,06
1989												
Janeiro (2)....	150,93	174,02	195,54	213,00	257,17	221,62	1,72	1,99	2,23	2,43	2,94	2,53
Fevereiro.....	176,37	197,46	208,77	241,47	295,80	246,59	1,73	1,94	2,05	2,37	2,91	2,43
Março.....	188,92	215,88	237,67	264,58	336,91	280,50	1,75	2,00	2,21	2,46	3,13	2,60

NOTA – Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

22 – RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos empregados com carteira de trabalho assinada que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1988												
Janeiro	13 905	17 808	16 134	17 476	20 934	14 536	1,98	2,53	2,30	2,49	2,98	2,07
Fevereiro.....	16 380	20 334	18 384	20 975	25 229	17 847	2,01	2,50	2,26	2,58	3,10	2,19
Março.....	19 913	25 415	21 976	24 628	29 458	20 726	2,07	2,65	2,29	2,56	3,07	2,16
Abril.....	23 615	29 573	26 170	29 248	35 297	24 312	2,08	2,60	2,30	2,57	3,11	2,14
Maió.....	26 350	32 499	30 355	34 485	43 888	31 080	1,96	2,42	2,26	2,57	3,27	2,31
Junho.....	30 503	40 431	35 916	40 697	51 800	38 270	1,85	2,46	2,18	2,48	3,15	2,33
Julho.....	40 212	52 411	45 474	50 628	63 486	47 191	1,99	2,59	2,25	2,50	3,14	2,33
Agosto.....	50 266	65 727	55 323	64 176	80 127	61 284	2,06	2,69	2,27	2,63	3,29	2,51
Setembro.....	62 442	83 119	71 753	81 465	99 694	75 829	2,02	2,68	2,32	2,63	3,22	2,45
Outubro.....	79 379	111 004	89 819	104 248	128 498	94 386	2,02	2,83	2,29	2,66	3,27	2,40
Novembro.....	107 249	140 351	126 929	142 880	180 635	133 257	2,13	2,79	2,52	2,84	3,59	2,65
Dezembro.....	158 142	188 117	202 688	208 851	273 778	200 795	2,45	2,91	3,14	3,23	4,24	3,11
1989												
Janeiro (2)....	176,42	207,46	207,80	224,74	265,20	214,71	2,01	2,37	2,37	2,57	3,03	2,45
Fevereiro.....	203,03	227,64	223,28	247,14	296,56	224,15	2,00	2,24	2,20	2,43	2,92	2,20
Março.....	206,02	255,88	249,27	265,62	334,42	248,80	1,91	2,38	2,31	2,47	3,11	2,31

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

23 — RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS SEM CARTEIRA

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos empregados sem carteira de trabalho assinada que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência — 1988/89

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base — março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1988												
Janeiro	8 231	10 745	12 073	14 023	14 978	15 812	1,17	1,53	1,72	2,00	2,13	2,25
Fevereiro	9 946	13 235	13 276	17 942	18 449	19 985	1,22	1,63	1,63	2,20	2,27	2,46
Março	11 974	15 136	14 886	21 549	23 453	22 966	1,24	1,57	1,55	2,24	2,44	2,39
Abril	13 473	16 560	16 091	24 859	26 222	24 558	1,18	1,45	1,41	2,19	2,31	2,16
Maio	14 142	20 137	18 321	28 889	31 575	28 828	1,05	1,50	1,36	2,15	2,35	2,14
Junho	16 697	21 527	22 306	32 975	36 614	34 889	1,01	1,31	1,35	2,01	2,23	2,12
Julho	23 391	22 790	28 889	37 807	46 123	40 941	1,15	1,12	1,43	1,87	2,28	2,02
Agosto	30 447	31 351	34 713	49 720	56 130	56 952	1,25	1,28	1,42	2,04	2,30	2,33
Setembro	36 486	40 666	44 396	59 453	66 637	71 023	1,18	1,31	1,43	1,92	2,15	2,29
Outubro	42 656	49 343	50 100	70 472	84 023	96 264	1,08	1,25	1,27	1,79	2,14	2,45
Novembro	63 560	71 807	75 818	114 622	108 283	130 758	1,26	1,43	1,51	2,28	2,15	2,60
Dezembro	89 184	84 263	115 912	151 465	153 590	181 011	1,38	1,30	1,79	2,34	2,38	2,80
1989												
Janeiro (2)	94,82	100,81	144,03	174,98	174,91	223,55	1,08	1,15	1,64	2,00	2,00	2,55
Fevereiro	117,05	133,29	150,93	201,15	220,13	270,96	1,15	1,31	1,48	1,98	2,16	2,66
Março	119,69	136,40	157,46	222,19	251,20	283,21	1,11	1,27	1,46	2,06	2,33	2,63

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

24 — RENDIMENTO MÉDIO DOS CONTA-PRÓPRIAS

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos conta-próprias que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência 1988/89

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base — março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1988												
Janeiro	7 396	8 767	10 279	12 009	18 235	12 393	1,05	1,25	1,46	1,71	2,60	1,76
Fevereiro	8 746	10 252	12 397	14 094	20 308	14 124	1,07	1,26	1,52	1,73	2,50	1,73
Março	10 129	12 640	14 465	16 255	24 015	16 578	1,05	1,31	1,50	1,69	2,50	1,72
Abril	12 910	14 671	16 580	19 180	27 998	19 615	1,13	1,29	1,46	1,69	2,46	1,72
Maio	14 537	15 504	20 366	22 289	34 592	25 249	1,08	1,15	1,51	1,66	2,57	1,88
Junho	16 903	18 019	23 155	27 088	43 141	30 109	1,03	1,09	1,41	1,65	2,62	1,83
Julho	22 314	24 651	29 724	30 110	52 127	36 674	1,10	1,22	1,47	1,49	2,58	1,81
Agosto	27 057	28 981	39 359	38 653	85 101	47 065	1,11	1,19	1,61	1,58	2,67	1,93
Setembro	34 129	35 694	44 137	47 700	80 651	62 396	1,10	1,15	1,42	1,54	2,60	2,01
Outubro	40 952	50 040	53 831	59 097	91 391	70 638	1,04	1,27	1,37	1,50	2,33	1,80
Novembro	53 690	65 674	71 785	88 735	131 554	100 723	1,06	1,30	1,42	1,76	2,61	2,00
Dezembro	75 705	87 309	103 757	110 375	169 471	133 644	1,17	1,35	1,60	1,71	2,62	2,07
1989												
Janeiro (2)	103,95	100,14	118,81	139,85	191,77	163,97	1,19	1,14	1,36	1,60	2,19	1,87
Fevereiro	115,81	132,06	150,98	157,48	227,95	193,11	1,14	1,30	1,48	1,55	2,24	1,90
Março	120,77	136,14	175,85	191,60	257,50	247,22	1,12	1,26	1,63	1,78	2,39	2,30

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

25 – PESSOAS DESOCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS						Total
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	
1988							
Janeiro	62 925	40 944	61 802	126 902	282 700	42 603	617 876
Fevereiro	62 688	41 236	60 588	151 354	333 246	49 613	698 725
Março	63 748	44 188	58 230	151 217	322 453	51 441	691 277
Abril	60 918	44 663	60 776	143 449	298 963	46 769	655 538
Maió	52 085	40 276	67 537	141 240	308 329	44 612	654 079
Junho	49 610	45 582	66 197	134 408	291 697	51 197	638 691
Julho	59 356	43 111	60 662	134 970	289 426	44 231	631 758
Agosto	66 908	48 673	63 101	151 863	322 499	48 371	701 415
Setembro	61 038	35 794	55 771	143 749	306 856	46 386	649 594
Outubro	56 652	35 156	54 276	148 672	283 772	43 187	621 715
Novembro	56 265	36 696	46 362	140 004	245 018	38 068	562 411
Dezembro	49 322	36 633	46 474	110 265	208 195	36 324	487 213
1989							
Janeiro	60 440	46 057	62 954	134 523	308 260	37 907	650 141
Fevereiro	58 555	35 509	58 477	138 069	335 208	43 751	669 569
Março	73 222	45 700	61 355	147 059	328 871	43 490	689 697
Abril	61 994	39 873	58 220	143 621	314 690	38 202	656 600

26 – PESSOAS DESOCUPADAS, QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE						Total
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	
1988							
Janeiro	11 389	4 832	7 537	9 096	19 655	4 600	57 109
Fevereiro	13 711	5 094	8 092	10 827	21 967	4 891	64 582
Março	12 067	4 430	6 576	6 906	20 560	5 066	55 605
Abril	9 637	5 246	5 448	9 378	14 818	4 212	48 739
Maió	8 276	5 883	6 459	12 249	17 756	4 113	54 736
Junho	8 026	4 074	6 433	14 189	17 749	4 034	54 505
Julho	8 322	4 273	5 840	14 981	12 849	3 394	49 659
Agosto	9 381	5 216	7 038	15 085	23 474	4 272	64 466
Setembro	11 136	2 792	5 424	16 361	15 287	2 412	53 412
Outubro	8 806	2 748	7 150	9 208	12 495	2 450	42 857
Novembro	8 494	3 420	3 610	6 911	14 136	2 523	39 094
Dezembro	8 388	1 626	4 306	9 126	11 006	2 267	36 719
1989							
Janeiro	8 712	5 211	9 845	13 232	19 883	2 836	59 719
Fevereiro	8 459	3 763	5 286	13 041	23 842	4 895	59 286
Março	11 254	4 777	6 324	11 889	23 962	2 869	61 075
Abril	10 918	6 585	6 929	13 258	22 307	2 441	62 438

27 – PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Janeiro	1 031 555	864 865	1 419 554	4 536 078	7 083 836	1 210 931	16 146 819
Fevereiro	1 044 764	869 582	1 412 386	4 522 622	7 138 108	1 186 582	16 174 044
Março	1 025 690	878 456	1 400 495	4 513 670	7 169 389	1 214 584	16 202 284
Abril	1 027 870	874 489	1 409 877	4 533 539	7 131 817	1 220 193	16 197 785
Maió	1 027 568	870 378	1 430 958	4 558 966	7 158 270	1 249 400	16 295 540
Junho	1 025 942	884 743	1 453 037	4 520 599	7 221 737	1 261 378	16 367 436
Julho	1 029 039	882 075	1 448 559	4 583 176	7 263 781	1 263 252	16 442 882
Agosto	1 069 815	925 481	1 478 956	4 637 315	7 489 059	1 279 133	16 879 759
Setembro	1 080 029	924 685	1 489 107	4 623 036	7 492 196	1 287 649	16 896 702
Outubro	1 086 412	933 597	1 497 644	4 661 097	7 418 766	1 290 934	16 888 450
Novembro	1 103 483	916 826	1 490 391	4 706 522	7 441 926	1 301 681	16 960 829
Dezembro	1 072 781	900 243	1 497 586	4 680 157	7 328 302	1 291 319	16 770 388
1989							
Janeiro	1 058 470	883 626	1 493 848	4 651 410	7 352 505	1 261 529	16 701 388
Fevereiro	1 045 247	880 222	1 462 760	4 621 794	7 389 962	1 268 092	16 668 077
Março	1 068 434	891 191	1 458 268	4 574 272	7 375 942	1 281 693	16 649 800
Abril	1 064 577	890 864	1 461 691	4 535 632	7 336 677	1 277 379	16 566 820

28 – PESSOAS OCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Janeiro	968 629	823 921	1 357 751	4 409 176	6 801 134	1 168 327	15 528 938
Fevereiro	982 075	828 346	1 351 797	4 371 268	6 804 862	1 136 969	15 475 317
Março	961 942	834 267	1 342 265	4 362 454	6 846 936	1 163 143	15 511 007
Abril	966 953	829 825	1 349 100	4 390 091	6 832 853	1 173 422	15 542 244
Maió	975 482	830 102	1 363 421	4 417 725	6 849 941	1 204 788	15 641 459
Junho	976 333	839 161	1 386 840	4 386 190	6 930 038	1 210 180	15 728 742
Julho	969 683	838 963	1 387 897	4 448 207	6 947 351	1 219 020	15 811 121
Agosto	1 002 907	876 808	1 415 855	4 485 452	7 166 560	1 230 762	16 178 344
Setembro	1 018 990	888 891	1 433 336	4 479 287	7 185 340	1 241 263	16 247 107
Outubro	1 029 759	898 441	1 443 368	4 512 425	7 134 994	1 247 747	16 266 734
Novembro	1 047 218	880 130	1 444 029	4 566 517	7 196 909	1 263 615	16 398 418
Dezembro	1 023 459	863 610	1 451 112	4 569 892	7 120 107	1 254 995	16 283 175
1989							
Janeiro	998 029	837 569	1 430 895	4 516 887	7 044 245	1 223 622	16 051 247
Fevereiro	986 692	844 713	1 404 284	4 483 725	7 054 754	1 224 341	15 998 509
Março	995 213	845 492	1 396 913	4 427 213	7 047 071	1 238 204	15 950 106
Abril	1 002 583	850 991	1 403 471	4 392 011	7 021 987	1 239 177	15 910 220

29 – PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Janeiro	139 604	105 269	264 046	788 882	2 331 933	304 464	3 934 198
Fevereiro	138 653	107 438	264 753	762 204	2 325 951	294 765	3 893 764
Março	129 561	108 768	271 573	752 152	2 331 540	300 478	3 894 072
Abril	139 955	99 778	258 370	760 028	2 304 677	298 570	3 861 378
Maió	132 680	102 915	268 493	769 970	2 254 723	315 743	3 844 524
Junho	136 385	103 962	269 586	758 998	2 295 883	318 298	3 883 112
Julho	137 248	104 724	271 481	780 227	2 304 117	324 224	3 922 021
Agosto	144 542	109 995	268 705	785 948	2 420 023	332 465	4 061 678
Setembro	150 753	115 442	270 246	790 099	2 390 893	327 202	4 044 635
Outubro	147 313	114 263	281 682	813 468	2 398 470	328 534	4 083 730
Novembro	144 179	109 787	281 997	800 589	2 385 509	328 742	4 050 803
Dezembro	147 220	114 956	277 717	806 151	2 289 823	321 882	3 957 749
1989							
Janeiro	146 394	109 393	279 260	786 283	2 270 001	326 982	3 918 313
Fevereiro	142 234	110 590	267 757	748 536	2 256 986	326 642	3 852 745
Março	141 899	115 036	269 328	730 878	2 294 044	324 264	3 875 449
Abril	147 143	112 636	280 878	746 964	2 319 417	330 698	3 937 736

30 – PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Janeiro	62 141	65 684	128 261	321 743	383 479	66 811	1 028 119
Fevereiro	64 301	71 297	126 302	310 195	411 526	66 984	1 050 605
Março	62 633	69 945	125 209	311 608	413 379	68 655	1 051 429
Abril	67 609	73 041	126 075	322 638	422 204	70 574	1 082 141
Maió	64 918	67 651	134 213	328 278	412 801	68 729	1 076 590
Junho	66 427	72 571	135 459	302 937	428 979	69 117	1 075 490
Julho	62 230	70 113	142 862	318 629	419 319	72 722	1 085 875
Agosto	66 472	78 114	143 058	336 983	486 573	72 398	1 183 598
Setembro	66 823	81 797	149 569	340 181	465 065	72 601	1 176 036
Outubro	67 620	78 119	143 467	342 621	470 701	77 231	1 179 759
Novembro	76 574	78 874	150 609	332 827	469 100	78 348	1 186 132
Dezembro	79 072	75 273	153 532	348 660	444 781	82 247	1 183 565
1989							
Janeiro	77 777	75 852	145 088	341 146	437 043	80 505	1 157 411
Fevereiro	71 267	76 107	138 929	322 397	434 756	74 579	1 118 035
Março	70 538	69 931	137 119	322 429	460 422	72 365	1 132 804
Abril	67 692	67 100	126 403	331 043	432 847	75 293	1 100 378

31 – PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Janeiro	161 945	118 707	186 787	595 174	914 309	172 164	2 129 086
Fevereiro	161 570	122 824	167 339	563 310	912 085	157 289	2 084 417
Março	156 486	119 440	167 791	562 580	880 969	156 215	2 043 481
Abril.....	157 940	117 987	173 169	568 378	868 246	180 465	2 066 185
Maió	155 699	121 365	178 707	559 222	892 103	179 003	2 086 099
Junho.....	157 938	123 511	177 170	561 505	875 950	173 204	2 069 278
Julho.....	164 428	125 820	178 816	575 550	936 482	178 108	2 159 204
Agosto	163 908	128 101	193 230	558 789	917 207	181 283	2 142 518
Setembro.....	165 281	121 620	186 918	567 005	913 889	163 238	2 137 951
Outubro.....	177 439	131 458	185 587	567 323	913 596	188 227	2 163 610
Novembro.....	180 446	132 080	193 122	573 999	913 463	189 598	2 182 708
Dezembro.....	176 214	129 415	201 121	626 148	942 140	196 112	2 271 150
1989							
Janeiro	171 856	129 876	197 071	591 546	965 395	184 634	2 240 378
Fevereiro	166 606	123 406	187 996	606 457	974 023	174 045	2 232 533
Março	160 682	129 899	190 322	594 770	979 875	187 195	2 242 743
Abril.....	163 097	138 450	191 152	570 760	966 955	184 032	2 214 446

32 – PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Janeiro	469 576	435 828	695 028	2 284 240	2 864 789	519 693	7 269 154
Fevereiro	481 443	429 641	691 383	2 322 286	2 845 695	507 393	7 277 841
Março	472 531	436 441	671 853	2 314 567	2 900 819	523 479	7 319 690
Abril.....	462 320	442 109	686 483	2 306 945	2 922 150	514 457	7 334 464
Maió	483 945	439 965	683 543	2 330 265	2 974 844	531 743	7 444 305
Junho.....	472 039	444 915	706 074	2 337 092	3 016 897	544 541	7 521 558
Julho.....	468 643	437 940	694 792	2 367 155	2 980 242	542 139	7 490 911
Agosto	483 850	462 752	706 895	2 388 213	3 053 252	543 152	7 638 114
Setembro.....	479 678	464 439	717 704	2 362 218	3 101 478	557 509	7 683 026
Outubro.....	488 871	468 209	725 363	2 360 950	3 049 141	548 212	7 640 746
Novembro.....	500 876	456 618	716 070	2 422 755	3 118 712	557 002	7 772 033
Dezembro.....	486 931	442 672	712 510	2 363 691	3 134 054	540 557	7 680 415
1989							
Janeiro	470 418	431 476	705 521	2 366 524	3 068 029	518 449	7 558 417
Fevereiro	471 889	437 082	705 120	2 366 667	3 072 939	533 940	7 587 637
Março	484 348	436 108	695 561	2 348 638	2 981 489	539 435	7 485 579
Abril.....	484 511	437 806	702 731	2 307 300	2 971 037	532 901	7 436 286

33 – PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Janeiro	135 360	98 431	103 626	419 136	306 622	105 193	1 168 368
Fevereiro	136 106	97 143	102 019	413 269	309 601	110 535	1 168 673
Março	140 730	99 670	105 836	421 543	320 226	114 312	1 202 317
Abril	139 125	96 907	105 001	432 098	315 573	109 354	1 198 058
Maió	138 237	98 203	98 464	429 987	315 466	109 568	1 189 925
Junho	143 542	94 198	98 550	425 657	312 326	105 018	1 179 291
Julho	137 132	100 362	99 943	406 641	307 189	101 826	1 153 093
Agosto	144 135	97 846	103 967	415 518	289 505	101 464	1 152 435
Setembro	156 455	105 592	108 899	419 783	314 017	100 713	1 205 459
Outubro	148 516	106 392	107 288	428 062	303 087	105 543	1 198 888
Novembro	145 143	102 972	102 230	436 348	310 126	109 925	1 206 744
Dezembro	134 022	101 295	106 231	425 242	309 310	114 197	1 190 297
1989							
Janeiro	131 585	90 971	103 954	431 389	305 777	113 052	1 176 728
Fevereiro	134 696	97 529	104 482	439 667	316 051	115 135	1 207 560
Março	137 745	94 518	104 582	430 499	331 241	114 944	1 213 529
Abril	140 141	94 999	102 307	435 944	331 731	116 253	1 221 375

34 – EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Janeiro	472 408	452 987	751 754	2 404 311	4 191 129	704 363	8 976 952
Fevereiro	470 765	453 474	760 522	2 394 164	4 134 232	688 720	8 901 877
Março	464 289	452 440	744 379	2 408 282	4 211 947	688 401	8 969 738
Abril	468 795	439 354	746 330	2 404 031	4 193 977	689 687	8 942 174
Maió	482 637	438 910	757 743	2 429 227	4 201 630	713 339	9 023 486
Junho	473 422	446 143	760 929	2 429 555	4 247 686	722 179	9 079 914
Julho	474 952	457 352	770 576	2 433 029	4 249 040	728 443	9 113 392
Agosto	487 609	481 524	791 109	2 415 585	4 386 947	740 068	9 302 842
Setembro	506 638	490 212	797 826	2 421 823	4 365 533	745 910	9 328 042
Outubro	513 791	486 539	814 410	2 469 428	4 392 861	743 284	9 420 313
Novembro	508 204	477 981	815 010	2 484 111	4 470 274	747 216	9 502 796
Dezembro	496 908	459 863	811 284	2 541 060	4 397 315	748 214	9 454 644
1989							
Janeiro	486 487	439 143	785 805	2 504 095	4 344 769	749 103	9 309 402
Fevereiro	488 272	449 686	779 278	2 469 952	4 380 100	747 093	9 314 381
Março	497 107	450 747	774 830	2 426 376	4 346 778	746 188	9 242 026
Abril	493 619	467 612	783 743	2 428 752	4 361 239	743 070	9 278 035

35 – POPULAÇÃO RESIDENTE, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS
MESES DA PESQUISA – 1988/89

ANOS E MESES DA PESQUISA	POPULAÇÃO RESIDENTE						Total
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	
1988							
Janeiro.....	2 858 411	2 275 033	3 377 577	10 798 688	16 367 222	2 818 745	38 495 676
Fevereiro.....	2 864 354	2 281 076	3 388 406	10 818 828	16 405 247	2 826 202	38 584 113
Março.....	2 870 308	2 287 125	3 399 249	10 838 957	16 443 303	2 833 666	38 672 608
Abril.....	2 876 259	2 293 182	3 410 091	10 859 104	16 481 360	2 841 138	38 761 134
Maió.....	2 882 213	2 299 246	3 420 963	10 879 241	16 519 417	2 848 610	38 849 690
Junho.....	2 888 168	2 305 306	3 431 850	10 899 396	16 557 504	2 856 097	38 938 321
Julho.....	2 894 127	2 311 373	3 442 751	10 919 541	16 595 624	2 863 584	39 027 000
Agosto.....	2 900 086	2 317 446	3 453 666	10 939 691	16 633 744	2 871 088	39 115 721
Setembro.....	2 906 049	2 323 516	3 464 596	10 959 858	16 671 863	2 878 590	39 204 472
Outubro.....	2 912 016	2 329 604	3 475 541	10 980 015	16 710 013	2 886 101	39 293 290
Novembro.....	2 917 979	2 335 689	3 486 499	11 000 176	16 748 163	2 893 618	39 382 124
Dezembro.....	2 923 946	2 341 768	3 497 488	11 020 342	16 786 344	2 901 144	39 471 032
1989							
Janeiro.....	2 929 959	2 347 895	3 508 517	11 040 650	16 824 738	2 908 712	39 560 471
Fevereiro.....	2 935 924	2 353 987	3 519 517	11 060 801	16 862 937	2 916 251	39 649 417
Março.....	2 941 899	2 360 085	3 530 544	11 080 963	16 901 123	2 923 797	39 738 411
Abril.....	2 947 868	2 366 188	3 541 568	11 101 121	16 939 329	2 931 339	39 827 413

INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA — BRASIL

Com queda de - 2,2% no comparativo abril-89/abril-88, o setor industrial experimenta neste último mês uma significativa melhora em relação ao desempenho médio do primeiro trimestre, quando acumulou decréscimo de - 7,2%. Com isso o primeiro quadrimestre assinala redução de - 5,9% frente a igual período de 1988.

Ao contrário de março, quando apenas as indústrias de papel e papelão (1,8%) e de bebidas (3,5%) assinalaram elevação no nível de produção, em abril o indicador mensal revela taxas positivas para nove gêneros, com destaque para as indústrias de matérias plásticas (16,9%), química (2,4%), ambas com retração neste tipo de indicador desde o final do ano passado, bebidas (10,5%) e fumo (9,3%). Esses quatro ramos tiveram um impacto positivo de 1,1 ponto percentual no resultado global do setor em abril (- 2,2%), insuficiente, portanto, para compensar a maior influência dos

resultados negativos em material de transporte (- 19,9%), sua segunda pior marca desde maio de 1985¹, mecânica (- 8,4%), material elétrico (- 6,2%) e metalúrgica (- 2,1%). Deve-se ressaltar, no mau desempenho destes gêneros, a influência das greves, especialmente a dos metalúrgicos de São Paulo, que refletem diretamente na performance da indústria automobilística, cuja produção de abril último foi 27,9% inferior a de igual mês do ano passado.

O indicador mensal de abril, segundo categorias de uso, tem como principal destaque o desempenho do segmento de bens de consumo não-duráveis, cuja expansão de 3,1% é a mais alta neste indicador desde os 6,6% obtidos em agosto de 1988, mês de melhor performance do setor industrial naquele ano. Esse resultado contrasta com os - 7,0% assinalados no primeiro trimestre na produção de não-duráveis. Também o segmento de bens intermediários situou-se acima da média industrial, ao retrair-se - 0,8% na comparação abril-89/abril-88, influenciado pelo comportamento positivo de vários subsetores, onde se destacam: gusa (12,7%), ferro e aço em formas

1 Observe-se que em maio-85 ocorreu a mais longa greve dos metalúrgicos do ABC paulista.

primárias (8,4%), celulose (1,6%), relativamente mais articulados às exportações; e vidro e artefatos de vidro (4,4%), artefatos de papel e papelão (13,0%), pigmentos e tintas (20,2%), laminados plásticos (19,2%) e moagem de trigo (4,6%), associados à produção interna de bens de consumo. Já a produção de bens de consumo duráveis (- 8,2%) acentua, em abril, seu ritmo de queda no indicador mensal que nos primeiros meses havia situado-se em - 0,1%. É evidente, neste quadro, o impacto das paralisações que atingiram as montadoras de veículos nos meses de março e abril do corrente ano que, somadas às dificuldades nas negociações de preços entre as empresas deste subsetor, levaram a resultados bastante desfavoráveis: no bimestre março/abril, em relação a igual período de 1988, a produção de automóveis e camionetas recuou 16,4%, a de motores e autopeças - 17,5% e a de caminhões e ônibus - 42,2%. O pior desempenho permanece com bens de capital (- 15,7% no mensal de abril), onde o quadro de retração se expressa no nível médio de produção dos primeiros quatro meses de 1989 que assinala queda de 10,5% frente a média produzida em 1981.

A elevação no nível da atividade industrial em abril fica constatada de modo inequívoco nos índices com ajustamento sazonal. Na série desses indicadores, abril assinala um nível médio bem próximo ao de setem-

bro do ano passado (118,4% e 118,7%, respectivamente), superando em 4,5% a média dos últimos seis meses (período de outubro-88 a março-89).

A Tabela A, a seguir, demonstra que o melhor desempenho da indústria em abril, face ao quadro verificado nos três primeiros meses deste ano, deve-se basicamente aos ramos industriais produtores de bens de consumo não-duráveis. Em conjunto, as indústrias farmacêutica, perfumaria, plástica, têxtil, vestuário, produtos alimentares, bebidas e fumo elevaram seu impacto na composição do crescimento global que passa de - 2,0 no primeiro trimestre para + 1,0 em abril, em termos de pontos percentuais. Por outro lado, vale destacar o comportamento de gêneros com forte participação na oferta de bens duráveis de consumo, como material de transporte e material elétrico que acentuam seus impactos negativos, provavelmente em consequência das greves de abril.

Os dados da Tabela B mostram que as principais fontes de crescimento da indústria apresentam resultados positivos (exportação, comércio e massa de rendimentos) ou queda inferior à da indústria (agropecuária). Isso demonstra como a magnitude do desempenho negativo da indústria nesse quadrimestre é muito atípica e que, portanto, dificilmente se sustentará nos próximos meses, mantido o quadro

A - COMPOSIÇÃO DO CRESCIMENTO INDUSTRIAL - COMPARAÇÃO ENTRE PERÍODOS, SEGUNDO OS GÊNEROS - 1989
(Base: igual período do ano anterior)

GÊNEROS	COMPOSIÇÃO DA TAXA		Diferença (2) - (1)
	Janeiro/março-89	Abril-89	
	Janeiro/março-88 (1)	Abril-88 (2)	
Extrativa mineral.....	-0,21	-0,21	0,00
Minerais não-metálicos.....	-0,63	-0,05	0,58
Metalúrgica.....	-0,90	-0,28	0,62
Mecânica.....	-1,69	-0,92	0,77
Material elétrico de comunicações.....	-0,28	-0,48	-0,20
Material de transporte.....	-0,60	-1,62	-1,02
Papel e papelão.....	-0,01	0,17	0,18
Borracha.....	-0,12	-0,18	-0,06
Química.....	-0,72	0,38	1,10
Farmacêutica.....	-0,36	0,05	0,41
Perfumaria, sabões e velas.....	-0,23	0,06	0,29
Produtos de matérias plásticas.....	-0,11	0,47	0,58
Têxtil.....	-0,41	0,08	0,49
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	-0,28	-0,02	0,26
Produtos alimentares.....	-0,36	0,07	0,43
Bebidas.....	-0,02	0,15	0,17
Fumo.....	-0,19	0,14	0,33
Indústria geral.....	-7,12	-2,19	4,93

atual. A razão dessa atipicidade está provavelmente associada a: redução de estoques nos meses iniciais do ano, ajustes intersetoriais após a implementação do Plano Verão (fevereiro), greve geral (março) e, em menor medida, a greve dos metalúrgicos do ABC paulista (abril).

B – TAXA DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES, COMÉRCIO, INDÚSTRIA E MASSA DE RENDIMENTOS

Janeiro/abril – 1989

(Base: igual período do ano anterior)

VARIÁVEIS	TAXA
Exportação de produtos industriais (1)	9,50
Faturamento real do comércio (SP)	3,83
Massa de rendimentos reais (SP) (2)	7,21
Agropecuária (PIB) (2)	- 1,29
Indústria	- 5,89

FONTES – CADEX, FCESP, SEADE-DIEESE-UNICAMP, IBGE-DEIND-DECNA.

(1) Segundo uma classificação compatível com a do IBGE. (2) Janeiro/março.

Os números sobre a performance do comércio varejista, devido a sua grande articulação com a indústria, são particularmente expressivos (Tabela C). A expansão das vendas, embora não generalizada, atinge diferentes faixas de produtos, tanto os de alto valor unitário (veículos), como os de consumo amplo (supermercados). Cabe observar, ainda, que o índice de abril (10,3%) é bem superior ao do acumulado janeiro/abril (3,8%), com destaque, dado seu peso, para o segmento de não-duráveis (21,6%), tal

C – TAXA DE CRESCIMENTO DO FATURAMENTO REAL DO COMÉRCIO NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO – 1989

(Base: igual período do ano anterior)

RAMOS DE ATIVIDADE	JANEIRO/ABRIL	ABRIL
Varejo bens de consumo	- 4,18	3,34
Duráveis	- 5,91	- 0,57
Lojas de departamento	4,20	9,25
Lojas de utilidades domésticas	0,36	4,73
Cine-foto-som e óticas	- 23,18	- 7,24
Móveis e decorações	- 18,89	- 24,31
Semiduráveis	- 15,65	- 15,97
Vestuário	- 16,34	- 25,01
Têxteis	18,94	25,94
Calçados	- 27,37	- 23,10
Não-duráveis	4,11	21,55
Supermercados	3,49	20,95
Farmácias e perfumarias	11,13	27,84
Concessionárias de veículos	37,27	33,04
Autopeças e acessórios	7,14	8,70
Materiais de construção	7,99	35,41
Comércio geral	3,83	10,26

FONTE – Federação do Comércio do Estado de São Paulo – FCESP.

como registrado no âmbito da atividade industrial.

Tais resultados no comércio refletem a configuração de vários fatores: antecipação de compras diante das expectativas de descongelamento; canalização para o consumo de parte dos ganhos financeiros obtidos com as elevadas taxas de juros; provável elevação da renda do setor informal da economia, própria de períodos de congelamento; e, finalmente, a evolução favorável da massa salarial real, na comparação primeiro trimestre deste ano contra igual período do ano passado, na esteira dos adiantamentos e ganhos reais obtidos após o Plano Verão.

Confrontando-se as taxas de variação da indústria e do comércio após os últimos choques de estabilização (Tabela D), nota-se que a evolução destes setores após o Plano Verão – expansão de 5,9% na indústria e de 14,2% no comércio – é muito próxima da verificada no Cruzado-incrementos de 5,1% e 14,3%, respectivamente. No caso da indústria, o patamar inicial (março de 1986 = 112,8% e média de janeiro/fevereiro de 1989 = 111,8%) foi muito próximo, indicando que o setor fabril recuperou suas perdas pós-Cruzado mais rapidamente que o comércio, o que em parte é consequência do avanço das exportações a partir de 1987, contrastando o incremento modesto da massa salarial que em março de 1989 ainda era 13,7% inferior aos níveis de março de 1986, segundo pes-

D – TAXA DE CRESCIMENTO DO COMÉRCIO E DA INDÚSTRIA NOS MESES SEGUINTE AOS DOS PLANOS DE ESTABILIZAÇÃO ÍNDICE DE BASE FIXA COM AJUSTAMENTO SAZONAL

(Indústria Base: média de 1981 = 100)

(Comércio Base: média de 1981 = 100)

ÍNDICES E TAXAS	INDÚSTRIA	COMÉRCIO
Plano Cruzado		
Março-1986	112,75	104,44
Maio-1986	118,53	119,37
Taxa de crescimento	5,13%	14,30%
Plano Bresser		
Junho/julho-1987	119,37	77,61
Setembro-1987	119,97	81,16
Taxa de crescimento	0,50%	4,57%
Plano Verão		
Janeiro/fevereiro-1989	111,79	81,78
Abril-1989	118,43	93,36
Taxa de crescimento	5,94%	14,16%

FONTES – IBGE-DEIND, IPEA/INPES (Dessazonalização dos dados de faturamento real da FCESP).

quisa do SEADE-DIEESE-UNICAMP. A expansão sempre mais rápida do comércio frente a indústria logo após os choques, deve-se ao fato de o parque manufatureiro enfrentar maiores problemas nas negociações com seus fornecedores, enquanto o comércio recebe de imediato os impactos da elevação na demanda em razão da estabilização nos preços.

O desempenho atual da indústria, cujo ímpeto recente nos índices dessazonalizados guarda algumas semelhanças com a época do início do Cruzado, deve entrar a partir de maio/junho numa nova fase. A definição da nova política salarial deverá reduzir a frequência das greves na indústria. O início

do descongelamento servirá de estímulo à produção de alguns setores e, conseqüentemente, refletirá na cadeia produtiva. Nesse sentido, notícias recentes revelam a elevação dos estoques e produtos finais na expectativa dos ganhos com aumento dos preços. Outro estímulo esperado é o início do processamento de uma expressiva safra de grãos. Por outro lado, o fim da fase de ganhos financeiros, proporcionada pelas taxas de juros acima da inflação, aliada à liberação de preços, tenderá a desestimular as vendas do comércio.

Em suma, é de se esperar um melhor desempenho industrial nos próximos dois meses sendo, no entanto, prematuro um prognóstico para o segundo semestre.

COMPOSIÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA GERAL⁽¹⁾
(Indicador Acumulado, segundo os Gêneros da Indústria)
Janeiro/Abril - 1989

GÊNEROS	COMPOSIÇÃO DA TAXA	PRODUTOS RESPONSÁVEIS (2)
Extrativa mineral.....	- 0,21	Petróleo em bruto - Carvão-de-pedra lavado ou beneficiado
Minerais não-metálicos	- 0,40	Chapas ou telhas, lisas ou corrugadas de fibrocimento - Canos, tubos e manilhas de cimento
Metalúrgica	- 0,74	Ferro e aço fundido em formas e peças - Extintores de incêndio
Mecânica	- 1,50	Tratores agrícolas de 55 a menos de 100 H.P. - Tratores - exclusive agrícolas
Material elétrico e de comunicações	- 0,33	Fios, cabos e condutores de cobre, isolados, - Fios, cabos e condutores de alumínio, nus - com ou sem alma de aço
Material de transporte.....	- 0,86	Caminhões de menos de 20 t de CMT e mais - Caminhões de menos 20 t de CMT
Papel e papelão	- 0,04	Sacos de papel Kraft - exclusive multifolhados - Papel de acabamento especial (impregnado ou revestido)
Borracha	- 0,13	Pneumáticos para caminhões e ônibus - Mangueiras, canos e tubos de borracha
Química	- 0,45	Fertilizantes compostos NPK - Adubos e fertilizantes fosfatados
Farmacêutica	- 0,26	Vitaminas dosadas - Analgésicos
Perfumaria, sabões e velas .	- 0,16	Desodorantes líquidos - Dentífricos sólidos
Produtos de matérias plásticas.....	0,03	Artigos de material plástico para mesa, copa e outros usos domésticos - Plásticos em lençol (filmes)
Têxtil.....	- 0,29	Tecidos acabados ou beneficiados, artificiais ou sintéticos - Linhas de algodão para coser e bordar
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	- 0,22	Blusas, blusões e camisas esporte de tecido - Vestidos e costumes de tecido - inclusive tecidos de malha
Produtos alimentares.....	- 0,25	Carne de bovino congelada - Açúcar refinado
Bebidas.....	- 0,02	Refrigerantes - Cervejas - inclusive chope
Fumo.....	- 0,11	Fumo em folha beneficiado (seco ou defumado) - Cigarros
Indústria geral	- 5,89	

(1) $C = (I_G - 100) \cdot K$, onde:

C = Participação do gênero na formação do total da taxa de crescimento;

I_G = Indicador do gênero; e

K = Peso do gênero no total da indústria geral.

(2) Foram destacados, em cada gênero, os dois principais produtos responsáveis pelo indicador.

ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA POR REGIÕES

Os índices regionais relativos a abril de 1989 demonstram, de modo generalizado, um melhor desempenho da atividade industrial frente aos resultados obtidos até o final do primeiro trimestre. A Tabela E revela que em abril último o indicador mensal supera os números obtidos para o período janeiro/março em todos os nove locais pesquisados. Persistem, no entanto, resultados negativos em Pernambuco (- 2,0%), Santa Catarina (- 1,0%) e São Paulo (- 5,5%). Neste último estado se observa a mais acentuada queda nos índices regionais de abril-89, sendo, inclusive, o único local abaixo da média assinalada para o Brasil (- 2,2%).

E — PRODUÇÃO INDUSTRIAL E ÍNDICES REGIONAIS, SEGUNDO OS LOCAIS — 1989

LOCAIS	Jan./mar.-89	Abr.-89	Jan./abr.-89
	Jan./mar.-88	Abr.-88	Jan./abr.-88
Nordeste	100,0	100,3	100,1
Pernambuco	92,3	98,0	93,5
Bahia	98,7	100,8	99,2
Minas Gerais	98,0	102,1	97,5
Rio de Janeiro	95,0	102,5	98,9
São Paulo	90,9	94,5	91,8
Sul	92,7	101,6	95,0
Paraná	93,3	107,4	97,3
Santa Catarina	86,7	99,0	89,8
Rio Grande do Sul	92,2	102,5	95,0
Brasil	92,9	97,8	94,1

Na tentativa de identificar fatores explicativos para esse movimento generalizado de elevação no ritmo da atividade fabril, foram confrontados os impactos na composição do crescimento de cada região no primeiro trimestre e no mês de abril (Tabela F).

A melhor performance da produção industrial no mês de abril está basicamente centrada no desempenho do segmento de bens de consumo não-duráveis, como se evidencia na Tabela F. Com exceção do Nordeste, onde o resultado da categoria foi amplamente afetado este mês pela baixa produção de açúcar refinado (em alimentares), razão provavelmente do atraso no corte de cana na região, em todos os outros locais o seu comportamento foi expressivamente favorável. Em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, onde haviam contribuído, em boa medida, para o resultado negati-

vo global do primeiro trimestre, em abril os não-duráveis revertem a tendência com significativa participação positiva na formação da taxa, destacando-se nesse sentido a contribuição de matérias plásticas nos dois últimos estados e têxtil no primeiro. Na Região Sul, embora a sua participação encontre-se ainda negativa este mês pela má performance de alimentares, em função de dificuldades no segmento de abate e preparo de carnes, não resta dúvida de que, com relação ao desempenho do primeiro trimestre, houve uma acentuada melhora no resultado da categoria.

Em síntese, com o desdobramento dos dados da indústria por região fica mais claro o impulso à atividade global do setor originado em indústrias produtoras de bens de consumo não-duráveis, fato já assinalado nos comentários para os índices a nível nacional. Passada a primeira fase de adaptações ao novo período de congelamento, essas indústrias estariam respondendo à elevação das vendas internas de não-duráveis cujo desempenho já era favorável desde meados de fevereiro. Supõe-se que entre fevereiro e março o escoamento de estoques (no âmbito da indústria e do comércio), aliado às negociações intra-industriais pós-congelamento e à ocorrência de greves, tenha adiado os impactos positivos no nível de produção.

Ressalte-se que em setores onde permaneceram atuando, em abril, alguns desses fatores anteriormente mencionados, continuam se verificando taxas significativamente negativas. Estão neste caso a indústria de material de transporte em São Paulo (- 28,8% no mensal de abril) afetada por dificuldades de abastecimento e greves, e a indústria alimentar do Rio Grande do Sul (- 12,8%) que concentra grande parte da produção de carne, produto com problemas de abastecimento.

Pernambuco

O resultado da produção industrial pernambucana apresenta em abril taxas negativas para todos os indicadores analisados: mensal (- 2,0%), acumulado (- 6,5%), 12 meses (- 8,0%), mês/mês (- 2,9%) e base fixa (- 9,5%). Apesar do fraco desempenho, este parque industrial mantém um mo-

F – INDICADORES REGIONAL DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL – COMPOSIÇÃO DA TAXA,
SEGUNDO OS GÊNEROS SELECIONADOS

GÊNEROS SELECIONADOS	LOCAIS					
	Nordeste		Minas Gerais		Rio de Janeiro	
	Acumulado janeiro/março	Mensal de abril	Acumulado janeiro/março	Mensal de abril	Acumulado janeiro/março	Mensal de abril
Gêneros típicos de consumo não-duráveis.....	0,05	-0,47	-1,02	1,52	-1,41	3,19
Perfumaria	-0,23	0,02	-	-	-0,08	0,18
Matérias plásticas.....	-0,49	-0,25	-0,16	-0,09	0,53	1,56
Têxtil.....	1,24	0,56	0,02	0,66	-1,06	-0,41
Vestuário.....	-0,29	-0,13	0,03	0,23	-0,29	0,15
Alimentares.....	0,16	-1,07	-0,38	0,20	-0,49	1,06
Bebidas.....	-0,04	0,41	-0,11	0,19	0,17	0,48
Fumo.....	-0,30	-0,01	-0,42	0,33	-0,19	0,17
Outros gêneros	-0,03	0,76	-2,97	0,56	-3,56	-0,71
Total da indústria.....	0,02	0,29	-3,99	2,08	-4,97	2,48

GÊNEROS SELECIONADOS	LOCAIS			
	São Paulo		Região Sul	
	Acumulado janeiro/março	Mensal de abril	Acumulado janeiro/março	Mensal de abril
Gêneros típicos de consumo não-duráveis.....	-1,25	1,79	-3,46	-0,07
Perfumaria	-0,31	0,10	-0,07	0,02
Matérias plásticas.....	-0,01	0,79	-0,49	0,12
Têxtil.....	-0,50	0,20	-0,76	0,13
Vestuário.....	-0,07	0,01	-0,49	0,14
Alimentares.....	-0,37	0,53	-0,72	-0,86
Bebidas.....	0,03	0,14	-0,22	-0,11
Fumo.....	-0,02	0,02	-0,71	0,49
Outros gêneros	-7,81	-7,33	-3,86	1,66
Total da indústria.....	-9,06	-5,54	-7,32	1,60

vimento de desaceleração do ritmo de queda.

Na comparação mensal (-2,0%), seis dos onze gêneros pesquisados assinalam crescimento da atividade produtiva, contra três em março e um em fevereiro. As maiores expansões foram: material elétrico e de comunicação (44,0%), bebidas (25,9%) e perfumaria, sabões e velas (22,9%). Porém, não conseguiram reverter o resultado global, pois a má performance de produtos alimentares (-20,1%), minerais não-metálicos (-10,7%) e produtos de matérias plásticas (-15,0%), foi determinante na composição da taxa deste indicador, devido, basicamente à redução na produção de açúcar refinado, frascos de vidro e placas ou chapas de material plástico, respectivamente.

Apresentando sucessivas taxas negativas desde janeiro de 1988, a comparação acumulada fecha o primeiro quadrimestre do ano com uma queda de -6,5%. Impulsionados pela baixa produção de cimento comum e pozolânico, placas ou chapas de material plástico e açúcar refinado, os seto-

res minerais não-metálicos (-21,6%), produtos de matérias plásticas (-26,3%) e produtos alimentares (-6,1%), participaram com 5,1 pontos percentuais na composição da taxa desta base de comparação. A retração da produção de açúcar refinado deve-se basicamente à exportação do açúcar cristal, conforme já mencionado nos comentários anteriores.

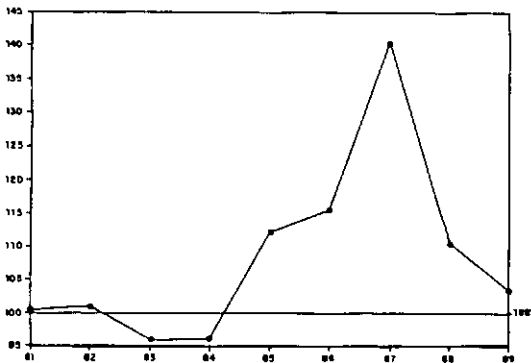
Analisando o nível da atividade industrial pernambucana, através do Gráfico 1 que compara o desempenho do primeiro quadrimestre de cada ano com a média de 1981, nota-se que o nível de produção do último quadrimestre é o mais baixo dos últimos quatro anos, estando bem próximo do patamar de 1982, dois anos de quedas sucessivas fizeram a produção baixar da marca de 140,6% em 1987 para 103,4% em 1989.

Registrando uma queda de -8,0%, a comparação anualizada apresenta ininterruptamente a sua 14.ª taxa negativa, mantendo a pior performance dentro de todas as regiões pesquisadas. No entanto, este indicador assinala desde janeiro deste ano uma nítida tendência de desaceleração do ritmo

de queda, influenciada pelo movimento de recuperação da atividade produtiva de nove dos onze setores analisados.

A série histórica dos diversos índices conjunturais da indústria pernambucana indica nestes últimos meses um comportamento oscilante nos setores não ligados à agroindústria, dado que não está assegurada a manutenção do atual movimento de recuperação do mercado interno. No que tange à agroindústria canieira, o seu comportamento não deverá influenciar os resultados globais deste Estado, devido a safra 88/89 da cana-de-açúcar ter sido praticamente toda processada.

GRÁFICO 1
DESEMPENHO EM JAN./ABR. — 1981-89
Base média de 1981 = 100



Bahia

O crescimento da indústria baiana no mês de abril foi de apenas 0,8%. Esse tímido resultado na comparação com igual mês do ano anterior, contudo, representa o seu desempenho mais favorável desde julho de 1988. Avaliando-se separadamente os ramos de atividade pesquisados no parque industrial do Estado, quatro apresentaram crescimento em relação a igual mês do ano anterior, com destaque para perfumaria, sabões e velas (17,9%) e metalúrgica (8,3%), que reverteram os resultados negativos ocorridos em março. Com relação ao primeiro gênero, pode-se afirmar que essas taxas foram influenciadas basicamente pelo produto sabão comum em massa, justificado pela grande produção direcionada ao acúmulo de estoque e estimulado pela expectativa de alteração na política de preços. No segmento metalúrgico, os produtos responsáveis pelo incremento na produção fo-

ram vergalhões, tubos e canos de aço em função do aumento na procura dos mesmos no mercado interno.

Ainda na comparação mensal, cabe assinalar a química, setor de maior peso na indústria local, com uma performance também favorável (3,4%). Entretanto, tal variação ficou aquém da verificada no mês anterior (4,7%).

A indústria alimentar, que de fevereiro (-5,0%) para março (-6,0%) intensificou ainda mais a sua queda, em abril atinge uma variação de -12,2%, superada apenas por material elétrico e de comunicações (-16,2%). Chocolate amargo e manteiga de cacau foram os determinantes na explicação desse péssimo resultado.

No que tange ao indicador acumulado no ano, com taxa de -0,8% em abril, este se mantém praticamente estável nos últimos três meses. Os resultados dos gêneros revelam que apenas três segmentos da indústria encontram-se com bom desempenho: borracha (7,7%), química (4,1%) e bebidas (3,0%). Os demais, principalmente perfumaria, sabões e velas (-25,5%) e material elétrico e de comunicações (-23,2%), permaneceram impactando negativamente, ainda que em menor escala, o resultado da indústria geral.

Minas Gerais

A indústria mineira assinala este mês, no indicador mensal, a sua primeira taxa positiva (2,1%) dos últimos sete meses. Esse desempenho levou a uma atenuação da queda na comparação acumulada (-2,5% em abril contra -4,0% em março) e a estabilização do crescimento no índice anualizado (1,0%) que estava num movimento declinante desde novembro do ano passado.

Frente a igual mês do ano anterior, registra-se expansão em oito gêneros, contra cinco em março. As maiores alterações verificaram-se em fumo (16,1%) e bebidas (15,9%), que no indicador mensal precedente atingiam contrações de -13,0% e -3,3% respectivamente. Essas duas alterações, no entanto, tiveram pouco impacto sobre o desempenho global da indústria — apenas 0,52 pontos percentuais. A performance positiva de abril foi sustentada (Tabela H) pelo acréscimo na química (28,8%),

G — INDICADOR MENSAL, SEGUNDO OS GÊNEROS SELECIONADOS — 1989

(Base: igual período do ano anterior = 100)

Bahia

GÊNEROS SELECIONADOS	1989				COMPOSIÇÃO DA TAXA (abril)
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	
Indústria geral	100,1	98,4	97,6	100,8	0,79
Metalúrgica	87,7	73,8	75,1	108,3	0,52
Química	102,4	106,0	104,7	103,4	2,19
Perfumaria sabões e velas ...	82,3	40,3	72,5	117,9	0,09
Bebidas	95,3	91,2	108,0	123,1	0,30

onde se destacaram os produtos óleo diesel (51,0%) e gasolina (20,9%). Cabe assinalar, todavia, que este resultado da química decorre, fundamentalmente, da base de comparação deprimida.

O resultado do mensal de abril (2,1%) é bem superior ao verificado no acumulado do primeiro trimestre (-4,0%). Esta melhora, de 6,1 pontos percentuais, foi consequência principalmente do desempenho da indústria metalúrgica (1,8% em abril, contra -7,5% em janeiro/março). Os segmentos que respondem por essa alteração (Tabela I) são, basicamente, os de arame de aço comum e ferronióbio. Vale ressaltar que o primeiro setor é tradicionalmente mais vinculado ao mercado interno, portanto essa evolução pode já estar refletindo o aque-

cimento das vendas provocado pelo Plano Verão.

Essa performance metalúrgica, se mantida nos próximos meses, pode abrir boas perspectivas para a indústria mineira, visto que esta é a única, juntamente com a do Paraná, que ainda registra crescimento no acumulado 12 meses (1,0%), que é sustentado exatamente por esse gênero, cuja influência no resultado global é de 1,62 pontos percentuais.

Rio de Janeiro

O crescimento de 2,5% em abril, relativamente a igual mês do ano anterior, representa para a indústria do Estado do Rio de Janeiro o primeiro resultado positivo em

H — COMPOSIÇÃO DA TAXA DOS INDICADORES ACUMULADO E MENSAL — 1989

Minas Gerais

GÊNEROS	ACUMULADO JANEIRO/MARÇO (1)	MENSAL ABRIL (2)	DIFERENÇA (2) - (1)
Extrativa mineral	0,02	-0,42	-0,44
Minerais não-metálicos	-0,81	-0,54	0,27
Metalúrgica	-2,59	0,63	3,22
Material elétrico e de comunicações	-0,68	-1,34	-0,66
Material de transporte	0,53	-0,33	-0,86
Papel e papelão	-0,06	0,01	0,07
Química	0,62	2,55	1,93
Produtos de matérias plásticas	-0,16	-0,09	0,07
Têxtil	0,02	0,66	0,64
Vestuário calçados e artefatos de tecido	0,03	0,23	0,20
Produtos alimentares	-0,38	0,20	0,58
Bebidas	-0,11	0,19	0,30
Fumo	-0,42	0,33	0,75
Indústria geral	-3,99	2,08	6,07

I — COMPOSIÇÃO DO INDICADOR MENSAL E ACUMULADO DA METALÚRGICA — 1989

PRODUTOS	ACUMULADO JANEIRO/MARÇO		MENSAL ABRIL		DIFERENÇA (2) - (1)
	Índice	Composição da taxa (1)	Índice	Composição da taxa (2)	
Produtos de maior influência no período					
Ferro gusa	108,28	1,52	108,33	1,64	0,12
Ferronióbio em formas primárias	56,64	-2,94	94,71	-0,23	2,71
Arame de aço comum	79,92	-2,43	118,38	2,08	4,51
Demais produtos	94,18	-3,65	97,45	-1,65	2,00
Total da metalúrgica	92,50	-7,50	101,84	1,84	9,34

1989, além de significar o mais elevado índice mensal desde outubro do ano passado. Isto, conseqüentemente, minimiza a retração do setor no que tange aos dados acumulados. A produção nos quatro primeiros meses expressa uma queda de -3,1%, frente a de igual período do ano anterior, contra 5,0% negativos do primeiro trimestre do ano. Já a produção acumulada em 12 meses atinge em abril um declínio de -0,5%, enquanto que em março a queda alcançava -0,8%.

Com relação ao resultado mensal, os gêneros de material elétrico e de material de transporte continuaram exercendo significativo impacto no desempenho global, ambos crescendo em abril 14,8% e 20,7%, respectivamente. No entanto, o que se sobressai este mês é a ótima performance revelada por diversos segmentos eminentemente produtores de bens de consumo não-duráveis, como matérias plásticas (32,1%), bebidas (25,8%), produtos alimentares (15,8%), fumo (14,5%), perfumaria (10,3%) e vestuário (3,8%). Estes gêneros participaram com 3,6 pontos percentuais na formação da taxa geral de 2,5%. Além disso, a química, que vinha registrando resultados negativos desde novembro do ano passado, também apresentou bom desempenho este mês, crescendo 4,5%.

Por outro lado, seis setores continuaram revelando decréscimo de produção, sendo que as quedas mais expressivas ocorreram justamente naqueles que têm notável importância no parque produtivo do estado como geradores de valor adicionado: metalúrgica (-11,3%), têxtil (-9,8%) e farmacêutica (-12,8%), cujo impacto negativo na composição do resultado geral atingiu -3,6 pontos percentuais. O que foi, por si só, suficiente para anular a contribuição positiva (3,6 pontos percentuais) dos segmentos produtores de não-duráveis mencionados acima.

O desempenho da metalúrgica reflete, além do acentuado retrocesso da demanda interna, dificuldades financeiras provocadas, principalmente, pelas defasagens de preços que vêm se estabelecendo no setor. A queda de demanda também está presente no fraco resultado de têxtil e de farmacêutica, mas nesta última, verifica-se também

problemas relacionados a preços, o que vêm restringindo a produção de itens cujas margens de lucratividade reduziram-se sensivelmente com o período de congelamento.

Comparando-se o resultado de abril com os dos últimos cinco trimestres (Tabela J), observa-se que para a indústria geral o número deste mês foi superado apenas pela média do terceiro trimestre de 1988. Constata-se, também, que com relação ao desempenho médio do período janeiro/março deste ano, somente três setores registraram redução de taxas em abril: metalúrgica, material elétrico e de comunicações — que apesar de positivo diminuiu sensivelmente o ritmo de crescimento — e papel e papelão. Embora, deva-se frisar que o desempenho do primeiro trimestre de 1989 foi o mais baixo da série apresentada.

São Paulo

O desempenho da indústria paulista no mês de abril revela certa recuperação quando comparado com o verificado no primeiro trimestre do ano. Os índices mensais de dez gêneros, dentre os dezesseis pesquisados, apresentam variações positivas. No entanto, os resultados para metalúrgica (-8,3%), mecânica (-13,2%), material de transporte (-28,8%), material elétrico e de comunicações (-11,4%) e química (-0,9%) embora atenuando as quedas verificadas em meses anteriores, mantiveram taxas negativas. A performance destes cinco gêneros, que em conjunto representam mais da metade do valor da transformação industrial no estado, foi determinante para o comportamento da indústria geral (-5,5%).

O índice acumulado para os últimos quatro meses, mantém-se praticamente estável (-8,2%), dado que no primeiro trimestre situava-se em -9,1%.

Já o indicador de tendência — últimos doze meses — ainda registra em abril recuo para indústria geral (-3,5%), enquanto seis gêneros apontam taxas positivas: material de transporte (3,2%), papel e papelão (3,4%), matérias plásticas (2,8%), produtos alimentares (2,7%), bebidas (4,9%) e fumo (3,2%).

J – INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL – ÍNDICES TRIMESTRAIS, SEGUNDO OS GÊNEROS

(Base: igual período do ano anterior = 100)

Rio de Janeiro

GÊNEROS	TRIMESTRES					
	1988				1989	
	1º Tri- mestre	2º Tri- mestre	3º Tri- mestre	4º Tri- mestre	1º Tri- mestre	Abril
Extrativa mineral	105,1	92,4	93,6	88,5	87,4	98,5
Minerais não-metálicos	88,3	99,4	95,5	96,4	93,8	95,1
Metalúrgica	103,6	109,1	103,8	86,1	91,8	88,7
Material elétrico e de comunicações	138,4	152,3	164,9	154,9	125,7	114,8
Material de transporte	126,3	137,9	143,7	119,4	114,6	120,7
Papel e papelão	80,2	79,3	96,3	91,8	91,4	91,1
Química	102,1	103,5	103,4	94,3	90,1	104,5
Farmacêutica	88,1	85,4	88,8	88,2	83,1	87,2
Perfumaria, sabões e velas	84,2	91,4	102,8	96,2	95,8	110,3
Matérias plásticas	71,6	94,4	123,6	94,7	112,2	132,1
Têxtil	74,4	71,6	87,3	70,3	75,4	90,2
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	84,7	91,6	102,8	89,3	92,7	103,8
Alimentares	88,4	87,6	93,5	103,6	93,8	115,8
Bebidas	97,8	103,4	104,3	109,3	108,7	125,8
Fumo	94,2	82,8	94,3	87,6	85,5	114,5
Indústria geral	97,4	100,5	104,9	96,1	95,0	102,5

Na verdade, o comportamento do setor industrial, pelo menos nos últimos seis meses, vem se caracterizando por fases de ajustes para menos na produção, alternadas de outras de moderada expansão.

Em janeiro, apesar das perspectivas de mudança no quadro econômico, a produção industrial conseguiu se manter estável, chegando a apresentar acréscimos em alguns gêneros.

Nos meses de fevereiro e março, o parque fabril do estado assinalou retrações consideráveis em consequência dos seguintes fatores: ajustes inter-setoriais característicos de período de congelamento; atendimento da demanda via redução dos estoques dado o elevado nível das taxas de juros; e a acentuada incidência de movimentos grevistas, especialmente importante neste estado, em razão de uma maior organização sindical.

De acordo com o Gráfico 2, a análise por categoria de uso mostra a trajetória coincidente da produção da indústria geral, do setor de bens de consumo e do setor de bens intermediários. A partir de março, o segmento de bens de consumo lidera o movimento ascendente da produção, enquanto o crescimento da indústria geral é mais tímido em função da influência negativa do setor de bens de capital.

O aquecimento da demanda interna por bens de consumo e a conseqüente necessidade de reposição dos estoques, na

indústria e no comércio, respondem pelos resultados mais favoráveis no mês de abril.

A produção do setor bens de consumo apresenta variação positiva de 1,2%, destacando-se aí os segmentos farmacêutico e de matérias plásticas.

No setor de bens intermediários, que cresceu 5,7 pontos no índice mensal em relação a março, destacam-se como impactos positivos os produtos: esquadrias de metais não-ferrosos e tintas à base de água, insumos típicos da indústria da construção civil.

O percurso ascendente da demanda interna que tem início em março, deve-se basicamente a dois fatores: as antecipações de reajustes salariais, dado a pressão exercida pelos sindicatos levando ao aumento do consumo, e as expectativas de uma curta duração do congelamento motivando uma antecipação nas compras de bens finais. Além destes fatores, a demanda empresarial por matérias-primas, produtos semi-acabados e componentes cresce substancialmente nos últimos dois meses, não só em função da perspectiva de descongelamento, mas também pela perda de rentabilidade dos ativos financeiros.

Em suma, entende-se que os melhores resultados na produção registrados para indústria paulista neste mês de abril, tem como mola mestra o início da superação dos problemas advindos da adaptação deste se-

tor ao Plano Verão, aliado à influência positiva das vendas do comércio.

As previsões para os próximos meses devem ter em conta que apesar do possível esgotamento da demanda interna por bens de consumo, um novo realinhamento de preços e o processamento da safra agrícola de verão podem contribuir positivamente para a produção de alguns gêneros industriais.

Paraná

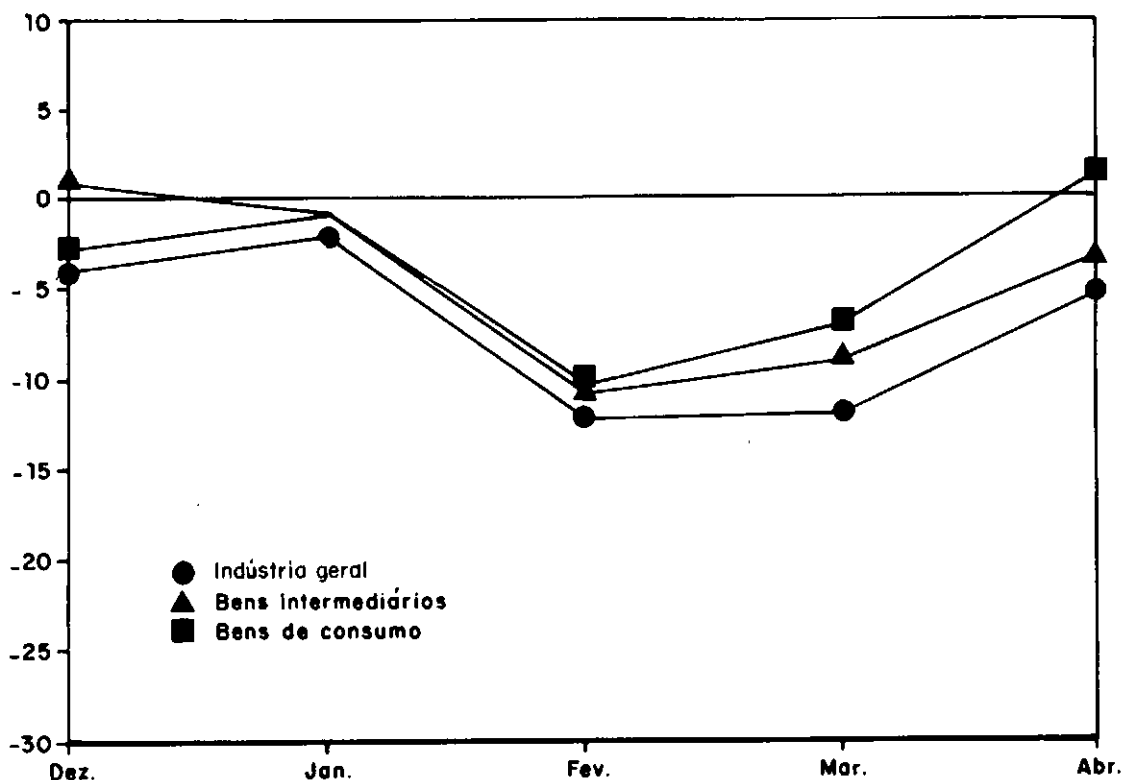
Com a apuração dos números relativos à atividade industrial paranaense em abril, observa-se uma nítida melhora em todos os tipos de indicadores: o mensal (abril-89 frente a abril-88) ao atingir 7,4% de expansão se constitui na mais elevada taxa dentre os locais pesquisados; o acumulado reduz em 4,0 pontos percentuais seu ritmo de queda, passando de -6,7% em março para -2,7% em abril, e, finalmente, o índice acumulado nos últimos doze meses se

eleva ligeiramente ao passar de 2,2% em março para 2,5% neste mês.

Neste último tipo de indicador, a indústria local mantém a liderança do desempenho regional, num contexto em que a média nacional já registra queda de -3,1%. Além do Paraná, somente Minas Gerais (1,0%) assinala em abril taxa anualizada positiva.

A expressiva taxa de 7,4% no mensal de abril é resultante, em grande medida, de acréscimos observados em sete dos dez gêneros industriais pesquisados, valendo ressaltar a influência dos resultados de química (12,4% de expansão e 3,4 pontos percentuais de impacto no crescimento global), mecânica (22,2% e 1,6 pontos percentuais) e papel e papelão (13,0% e 1,4 ponto percentual). Em conjunto esses três ramos *explicam* praticamente 90% do incremento global em abril. Atuando em sentido oposto, cabe mencionar a performance de produtos alimentares (-2,8%) responsável pelo maior impacto negativo neste mesmo mês.

GRÁFICO 2
TAXA MENSAL DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
CATEGORIAS DE USO SELECIONADAS — 1988-89
São Paulo



No que tange aos produtos, os maiores destaques nos gêneros acima citados são: fertilizantes compostos (88,6%), devido à maior demanda decorrente do início do período de pantio; refrigeradores para uso doméstico (38,1%) e papel Kraft (17,5%). Finalmente, vale registrar que o desempenho significativo da indústria paranaense em abril é fruto não só do avanço nos ramos produtores de bens de consumo (tal como já assinalado na análise dos índices para o Brasil), mas também decorre de efeitos relacionados ao desempenho agrícola que rebatem nas indústrias de fertilizante e têxtil (5,3% de expansão no mensal), onde os destaques são fios crus de algodão e algodão em pluma, e no gênero fumo.

Santa Catarina

A indústria de Santa Catarina, apesar de ainda assinalar queda em abril de 1989 (-1,0% contra igual mês do ano anterior), apresenta seu melhor resultado mensal desde setembro-88 e supera em 13,1 pontos percentuais a marca atingida em março deste ano. Apenas quatro gêneros figuram com declínio na taxa mensal entre março e abril, sendo verificadas maiores contrações em bebidas (9,3% em março e 3,2% em abril) e material elétrico (de -19,2% para -23,8%).

Ainda na comparação mensal, os setores que mais influenciaram para a performance negativa deste mês foram material elétrico (-23,8%) e extrativa mineral (-50,6%) em virtude, principalmente, da retração na produção de motores elétricos de 1 a menos de 10 cv, motivada por greve, e de carvão-de-pedra devido à menor demanda do mercado consumidor, respectivamente. Vale frisar que o impacto das taxas referentes a estes gêneros foi de tal ordem que, supondo-se um crescimento nulo para ambos, o resultado global passaria de -1,0% para 1,9%.

Comparando-se o desempenho mensal de abril com a média do primeiro trimestre deste ano, confirma-se uma certa tendência de recuperação da indústria a nível setorial, uma vez que, à exceção de extrativa mineral, todos os demais segmentos ampliaram seus índices de desempenho. Os maiores destaques ficam por conta de matérias

plásticas (que passa de -33,8% na média do trimestre para 4,6% em abril) e química (de -30,3% para -4,7%). Vale mencionar que em ambos os setores são verificados, inclusive, no período janeiro/março-89 patamares de produção bastante inferiores à média registrada em 1981 (-22,3% no primeiro e -21,4% no segundo).

O resultado de abril agiu favoravelmente sobre os índices acumulados. A produção de janeiro a abril registra queda de -10,3% contra -13,3% observada no primeiro trimestre. Os maiores decréscimos este mês são verificados em extrativa mineral (-30,6%), material elétrico (-26,8%), matérias plásticas (-24,8%) e química (-22,6%). Por outro lado, mecânica (6,2%), bebidas (1,4%) e fumo (17,2%) assinalam crescimentos influenciados pelo incremento na produção de refrigeradores domésticos, refrigerantes e fumo em folha beneficiado.

Em termos de comparação anualizada (-7,6%), observa-se em abril uma ligeira interrupção na trajetória declinante verificada a partir de agosto último. Dentre os setores pesquisados, somente química (2,1%) e fumo (31,4%) ainda registram expansão.

Finalmente, constata-se, conforme Tabela L, que no resultado de abril teve significativo impacto favorável a performance de alguns setores preponderantemente produtores de bens de consumo não-duráveis, fato que ocorreu também a nível nacional. Gêneros como matérias plásticas, têxtil e alimentares que forneceram as maiores contribuições negativas na formação da taxa global do primeiro trimestre (-13,3%), recuperaram-se este mês com os dois primeiros apresentando crescimento e alimentares um pequeno declínio.

Rio Grande do Sul

O acréscimo de 2,5% no comparativo com igual mês do ano anterior, obtido em abril pela indústria gaúcha, interrompe uma série de sete meses de resultados negativos no indicador mensal. No período setembro-88 a março-89 a redução média neste indicador ficou em -7,3%.

Com o desempenho favorável de abril, o acumulado no ano reduz seu ritmo de queda passando dos -7,8% registrados no pri-

L — INDICADORES DA PRODUÇÃO
INDUSTRIAL — COMPOSIÇÃO DA TAXA,
SEGUNDO OS GÊNEROS — 1989
Santa Catarina

GÊNEROS	ACUMULADO JANEIRO/MARÇO	MENSAL ABRIL
Extrativa mineral.....	- 0,72	- 1,44
Minerais não-metálicos	- 0,48	0,26
Metalúrgica.....	- 1,25	- 0,53
Mecânica.....	0,49	1,37
Material elétrico e de comunicações.....	- 1,81	- 1,46
Papel e papelão.....	- 0,28	- 0,14
Química.....	- 1,47	- 0,30
Matérias plásticas.....	- 2,29	0,29
Têxtil.....	- 2,13	0,54
Vestuário.....	- 1,24	- 0,51
Produtos alimentares...	- 2,69	- 0,01
Bebidas.....	0,00	0,05
Fumo.....	0,56	0,91
Indústria geral.....	- 13,31	- 0,97

meio trimestre, para - 5,0% no período janeiro/abril do corrente ano. A taxa anualizada também demonstra o mesmo movimento ao passar de - 3,6% em março para - 3,0% neste último mês.

Para o crescimento de 2,5% verificado em abril, foi fundamental o comportamento da indústria mecânica (31,1%) que obteve sua mais elevada taxa dos últimos 25 meses, segundo o indicador mensal. Com menor impacto positivo figuram também material de transporte (12,9%) e fumo (4,0%). Nestes gêneros destacaram-se itens que, direta ou indiretamente, estão associados ao comportamento da produção agrícola. Na indústria mecânica a principal influência veio de colhedoras agrícolas, cujo acréscimo no indicador mensal alcança 88,5% neste mês de abril. Em material de transporte o destaque é o item carroçarias frigoríficas para caminhões, e na indústria fumageira aparece fumo em folha. Destaque-se, ainda, que isoladamente a mecânica responde por um impacto de 4,4 pontos percentuais no indicador global, o que significa que os demais gêneros ainda tiveram, em conjunto, uma influência negativa de cerca de dois pontos percentuais. Nesse sentido, a indústria alimentar ao recuar 12,8% causou o maior reflexo negativo (- 2,1 pontos

percentuais), fruto de recuo na atividade dos frigoríficos: quedas de - 39,4% na carne de bovino, verde e de - 18,2% na carne de bovino frigorificada.

A taxa anualizada em abril (- 3,0%) situou-se ligeiramente acima da marca de março (- 3,6%), sendo importante, também aí, o desempenho da mecânica que passa de - 2,6% para 2,0% nesses dois meses.

Ao contrário da maioria dos outros locais perquisados, no Rio Grande do Sul não é o segmento de bens de consumo não-duráveis o responsável pela ligeira recuperação detectada nos resultados de abril, mas sim segmentos produtores de bens de capital associados à produção de alimentos, dado o início do processamento da safra agrícola. Os segmentos produtores de não-duráveis não jogam um papel relevante em abril principalmente porque as indústrias frigoríficas, de forte peso na estrutura industrial gaúcha, reduziram seu nível de atividade em função dos preços congelados, tal como havia ocorrido no Plano Cruzado.

DEFINIÇÃO DOS ÍNDICES DIVULGADOS

Índice base fixa: reflete o desempenho do mês de referência do índice, em relação à produção média mensal do ano-base de comparação (1981).

Índice acumulado de 12 meses: reflete o desempenho da produção acumulada nos últimos 12 meses de referência dos índices, em relação a igual período imediatamente anterior.

Índice acumulado: reflete o desempenho da produção acumulada no ano, de janeiro até o mês de referência dos índices, em relação a igual período do ano anterior.

Índice mensal: reflete o desempenho da produção no mês de referência dos índices, em relação a igual mês do ano anterior.

1 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Fevereiro	Março	Abril	Fevereiro	Março	Abril
Indústria geral	96,83	110,93	109,00	90,15	90,81	97,81
Extrativa mineral.....	170,76	184,38	177,48	93,32	93,45	95,65
Indústrias de transformação	94,59	108,71	106,93	89,98	90,67	97,92
Minerais não-metálicos	82,22	94,47	98,88	88,42	88,35	99,15
Metalúrgica	109,56	119,39	118,07	94,00	88,96	97,95
Metalúrgica básica	116,47	123,84	122,14	93,98	89,19	96,89
Outros produtos metalúrgicos	98,51	112,26	111,57	94,05	88,55	99,86
Mecânica	87,02	99,13	101,13	79,16	81,35	91,60
Material elétrico e de comunicações	103,61	130,31	116,05	94,52	93,73	93,84
Material de transporte.....	100,97	100,48	87,38	92,61	78,46	80,07
Autoveículos.....	112,78	106,54	88,00	90,72	74,34	72,06
Outros produtos de transporte	77,67	88,51	86,18	98,52	90,36	103,15
Papel e papelão	123,70	143,72	141,77	94,69	101,80	104,19
Borracha	110,90	127,04	125,62	83,96	89,86	89,93
Química	89,35	110,03	111,85	90,31	97,72	102,41
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra	109,62	124,41	115,64	93,82	100,12	101,06
Outros produtos químicos	76,04	100,59	109,36	87,22	95,85	103,37
Farmacêutica	86,13	103,31	112,13	75,26	77,94	102,91
Perfumaria, sabões e velas	110,71	145,09	165,46	76,79	85,34	104,52
Produtos de matérias plásticas	104,07	124,33	134,77	89,43	99,16	116,92
Têxtil.....	94,36	106,21	105,11	92,29	92,85	101,15
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	66,43	82,98	81,94	88,63	88,69	99,39
Produtos alimentares.....	83,71	91,31	82,81	94,33	99,98	100,86
Bebidas.....	112,26	130,47	133,30	97,41	103,48	110,49
Fumo.....	146,86	186,06	210,47	85,21	80,58	109,28

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Até fevereiro	Até março	Até abril
Indústria geral	94,06	92,88	94,11	97,24	96,47	96,92
Extrativa mineral.....	97,11	95,85	95,80	99,24	98,03	97,29
Indústrias de transformação	93,90	92,73	94,02	97,15	96,39	96,91
Minerais não-metálicos	89,25	88,93	91,47	96,01	94,96	95,10
Metalúrgica	96,18	93,59	94,65	97,18	96,36	96,86
Metalúrgica básica	95,69	93,40	94,25	101,13	99,87	99,71
Outros produtos metalúrgicos	97,11	93,93	95,39	90,68	90,54	92,05
Mecânica	85,71	84,07	85,98	90,67	89,07	89,23
Material elétrico e de comunicações	97,81	96,19	95,57	98,43	97,87	98,56
Material de transporte.....	101,41	92,73	89,64	109,37	105,33	103,80
Autoveículos.....	100,76	90,83	86,28	109,00	104,42	101,99
Outros produtos de transporte	103,36	98,34	99,53	110,40	107,91	108,97
Papel e papelão	98,68	99,77	100,87	99,25	99,84	100,87
Borracha	94,02	92,51	91,83	102,16	100,85	99,32
Química	93,83	95,21	97,06	97,04	96,75	97,37
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra	97,71	98,53	99,14	99,97	99,61	99,99
Outros produtos químicos	90,41	92,42	95,39	95,39	95,13	95,88
Farmacêutica	82,32	80,64	85,98	86,43	84,45	86,71
Perfumaria, sabões e velas	81,29	82,75	88,23	89,50	88,29	89,26
Produtos de matérias plásticas	94,33	96,05	101,21	96,00	97,64	100,66
Têxtil.....	94,35	93,81	95,61	94,78	94,56	95,55
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	95,22	92,75	94,41	96,01	95,27	96,30
Produtos alimentares.....	94,22	96,09	97,17	97,99	98,67	99,20
Bebidas.....	96,36	98,76	101,61	102,24	102,57	103,68
Fumo.....	88,99	85,19	91,78	98,18	94,29	96,33

2 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, COM AJUSTAMENTO SAZONAL,
SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1988-89
Base fixa mensal

CLASSES E GÊNEROS	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL
Indústria geral.....	113,19	111,74	117,17	114,01	109,57	113,68	118,43
Extrativa mineral.....	181,12	180,52	181,16	186,54	183,60	183,39	181,89
Indústrias de transformação.....	111,14	109,66	115,23	111,82	107,34	111,57	116,51
Minerais não-metálicos.....	94,94	92,63	92,66	91,24	90,39	94,30	104,99
Metalúrgica.....	119,24	119,89	127,56	121,65	118,15	116,81	122,52
Metalúrgica básica.....	130,15	127,78	127,84	126,84	124,94	121,94	127,12
Outros produtos metalúrgicos.....	101,79	107,26	127,10	113,33	107,29	108,60	115,16
Mecânica.....	102,94	105,39	105,63	99,62	93,06	97,38	102,94
Material elétrico e de comunicações.....	121,15	123,28	129,79	120,69	119,99	123,30	120,12
Material de transporte.....	112,74	115,53	122,21	117,10	108,98	97,53	95,59
Autoveículos.....	127,04	128,98	135,18	131,17	120,53	101,10	98,47
Outros produtos de transporte.....	84,51	88,97	96,60	89,32	86,18	90,47	89,89
Papel e papelão.....	138,54	144,97	142,84	138,36	132,16	141,08	142,86
Borracha.....	126,12	136,72	134,78	131,75	113,23	127,09	128,41
Química.....	122,34	105,98	124,94	122,78	117,49	130,18	134,11
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra.....	118,18	91,74	127,61	122,68	117,74	123,70	122,12
Outros produtos químicos.....	125,06	115,33	123,19	122,84	117,32	134,44	141,98
Farmacêutica.....	116,63	98,99	104,83	102,11	90,72	107,97	115,20
Perfumaria, sabões e velas.....	140,27	146,83	145,98	138,57	124,75	138,84	165,20
Produtos de matérias plásticas.....	113,77	119,67	124,14	118,29	107,78	122,47	144,45
Têxtil.....	104,97	103,78	103,29	104,01	102,54	103,62	110,55
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	80,00	82,59	85,87	86,83	80,46	86,04	88,61
Produtos alimentares.....	96,81	101,73	100,66	101,02	101,19	105,62	110,18
Bebidas.....	120,18	118,28	128,22	123,14	123,16	129,83	138,50
Fumo.....	141,13	115,76	124,61	123,27	116,49	111,66	139,27

3 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CATEGORIAS DE USO – 1989

CATEGORIAS DE USO	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Fevereiro	Março	Abril	Fevereiro	Março	Abril
Bens de capital.....	87,19	89,31	87,34	88,05	76,96	84,26
Bens intermediários.....	105,94	120,60	119,64	91,34	92,92	99,20
Bens de consumo.....	92,03	109,30	105,22	90,70	93,09	100,76
Duráveis.....	105,68	131,41	113,42	94,93	92,42	91,77
Não-duráveis.....	89,18	104,67	103,50	89,71	93,27	103,07

CATEGORIAS DE USO	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Janeiro/ Abril	Até fevereiro	Até março	Até abril
Bens de capital.....	94,24	87,69	86,82	98,24	95,60	94,74
Bens intermediários.....	94,38	93,86	95,19	97,95	97,34	97,70
Bens de consumo.....	95,02	94,32	95,89	97,63	97,06	98,00
Duráveis.....	104,85	99,87	97,77	104,07	102,71	103,02
Não-duráveis.....	92,87	93,01	95,44	96,16	95,76	96,84

4 - ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS SETORES DA
MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS - 1989

(continua)

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Fevereiro	Março	Abril	Fevereiro	Março	Abril
Extração de minerais metálicos	123,14	131,31	119,43	105,72	98,26	94,87
Extração de petróleo e gás natural	234,35	256,22	257,75	92,06	93,56	99,07
Extração de carvão mineral	69,97	78,69	77,41	64,53	70,12	73,41
Cimento	70,72	86,55	86,55	90,16	93,09	98,10
Vidro e artefatos de vidro	92,27	91,96	116,04	89,61	80,39	104,36
Artefatos de cimento e concreto	74,46	82,80	92,88	75,08	69,56	92,54
Tijolos e artefatos de barro	101,81	122,78	119,04	93,83	102,42	103,07
Gusa	179,19	191,71	188,54	106,26	102,82	112,69
Aço, ferroliga - em forma primária	168,77	179,80	171,19	107,57	97,56	108,44
Laminados de aço	112,41	120,93	123,64	92,79	90,96	96,29
Fundidos e forjados de aço	103,44	104,65	91,93	89,64	77,20	79,87
Trefilados	80,55	92,83	106,43	78,92	80,78	101,01
Motores e bombas	84,84	105,98	91,38	76,13	79,99	75,87
Máquinas agrícolas	106,60	126,24	103,73	82,77	92,35	123,67
Tratores e máquinas rodoviárias	54,50	61,98	72,39	47,78	55,49	69,10
Equipamentos para escritórios e uso domiciliar	118,68	149,78	143,69	89,71	94,41	99,20
Equipamentos para energia elétrica	102,32	120,97	109,61	98,29	93,16	80,99
Condutores elétricos	84,16	92,77	92,27	78,02	79,98	84,77
Material elétrico - exclusive para veículos	101,07	116,64	120,81	84,51	81,50	95,85
Material elétrico para veículos	102,71	132,15	123,43	85,44	98,05	97,77
Motores e aparelhos elétricos	96,07	116,96	107,09	73,41	85,29	84,10
Receptores de televisão, rádio e som	113,77	160,65	127,60	118,97	103,29	95,67
Automóveis e camionetas	122,29	128,91	99,69	92,05	87,06	79,47
Caminhões e ônibus	92,40	65,16	75,28	85,40	49,63	67,55
Motores e autopeças	122,81	131,26	96,65	94,37	88,72	75,38
Indústria naval	52,10	63,32	62,38	104,41	101,13	117,44
Celulose e pasta mecânica	131,22	151,00	142,21	95,63	107,15	101,56
Papel e papelão	142,86	163,09	162,18	92,59	98,26	100,77
Artefatos de papel e papelão	107,44	129,21	130,61	98,28	105,17	112,95
Pneumáticos	111,14	123,02	119,14	87,81	91,75	88,37
Refino de petróleo	103,85	118,17	109,61	92,49	99,42	101,16
Petroquímica	145,10	163,70	153,50	99,62	103,78	100,92
Resinas, fibras e elastômeros	137,10	145,87	146,34	96,32	98,94	100,54
Pigmentos e tintas	81,26	132,44	136,19	72,19	101,49	120,17
Adbos e fertilizantes	54,10	89,52	103,63	64,27	78,30	100,42
Laminados plásticos	124,09	143,50	149,87	104,20	108,44	119,23
Fiação e tecelagem têxteis naturais	95,18	107,43	107,01	92,10	96,22	104,74
Fiação e tecelagem têxteis artificiais	93,87	108,50	102,97	92,30	93,07	96,26
Calçados	75,38	106,56	101,28	89,11	98,48	103,85
Moagem de trigo	91,56	113,93	112,14	90,59	94,56	104,64
Abate e preparo de carne	88,68	93,21	85,85	90,03	87,38	80,43
Abate e preparo de aves	119,27	141,49	133,84	97,81	103,26	105,67
Laticínios	115,48	123,56	115,71	94,26	97,55	104,85
Usinas de açúcar	46,34	21,96	1,52	138,34	795,05	466,97
Refino de açúcar	73,63	86,93	76,08	71,16	72,17	90,03
Refino de óleos e gorduras para alimentos	81,02	100,60	127,14	88,19	91,83	110,71
Preparo de alimentos para animais	85,09	100,98	93,02	95,94	102,55	100,13
Cervejas, chope e malte	129,10	146,41	138,67	96,46	104,54	109,70
Refrigerantes	136,74	157,88	155,89	99,54	113,83	124,27

4 - ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS - 1989

(conclusão)

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Até fevereiro	Até março	Até abril
Extração de minerais metálicos	107,39	103,35	101,22	108,49	106,37	104,95
Extração de petróleo e gás natural	96,26	95,33	96,25	97,16	96,19	95,90
Extração de carvão mineral	72,16	71,45	71,93	98,31	94,70	91,38
Cimento	91,28	91,93	93,49	100,97	99,30	98,64
Vidro e artefatos de vidro	85,09	83,53	88,62	83,81	83,98	85,50
Artefatos de cimento e concreto	78,35	75,10	79,24	87,20	84,58	84,99
Tijolos e artefatos de barro	94,33	97,18	98,68	102,40	101,94	101,83
Gusa	105,83	104,79	106,66	110,17	108,57	108,48
Aço, ferralliga - em forma primária	97,85	97,75	100,18	109,65	107,30	106,78
Laminados de aço	95,39	93,86	94,47	100,45	99,47	98,42
Fundidos e forjados de aço	94,17	87,74	85,82	106,73	103,03	101,75
Trefilados	85,21	83,62	87,92	84,17	84,73	86,95
Motores e bombas	78,42	79,03	78,20	83,73	82,75	82,93
Máquinas agrícolas	97,26	95,39	100,75	79,87	78,93	82,79
Tratores e máquinas rodoviárias	57,45	56,77	59,79	85,83	82,32	80,82
Equipamentos para escritórios e uso domiciliar	90,13	91,86	93,84	96,98	96,00	96,05
Equipamentos para energia elétrica	95,51	94,62	90,74	96,31	97,08	96,26
Condutores elétricos	85,81	83,71	83,98	96,98	95,77	94,96
Material elétrico - exclusivo para veículos	87,55	85,25	87,91	89,96	88,23	89,39
Material elétrico para veículos	95,16	96,23	96,63	97,56	96,48	96,59
Motores e aparelhos elétricos	85,57	85,47	85,12	96,52	96,39	96,17
Receptores de televisão, rádio e som	116,50	110,58	106,44	100,88	100,71	101,94
Automóveis e camionetas	106,30	99,09	94,37	115,81	111,35	109,42
Caminhões e ônibus	93,07	76,49	74,30	102,82	96,39	93,60
Motores e autopeças	100,71	96,31	91,26	105,51	103,46	101,83
Indústria naval	115,91	109,93	111,85	121,66	116,18	116,87
Celulose e pasta mecânica	98,31	101,27	101,34	102,75	102,75	102,48
Papel e papelão	96,84	97,33	98,19	99,98	100,08	100,67
Artefatos de papel e papelão	102,59	103,51	105,89	97,34	99,12	101,76
Pneumáticos	96,63	94,89	93,16	103,40	102,10	100,27
Refino de petróleo	97,10	97,89	98,66	99,49	99,12	99,61
Petroquímica	100,49	101,63	101,45	102,30	102,03	101,92
Resinas, fibras e elastômeros	95,57	96,70	97,65	99,30	100,04	100,84
Pigmentos e tintas	84,26	90,53	97,65	97,89	98,01	100,38
Adubos e fertilizantes	69,92	73,48	80,96	89,33	85,46	85,51
Laminados plásticos	106,38	107,13	110,22	103,25	105,60	108,36
Fiação e tecelagem têxteis naturais	93,01	94,13	96,69	92,24	92,40	93,69
Fiação e tecelagem têxteis artificiais	94,72	94,12	94,65	97,64	97,80	98,31
Calçados	100,87	99,97	100,95	101,26	101,05	101,91
Moagem de trigo	90,39	91,92	95,05	98,53	97,99	98,34
Abate e preparo de carne	88,21	87,92	85,97	103,29	101,42	98,18
Abate e preparo de aves	98,87	100,39	101,67	101,37	101,06	101,74
Laticínios	97,96	97,82	99,41	96,67	95,34	95,51
Usinas de açúcar	106,20	123,53	124,55	93,80	99,32	101,39
Refino de açúcar	80,93	77,62	80,22	85,38	81,58	81,58
Refino de óleos e gorduras para alimentos	92,15	92,03	97,22	104,34	101,91	101,97
Preparo de alimentos para animais	96,42	98,55	98,94	92,29	92,96	94,00
Cerveja, chope e malte	100,60	101,93	103,74	105,91	105,72	106,08
Refrigerantes	92,93	99,38	104,81	93,39	95,48	98,33

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Fevereiro	Março	Abril	Fevereiro	Março	Abril
PERNAMBUCO						
Indústria geral.....	100,75	93,23	90,53	91,66	88,03	98,01
Indústrias de transformação.....	100,75	93,23	90,53	91,66	88,03	98,01
Minerais não-metálicos.....	73,74	78,99	83,93	81,63	71,77	89,30
Metalúrgica.....	101,22	112,27	125,97	99,59	94,57	104,31
Material elétrico e de comunicações.....	88,39	104,03	141,50	83,66	74,82	143,96
Papel e papelão.....	69,49	96,34	112,54	65,82	88,02	110,58
Química.....	200,77	138,79	132,25	109,88	85,82	96,59
Perfumaria, sabões e velas.....	89,39	128,74	90,37	82,71	112,41	122,89
Produtos de matérias plásticas.....	69,29	77,14	85,46	66,95	69,67	85,02
Têxtil.....	75,22	75,89	77,40	95,13	82,61	95,96
Produtos alimentares.....	88,51	75,72	49,84	88,95	110,75	79,88
Bebidas.....	90,98	101,84	89,44	86,76	115,05	125,86
Fumo.....	92,08	102,63	116,49	73,86	70,93	100,05

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Até fevereiro	Até março	Até abril
PERNAMBUCO						
Indústria geral.....	94,14	92,30	93,49	89,11	90,08	91,97
Indústrias de transformação.....	94,14	92,30	93,49	89,11	90,08	91,97
Minerais não-metálicos.....	77,00	75,14	78,43	88,88	85,65	84,99
Metalúrgica.....	101,01	98,77	100,22	95,94	98,55	101,56
Material elétrico e de comunicações.....	93,79	86,73	98,65	79,86	78,99	86,21
Papel e papelão.....	75,11	79,37	86,69	85,81	86,02	89,27
Química.....	109,52	102,83	101,61	92,55	94,51	97,06
Perfumaria, sabões e velas.....	77,23	89,09	95,18	77,79	79,64	84,33
Produtos de matérias plásticas.....	70,30	70,08	73,74	98,21	96,05	94,83
Têxtil.....	98,77	92,92	93,65	96,48	94,64	95,84
Produtos alimentares.....	92,73	96,73	93,89	81,83	85,23	85,91
Bebidas.....	88,75	96,04	101,46	93,93	96,66	100,03
Fumo.....	78,10	75,52	81,03	94,98	91,35	92,46

**5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS
DE INDÚSTRIA — 1989**

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Fevereiro	Março	Abril	Fevereiro	Março	Abril
BAHIA						
Indústria geral.....	113,06	120,87	114,25	98,41	97,63	100,79
Extrativa mineral.....	98,23	109,11	104,81	91,03	93,71	94,22
Indústrias de transformação.....	115,57	122,86	115,85	99,57	98,25	101,87
Minerais não-metálicos.....	57,05	63,20	76,10	73,37	70,78	93,83
Metalúrgica.....	69,72	98,20	115,37	73,79	75,06	108,26
Material elétrico e de comunicações.....	132,71	114,95	138,15	82,51	64,69	83,84
Borracha.....	162,67	184,73	141,28	91,70	112,72	93,10
Química.....	128,27	135,28	127,27	105,95	104,71	103,43
Perfumaria, sabões e velas.....	63,58	119,55	126,09	40,33	72,46	117,91
Produtos alimentares.....	97,06	91,55	59,13	95,04	93,99	87,76
Bebidas.....	140,50	163,93	149,66	91,22	107,95	123,09

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Até fevereiro	Até março	Até abril
BAHIA						
Indústria geral.....	99,28	98,72	99,21	96,64	96,59	96,66
Extrativa mineral.....	96,93	95,79	95,39	99,74	99,04	98,50
Indústrias de transformação.....	99,63	99,16	99,80	96,18	96,22	96,36
Minerais não-metálicos.....	75,98	74,13	78,95	91,30	91,25	92,85
Metalúrgica.....	81,19	78,78	85,92	91,88	89,35	87,83
Material elétrico e de comunicações.....	79,82	74,59	76,83	86,77	83,56	82,04
Borracha.....	112,16	112,35	107,67	120,43	120,71	119,97
Química.....	104,11	104,31	104,09	96,94	97,27	97,63
Perfumaria, sabões e velas.....	59,73	64,32	74,46	87,04	83,47	86,05
Produtos alimentares.....	99,34	97,73	96,02	97,21	98,21	97,84
Bebidas.....	93,37	97,96	103,01	98,72	99,41	100,77

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS
DE INDÚSTRIA — 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Fevereiro	Março	Abril	Fevereiro	Março	Abril
REGIÃO NORDESTE						
Indústria geral.....	108,90	110,89	100,42	99,49	100,53	100,29
Extrativa mineral.....	138,73	148,52	142,40	99,66	100,76	98,30
Indústrias de transformação.....	104,77	105,68	94,61	99,46	100,49	100,71
Minerais não-metálicos.....	75,65	83,62	83,28	86,27	83,26	91,82
Metalúrgica.....	104,51	128,10	134,82	88,76	92,68	107,48
Material elétrico e de comunicações.....	95,63	93,34	129,44	75,93	60,97	114,42
Papel e papelão.....	88,18	107,13	108,33	79,89	93,49	101,14
Borracha.....	115,53	132,51	111,46	88,48	100,51	93,82
Química.....	127,12	126,50	109,00	105,87	110,44	102,48
Perfumaria, sabões e velas.....	74,79	114,25	97,22	56,39	80,11	102,73
Produtos de matérias plásticas.....	74,44	79,63	94,71	72,22	70,23	89,15
Têxtil.....	94,21	92,18	87,85	120,24	103,23	105,89
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	99,15	114,24	112,93	98,91	91,78	97,95
Produtos alimentares.....	100,53	84,42	53,33	102,32	115,57	89,82
Bebidas.....	104,05	118,13	106,54	89,65	112,83	125,24
Fumo.....	79,97	94,39	106,03	67,40	70,06	99,01
CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Até fevereiro	Até março	Até abril

REGIÃO NORDESTE

Indústria geral.....	99,79	100,02	100,08	94,26	95,35	96,26
Extrativa mineral.....	105,87	104,14	102,69	102,09	101,94	101,56
Indústrias de transformação.....	98,74	99,29	99,60	92,95	94,23	95,34
Minerais não-metálicos.....	87,60	86,07	87,46	96,45	94,85	93,98
Metalúrgica.....	96,40	95,05	98,12	92,68	93,05	94,07
Material elétrico e de comunicações.....	83,93	75,55	83,81	78,87	75,70	78,96
Papel e papelão.....	84,28	87,33	90,60	90,38	90,66	92,33
Borracha.....	103,40	102,38	100,30	106,60	106,24	106,27
Química.....	102,81	105,10	104,53	92,38	94,73	96,10
Perfumaria, sabões e velas.....	64,49	69,96	78,15	84,15	81,55	83,45
Produtos de matérias plásticas.....	77,41	74,85	78,43	94,29	92,35	91,88
Têxtil.....	121,35	114,96	112,72	112,02	111,95	112,94
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	95,94	94,35	95,29	95,49	93,99	94,65
Produtos alimentares.....	96,59	100,98	99,21	83,84	87,69	88,78
Bebidas.....	91,72	97,88	103,13	96,10	98,05	100,66
Fumo.....	74,08	72,65	78,47	91,01	87,97	89,35

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Fevereiro	Março	Abril	Fevereiro	Março	Abril
MINAS GERAIS						
Indústria geral.....	105,68	124,87	120,22	91,48	97,24	102,08
Extrativa mineral.....	109,11	116,42	107,34	107,44	93,39	94,38
Indústrias de transformação.....	105,39	125,58	121,30	90,32	97,55	102,70
Minerais não-metálicos.....	84,06	102,98	96,30	90,10	92,67	95,15
Metalúrgica.....	119,77	130,86	135,90	91,69	91,11	101,84
Material elétrico e de comunicações.....	75,48	103,28	120,06	65,99	65,64	69,27
Material de transporte.....	137,36	181,15	140,56	87,18	105,98	96,33
Papel e papelão.....	125,29	176,93	171,26	80,33	113,37	100,20
Química.....	114,98	158,99	138,52	93,86	120,63	128,75
Produtos de matérias plásticas.....	99,39	103,53	104,21	78,30	88,04	85,08
Têxtil.....	107,36	116,82	119,95	97,57	104,70	109,46
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	66,73	85,52	83,48	104,81	106,68	111,45
Produtos alimentares.....	73,35	82,64	79,92	92,63	96,56	102,42
Bebidas.....	125,67	134,43	145,93	88,50	96,66	115,86
Fumo.....	126,53	159,01	161,84	78,47	87,04	116,07

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Até fevereiro	Até março	Até abril
MINAS GERAIS						
Indústria geral.....	95,34	96,01	97,49	101,85	100,98	100,95
Extrativa mineral.....	104,34	100,32	98,83	109,02	106,20	104,66
Indústrias de transformação.....	94,66	95,67	97,39	101,34	100,61	100,67
Minerais não-metálicos.....	92,38	82,48	93,15	97,57	96,16	95,87
Metalúrgica.....	93,22	92,50	94,76	108,43	106,21	105,24
Material elétrico e de comunicações.....	87,46	78,62	75,74	108,39	103,82	97,96
Material de transporte.....	105,98	105,98	103,58	98,95	97,71	97,84
Papel e papelão.....	90,86	98,16	98,69	101,04	102,83	102,18
Química.....	98,40	105,93	110,88	97,79	100,22	103,09
Produtos de matérias plásticas.....	64,17	71,90	75,22	71,32	73,19	74,73
Têxtil.....	98,13	100,33	102,58	96,36	97,32	98,62
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	99,06	101,89	104,35	94,91	96,50	98,11
Produtos alimentares.....	94,88	95,46	97,13	98,58	97,98	97,75
Bebidas.....	89,70	91,87	97,17	94,75	94,55	95,90
Fumo.....	81,02	83,14	90,11	91,92	89,97	92,42

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Fevereiro	Março	Abril	Fevereiro	Março	Abril
RIO DE JANEIRO						
Indústria geral.....	97,13	110,50	112,15	93,06	92,98	102,48
Extrativa mineral.....	461,31	504,45	521,07	84,99	87,73	98,48
Indústrias de transformação.....	89,99	102,76	104,12	93,96	93,52	102,89
Minerais não-metálicos.....	70,00	87,97	93,27	93,42	91,29	95,05
Metalúrgica.....	126,66	132,04	126,68	95,83	87,69	88,66
Material elétrico e de comunicações.....	153,92	155,21	155,05	124,60	120,13	114,80
Material de transporte.....	49,38	58,27	58,21	113,52	100,01	120,69
Papel e papelão.....	69,70	74,89	74,33	91,71	79,65	91,09
Química.....	95,70	113,32	116,47	86,05	93,82	104,50
Farmacêutica.....	80,85	89,58	92,59	76,09	78,16	87,16
Perfumaria, sabões e velas.....	95,21	123,71	130,25	78,11	92,84	110,27
Produtos de matérias plásticas.....	133,23	164,15	183,59	115,90	110,19	132,13
Têxtil.....	51,28	71,78	69,97	67,24	83,92	90,20
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	43,41	65,18	66,83	85,73	87,52	103,76
Produtos alimentares.....	83,38	92,08	93,81	87,12	93,31	115,79
Bebidas.....	122,81	142,25	143,19	108,32	114,62	125,77
Fumo.....	94,90	102,14	116,94	88,49	74,42	114,53

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Até fevereiro	Até março	Até abril
RIO DE JANEIRO						
Indústria geral.....	96,17	95,03	96,88	100,23	99,18	99,51
Extrativa mineral.....	87,23	87,40	90,05	91,89	90,39	90,17
Indústrias de transformação.....	97,17	95,86	97,60	101,08	100,07	100,46
Minerais não-metálicos.....	95,37	93,83	94,17	97,40	98,33	95,78
Metalúrgica.....	93,95	91,75	90,98	98,68	97,34	95,42
Material elétrico e de comunicações.....	130,26	126,73	123,55	150,69	148,60	145,40
Material de transporte.....	124,87	114,56	116,12	136,05	127,77	127,02
Papel e papelão.....	98,61	91,38	91,31	90,05	89,26	90,28
Química.....	88,17	90,10	93,55	98,55	97,88	98,51
Farmacêutica.....	85,98	83,14	84,16	88,47	86,49	86,83
Perfumaria, sabões e velas.....	97,52	95,79	99,36	96,45	96,30	98,19
Produtos de matérias plásticas.....	113,49	112,19	117,54	102,44	105,11	109,58
Têxtil.....	70,82	75,39	78,95	76,15	76,13	77,84
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	96,08	92,72	95,52	96,76	94,19	95,97
Produtos alimentares.....	93,99	93,76	98,57	94,54	94,50	98,74
Bebidas.....	105,71	108,65	112,63	105,36	106,72	109,00
Fumo.....	92,51	85,54	92,00	90,13	87,62	90,61

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Fevereiro	Março	Abril	Fevereiro	Março	Abril
SÃO PAULO						
Indústria geral.....	88,30	100,64	97,11	87,58	87,92	94,46
Indústrias de transformação.....	88,30	100,64	97,11	87,58	87,92	94,46
Minerais não-metálicos.....	84,98	95,16	106,03	85,35	86,52	100,60
Metalúrgica.....	101,83	106,55	97,17	95,88	88,40	91,68
Mecânica.....	70,35	82,88	83,58	73,92	77,17	86,82
Material elétrico e de comunicações.....	81,46	97,82	88,50	84,16	86,28	88,64
Material de transporte.....	110,30	102,81	85,67	90,89	72,66	71,20
Papel e papelão.....	130,94	151,37	151,32	97,69	103,80	106,88
Borracha.....	111,23	127,89	127,11	81,64	87,69	88,69
Química.....	85,11	103,29	99,49	88,60	94,63	99,08
Farmacêutica.....	91,02	115,79	122,17	72,81	80,18	107,09
Perfumaria, sabões e velas.....	113,03	143,37	171,83	81,07	85,23	104,97
Produtos de matérias plásticas.....	103,24	128,12	138,14	89,01	104,73	124,24
Têxtil.....	88,77	105,37	103,90	89,43	92,87	102,80
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	62,14	78,01	75,52	98,09	91,89	100,39
Produtos alimentares.....	63,69	78,64	75,29	89,84	104,16	109,73
Bebidas.....	109,68	131,13	123,34	98,76	113,60	115,93
Fumo.....	53,30	62,27	64,66	91,47	86,77	109,45

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/fevereiro	Janeiro/março	Janeiro/abril	Até fevereiro	Até março	Até abril
SÃO PAULO						
Indústria geral.....	92,68	90,94	91,81	97,03	96,06	96,51
Indústrias de transformação.....	92,68	90,94	91,81	97,03	96,06	96,51
Minerais não-metálicos.....	86,10	86,25	89,85	95,37	94,62	94,92
Metalúrgica.....	99,12	95,25	94,39	97,38	96,62	97,38
Mecânica.....	78,98	78,30	80,45	87,22	85,12	84,97
Material elétrico e de comunicações.....	90,50	88,87	88,81	94,45	93,38	93,97
Material de transporte.....	100,55	90,10	85,53	110,03	105,54	103,21
Papel e papelão.....	101,11	102,05	103,27	101,03	102,01	103,39
Borracha.....	92,08	90,48	90,01	102,07	100,46	98,75
Química.....	94,44	94,51	95,65	97,67	96,91	97,41
Farmacêutica.....	79,91	80,02	86,33	83,81	82,30	85,00
Perfumaria, sabões e velas.....	82,09	83,21	88,84	88,63	87,56	88,41
Produtos de matérias plásticas.....	97,15	99,84	105,80	98,96	99,21	102,75
Têxtil.....	92,99	92,95	95,36	94,62	94,71	95,95
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	101,36	97,58	98,33	98,18	98,44	99,84
Produtos alimentares.....	88,49	93,74	97,47	100,06	101,32	102,65
Bebidas.....	97,82	103,05	106,07	102,20	103,42	104,94
Fumo.....	94,43	91,66	95,74	102,51	101,18	103,21

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS
DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Fevereiro	Março	Abril	Fevereiro	Março	Abril
PARANÁ						
Indústria geral	86,29	116,08	135,27	89,61	88,09	107,35
Indústrias de transformação	86,29	116,08	135,27	89,61	88,09	107,35
Minerais não-metálicos	77,27	87,12	92,00	82,49	84,96	98,31
Mecânica	130,62	155,25	160,80	91,91	112,57	122,22
Papel e papelão	138,81	160,97	167,51	100,61	106,60	113,02
Química	58,34	98,53	110,93	84,42	94,49	112,44
Perfumaria, sabões e velas	97,56	150,64	149,35	73,86	93,40	145,50
Produtos de matérias plásticas	105,97	94,91	101,79	113,04	97,05	98,43
Têxtil	56,45	160,16	341,78	40,34	48,70	105,33
Produtos alimentares	100,17	113,43	113,67	111,83	95,08	97,21
Bebidas	119,10	145,89	145,99	89,14	99,58	111,91
Fumo	257,25	219,84	340,59	81,30	57,56	126,65

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Até fevereiro	Até março	Até abril
PARANÁ						
Indústria geral	97,06	93,32	97,32	104,34	102,24	102,49
Indústrias de transformação	97,06	93,32	97,32	104,34	102,24	102,49
Minerais não-metálicos	86,26	85,80	88,84	94,77	93,41	93,48
Mecânica	97,97	103,10	107,90	95,23	96,16	98,38
Papel e papelão	100,70	102,73	105,32	99,08	99,34	100,95
Química	99,42	97,22	101,74	109,40	107,70	108,56
Perfumaria, sabões e velas	71,69	79,96	92,73	113,44	110,29	113,14
Produtos de matérias plásticas	117,68	110,26	107,00	111,52	111,90	112,57
Têxtil	59,78	52,78	72,96	99,28	88,56	88,43
Produtos alimentares	108,25	103,15	101,52	110,09	107,50	105,34
Bebidas	88,21	92,05	96,65	98,61	98,99	101,15
Fumo	85,85	74,22	85,99	94,24	87,26	91,30

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Fevereiro	Março	Abril	Fevereiro	Março	Abril
SANTA CATARINA						
Indústria geral.....	107,17	116,11	122,68	84,74	85,97	99,03
Extrativa mineral.....	72,98	49,00	48,07	73,54	51,46	49,45
Indústrias de transformação.....	108,46	118,64	125,49	85,06	86,87	100,48
Minerais não-metálicos.....	122,03	144,85	140,20	92,94	104,15	102,33
Metalúrgica.....	119,03	122,93	137,24	83,25	78,19	94,36
Mecânica.....	157,00	161,72	174,95	94,63	109,87	110,72
Material elétrico e de comunicações.....	236,36	274,16	210,36	92,68	80,84	76,20
Papel e papelão.....	119,09	135,60	131,03	88,70	95,96	97,50
Química.....	64,88	101,42	138,56	58,82	90,14	95,34
Produtos de matérias plásticas.....	67,98	88,37	113,89	55,95	75,95	104,56
Têxtil.....	87,95	85,68	92,01	89,55	81,23	104,04
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	71,86	60,78	72,64	85,48	69,67	92,70
Produtos alimentares.....	100,86	118,63	107,46	75,93	78,20	99,90
Bebidas.....	99,31	101,07	251,87	110,49	109,25	103,22
Fumo.....	259,86	274,49	314,54	124,93	97,06	119,83

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Até fevereiro	Até março	Até abril
SANTA CATARINA						
Indústria geral.....	87,10	86,69	89,75	93,04	91,78	92,36
Extrativa mineral.....	86,68	75,74	69,41	106,39	101,45	96,76
Indústrias de transformação.....	87,11	87,03	90,36	92,64	91,50	92,22
Minerais não-metálicos.....	91,23	95,60	97,28	94,48	94,38	94,26
Metalúrgica.....	90,03	85,45	87,80	93,49	92,04	92,34
Mecânica.....	101,47	104,44	106,17	89,56	91,93	93,74
Material elétrico e de comunicações.....	66,97	72,24	73,18	91,38	88,24	86,87
Papel e papelão.....	94,29	94,86	95,51	94,43	94,85	95,48
Química.....	59,58	69,75	77,44	105,45	102,96	102,13
Produtos de matérias plásticas.....	61,33	66,16	75,23	86,11	85,70	87,48
Têxtil.....	88,21	85,77	89,90	94,31	92,66	94,03
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	90,67	83,61	85,72	95,54	93,98	93,66
Produtos alimentares.....	86,84	83,51	87,03	85,35	81,74	82,75
Bebidas.....	95,89	99,97	101,42	100,62	104,45	99,08
Fumo.....	132,62	115,99	117,15	123,19	124,78	131,39

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS
DE INDÚSTRIA — 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Fevereiro	Março	Abril	Fevereiro	Março	Abril
RIO GRANDE DO SUL						
Indústria geral	96,05	122,54	130,89	86,99	91,88	102,47
Extrativa mineral	84,76	109,76	107,41	62,47	77,16	79,36
Indústrias de transformação.....	96,12	122,62	131,03	87,17	91,98	102,62
Minerais não-metálicos.....	76,83	97,23	102,84	114,87	117,03	120,24
Metalúrgica	94,78	119,37	119,76	75,62	93,64	97,19
Mecânica	174,10	206,90	193,66	98,05	102,79	131,05
Material elétrico e de comunicações.....	98,18	127,32	116,59	78,66	92,02	97,69
Material de transporte.....	74,77	73,39	115,97	73,77	62,31	112,87
Papel e papelão.....	112,25	149,56	140,49	84,48	101,65	103,20
Borracha	101,35	104,21	104,72	111,28	100,35	95,05
Química	50,04	74,61	119,40	76,28	96,26	96,45
Perfumaria, sabões e velas	45,22	123,15	129,42	37,87	81,46	95,47
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	66,67	98,07	92,78	81,08	93,31	102,04
Produtos alimentares	90,25	106,78	97,96	92,73	89,89	87,21
Bebidas.....	101,28	114,53	137,76	105,53	79,28	89,02
Fumo.....	245,99	353,43	408,10	87,30	80,49	104,04

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Até fevereiro	Até março	Até abril
RIO GRANDE DO SUL						
Indústria geral	92,42	92,21	94,98	97,41	96,39	97,02
Extrativa mineral	66,07	69,96	72,31	97,25	94,37	91,00
Indústrias de transformação.....	92,62	92,37	95,14	97,41	96,40	97,06
Minerais não-metálicos.....	98,93	105,18	109,14	98,40	100,24	102,20
Metalúrgica	84,03	87,35	89,82	90,68	91,06	91,84
Mecânica	100,50	101,37	107,84	97,20	97,42	102,03
Material elétrico e de comunicações.....	87,46	89,23	91,34	86,11	86,17	86,68
Material de transporte.....	65,61	64,44	75,87	97,88	95,32	98,22
Papel e papelão.....	91,07	94,96	97,05	99,33	100,33	100,94
Borracha	118,40	111,59	106,86	113,84	114,51	113,13
Química	81,07	86,77	90,39	90,79	89,96	89,04
Perfumaria, sabões e velas	71,13	75,37	80,78	89,51	88,31	88,02
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	98,91	96,78	98,08	99,15	98,44	99,18
Produtos alimentares	99,35	95,88	93,65	103,18	100,80	98,79
Bebidas.....	98,43	90,82	90,28	111,22	107,55	105,98
Fumo.....	91,95	85,57	91,70	107,24	100,10	99,97

**5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS
DE INDÚSTRIA — 1989**

(conclusão)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Fevereiro	Março	Abril	Fevereiro	Março	Abril
REGIÃO SUL						
Indústria geral.....	99,43	119,79	125,10	88,84	90,82	101,60
Extrativa mineral.....	75,16	84,62	83,66	66,16	72,05	74,75
Indústrias de transformação.....	99,79	120,31	125,71	89,18	91,06	101,96
Minerais não-metálicos.....	98,16	108,89	110,57	92,25	93,15	98,97
Metalúrgica.....	107,76	126,91	132,94	80,39	86,05	95,61
Mecânica.....	149,50	167,07	167,93	97,60	103,65	121,69
Material elétrico e de comunicações.....	146,64	167,00	143,47	89,75	90,67	91,54
Papel e papelão.....	129,73	153,11	150,76	94,27	102,59	104,25
Química.....	50,00	81,81	104,99	77,74	91,68	101,47
Perfumaria, sabões e velas.....	61,77	128,46	132,39	51,97	88,21	107,20
Produtos de matérias plásticas.....	91,11	107,06	118,39	77,84	87,41	103,83
Têxtil.....	113,10	118,43	122,73	90,35	85,04	101,95
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	76,89	96,40	95,70	85,86	89,53	101,56
Produtos alimentares.....	95,35	110,24	104,56	94,08	90,19	94,83
Bebidas.....	104,17	118,99	142,57	106,08	82,30	96,13
Fumo.....	228,30	302,10	353,98	88,75	80,26	107,48

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ fevereiro	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Até fevereiro	Até março	Até abril
REGIÃO SUL						
Indústria geral.....	93,81	92,68	95,01	97,39	96,28	96,70
Extrativa mineral.....	74,48	73,63	73,91	99,87	96,30	92,83
Indústrias de transformação.....	94,10	92,95	95,31	97,36	96,28	96,75
Minerais não-metálicos.....	90,87	91,65	93,46	94,47	93,98	93,84
Metalúrgica.....	87,76	87,13	89,32	91,93	91,16	91,36
Mecânica.....	104,82	104,38	108,58	95,37	96,33	99,51
Material elétrico e de comunicações.....	83,42	86,01	87,30	95,46	94,99	95,28
Papel e papelão.....	97,83	99,48	100,68	99,04	99,39	100,18
Química.....	84,85	87,72	92,22	97,96	96,23	95,71
Perfumaria, sabões e velas.....	74,31	79,83	86,72	95,47	94,03	94,70
Produtos de matérias plásticas.....	84,26	85,38	89,95	96,26	96,08	97,69
Têxtil.....	93,12	90,21	93,00	95,39	93,93	94,90
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	98,33	95,06	96,65	99,08	98,33	98,92
Produtos alimentares.....	99,26	95,88	95,62	100,22	97,86	96,95
Bebidas.....	97,47	91,49	92,83	108,11	105,60	105,64
Fumo.....	92,74	86,25	92,89	104,47	98,53	100,03

SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

RESULTADOS PARA O BRASIL E PARA AS REGIÕES

O SINAPI – Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil – apresentou, no mês de abril de 1989, o custo de NCz\$ 225,13 por metro quadrado, para o Brasil, o que significou uma variação mensal de 10,13%. A variação acumulada no ano foi igual a 69,73%, atingindo nos últimos doze meses a 879,65%.

A Região Norte apresentou o maior custo (NCz\$ 255,09), em abril, e a Região Centro-Oeste, o menor custo (NCz\$ 207,90). A

variação mensal mais elevada foi registrada na Região Sul, com uma taxa de 13,88% e a mais baixa na Região Centro-Oeste com 9,13%. Na Região Sul foram observadas as mais altas variações no ano e nos últimos doze meses (73,27% e 904,80%). As menores variações nos mesmos períodos, ocorreram na Região Norte (63,24% e 823,71%).

A participação dos materiais na composição do custo médio, para o Brasil, foi de NCz\$ 171,77, variando no mês 8,46%, e a parcela relativa à mão-de-obra correspondeu a NCz\$ 53,36, com uma variação mensal de 15,90%.

PARTICIPAÇÃO DOS INSUMOS NO CUSTO Abril de 1989

GRANDES REGIÕES	MATERIAIS		MÃO-DE-OBRA	
	Em NCz\$/m ²	Variação mensal (%)	Em NCz\$/m ²	Variação mensal (%)
Norte	208,66	10,73	46,43	5,45
Nordeste.....	172,33	11,35	40,86	11,06
Sudeste.....	170,47	7,26	57,19	15,63
Sul.....	169,47	10,48	61,33	24,50
Centro-Oeste.....	163,10	7,08	44,80	17,37

Na Região Nordeste, a parcela correspondente à participação dos materiais de construção acusou a variação mensal mais acentuada (11,35%), cabendo a menor taxa à Região Centro-Oeste (7,08%). Em relação à parcela de mão-de-obra, a maior variação foi registrada, também, na Região Nordeste (11,06%), e a menor variação na Região Norte (5,45%).

RESULTADOS PARA AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

Destacamos, primeiramente, os custos mais altos em abril, por Região: Roraima (NCz\$ 321,77); Rio Grande do Norte (NCz\$ 241,48); São Paulo (NCz\$ 237,76); Rio Grande do Sul (NCz\$ 233,27) e Mato Grosso do Sul (NCz\$ 232,99). E quanto aos custos mais baixos, foram registrados no Acre (NCz\$ 228,04); em Pernambuco (NCz\$ 186,77); no Espírito Santo (NCz\$ 184,60); em Santa Catarina (NCz\$ 226,16); e em Goiás (NCz\$ 193,78).

Os demais custos médios podem ser vistos na Tabela 2.

Quanto às variações percentuais, mensal, no ano e em doze meses, são destacados os valores máximos e mínimos por região, na Tabela 3.

RESULTADOS DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL PARA O BRASIL E MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

Para o Brasil a categoria mestre-de-obras foi a que apresentou o maior aumento em abril (30,62%) elevando o salário-hora para NCz\$ 2,09. A menor variação mensal foi registrada para a categoria ladrilheiro (14,04%), sendo o salário-hora igual a NCz\$ 0,65.

Dentre os municípios, as variações salariais mais acentuadas, segundo as categorias, foram: 70,00% para armador; 59,38% para bombeiro hidráulico; 70,00% para carpinteiro de esquadrias; 70,00% para carpin-

teiro de formas; 50,00% para eletricista; 64,52% para pedreiro; e, 70,00% para pintor, todas estas variações registradas em Fortaleza. E no Rio de Janeiro, foram observados os maiores aumentos para ladrilheiro (52,83%); mestre-de-obras (72,35%); e servente (56,25%).

NOTAS EXPLICATIVAS

1 — A manutenção da base teórica do SINAPI é hoje uma competência conjunta do IBGE e CEF — Caixa Econômica Federal.

2 — As séries mensais de salários médios são produzidas a partir dos salários coletados nas empresas construtoras, considerando-se:

a) o salário-hora bruto, ou seja, não é subtraído qualquer desconto de responsabilidade do empregado;

b) o valor contratado com o empregado, ou seja, não é incluído qualquer encargo social de responsabilidade do empregador; e

c) o valor referente à jornada normal de trabalho, ou seja, não consideradas as horas extras.

3 — O SINAPI considera quatro padrões de acabamento: alto, normal, baixo e mínimo. São apresentados os custos dos projetos residenciais nos padrões normal e mínimo.

Na nomenclatura dos projetos, Rp e Cp significam, respectivamente, projeto residencial e projeto comercial com p pavimentos; nQ indica o nº de quartos da unidade residencial. Para os projetos comerciais, LA significa lojas e salas autônomas; e LC, lojas e andar corrido, P significa que o primeiro pavimento é em pilotis, e T que o primeiro pavimento é térreo. Por último, é indicada a área total da construção do projeto.

O custo médio de cada Área Geográfica é a média ponderada dos custos dos 21 projetos residenciais, considerando-se apenas o padrão normal de acabamento.

4 — As séries mensais de custos e índices de custos referem-se ao custo do metro quadrado de uma construção no canteiro de obras. Não se incluem as despesas com projeto em geral, licenças, seguros, instala-

ções provisórias, depreciações dos equipamentos, compra de terreno, administração, financiamentos, nem com os equipamentos mecânicos (elevadores, compactadores, exaustores e outros) e não estão envolvidos os lucros da construtora e da incorporadora.

5 — Para o cálculo do Orçamento Final por metro quadrado (OF), deverão ser acrescidos ao Custo SINAPI os custos relativos a alguns itens para os quais o SINAPI, dadas suas características, não dispõe de informações. Estes itens são os seguintes:

- Fundações Profundas e Especiais;
- Equipamentos (elevadores, compactadores, interfone, etc.);
- Complementos (jardins, decorações, etc.); e
- Máquinas e Equipamentos de Obra.

O Orçamento Final por metro quadrado (OF), incluindo todos os custos do empreendimento, será calculado adotando-se a seguinte fórmula:

$$OF = C \text{ SINAPI} + \frac{(OFe - OFd) + OE + OC}{S}$$

onde:

- OF = Orçamento Final por metro quadrado
- C SINAPI = Custo do metro quadrado do projeto, estimado com base nos custos do SINAPI
- OFe = Orçamento das Fundações especiais ou profundas
- OFd = Orçamento das Fundações diretas (já consideradas nos projetos de casas)
- OE = Orçamento de Equipamentos
- OC = Orçamento dos Complementos
- S = Área de Construção do Projeto em Estudo

Ao Orçamento Final por metro quadrado, deverão ser acrescidos os custos financeiros, taxa de administração e lucro da empresa.

**1 - EVOLUÇÃO DO CUSTO MÉDIO, NÚMERO ÍNDICE E VARIAÇÃO MENSAL
DA CONSTRUÇÃO CIVIL
Brasil**

Período de referência: janeiro-88/abril-89

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	CUSTO MÉDIO (Cz\$)	NÚMERO ÍNDICE	VARIAÇÃO MENSAL (%)
1988			
Janeiro	14 194,98	210,63	18,65
Fevereiro	16 418,07	243,62	15,66
Março	19 746,82	293,02	20,27
Abril	22 980,66	341,00	16,37
Maió	27 310,20	405,25	18,84
Junho	33 115,37	491,39	21,25
Julho	38 718,55	589,37	19,93
Agosto	49 324,87	731,91	24,18
Setembro	61 785,03	916,81	25,26
Outubro	78 477,36	1 164,50	27,01
Novembro	102 656,93	1 523,29	30,81
Dezembro	132 634,97	1 968,12	29,20
1989			
Janeiro	187,16	2 777,20	41,10
Fevereiro	194,90	2 892,05	4,13
Março	204,41	3 033,17	4,87
Abril	225,13	3 340,82	10,13

**2 - CUSTO MÉDIO, NÚMERO ÍNDICE E VARIAÇÕES PERCENTUAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL,
SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES E AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO**

Mês de referência: abril-89

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	CUSTO MÉDIO (NCz\$/m ²)	NÚMERO ÍNDICE (maio-87 = 100)	VARIAÇÕES PERCENTUAIS		
			Mensal	No ano	Em doze meses
NORTE	255,09	3 239,76	9,73	63,24	823,71
Rondônia	244,50	3 007,60	9,68	62,14	802,55
Acre	228,04	2 996,73	5,89	63,04	815,87
Amazonas	254,47	3 208,86	8,69	60,27	798,99
Roraima	321,77	3 011,01	10,64	76,16	687,91
Pará	256,65	3 348,43	11,52	64,57	865,08
Amapá	253,84	3 736,43	10,03	71,03	939,54
NORDESTE	213,19	3 615,19	11,29	72,99	882,89
Maranhão	223,15	3 586,29	7,01	63,55	805,95
Piauí	200,25	3 345,22	8,39	61,74	834,57
Ceará	224,76	3 667,47	16,38	84,43	904,34
Rio Grande do Norte	241,48	3 918,51	14,72	81,38	878,28
Paraíba	241,39	3 883,90	17,90	81,97	968,06
Pernambuco	186,77	3 463,34	6,16	60,21	818,68
Alagoas	213,70	3 914,39	9,78	75,44	916,03
Sergipe	229,74	3 943,06	7,85	76,00	976,25
Bahia	205,82	3 476,52	9,84	76,90	890,48
SUDESTE	227,66	3 237,80	9,24	68,27	875,94
Mines Gerais	188,87	3 429,68	8,37	76,39	890,69
Espírito Santo	184,60	3 403,59	4,80	63,37	882,53
Rio de Janeiro	234,16	3 537,48	14,19	67,92	845,29
São Paulo	237,76	3 100,05	7,93	67,21	884,33
SUL	230,80	3 455,73	13,88	73,27	904,80
Paraná	230,14	3 453,25	14,13	73,50	889,75
Santa Catarina	226,16	3 318,21	10,33	73,53	991,98
Rio Grande do Sul	233,27	3 513,39	15,03	72,94	889,65
CENTRO-OESTE	207,90	3 526,00	9,13	73,21	899,17
Mato Grosso do Sul	232,99	3 189,63	9,30	86,45	839,89
Mato Grosso	205,12	2 957,09	6,97	66,17	859,47
Goiás	193,78	3 653,76	12,51	83,14	913,44
Distrito Federal	210,76	3 677,74	8,09	68,25	913,34

**3 – QUADRO DEMONSTRATIVO DAS VARIAÇÕES PERCENTUAIS NAS UNIDADES DA
FEDERAÇÃO, COM VARIAÇÕES MÁXIMAS E MÍNIMAS, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES**

Mês de referência: abril-89

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	VARIAÇÕES PERCENTUAIS		
	Mensal	No ano	Em doze meses
NORTE.....	9,73	63,24	823,71
Pará – variação máxima	11,52		
Roraima – variação máxima		76,16	
Amapá – variação máxima			939,54
Acre – variação mínima	5,89		
Amazonas – variação mínima.....		60,27	
Roraima – variação mínima			697,91
NORDESTE.....	11,29	72,99	882,89
Pernambuco – variação máxima	17,90		
Ceará – variação máxima		84,43	
Sergipe – variação máxima			976,25
Pernambuco – variação mínima.....	6,16	60,21	
Maranhão – variação mínima			805,95
SUDESTE	9,24	68,27	875,94
Rio de Janeiro – variação máxima	14,19		
Minas Gerais – variação máxima		76,39	890,69
Espírito Santo – variação mínima.....	4,80	63,37	
Rio de Janeiro – variação mínima.....			845,29
SUL.....	13,88	73,27	904,80
Rio Grande do Sul – variação máxima	15,03		
Santa Catarina – variação máxima		73,53	991,98
Santa Catarina – variação mínima.....	10,33		
Rio Grande do Sul – variação mínima.....		72,94	889,65
CENTRO-OESTE	9,13	73,21	899,17
Goiás – variação máxima	12,51		913,44
Mato Grosso do Sul – variação máxima		86,45	
Mato Grosso – variação mínima	6,97	66,17	
Mato Grosso do Sul – variação mínima			839,89

4 - CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO NORMAL DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 1989

Mês de referência: abril-89

(continua)

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS				
	R1 - 2Q (46)	R1 - 2Q (40)	R1 - 2Q (62)	R1 - 3Q (104)	R1 - 4Q (122)
Rondônia.....	297,75	327,65	274,63	216,14	201,66
Acre.....	283,87	312,79	259,15	203,34	190,15
Amazonas.....	337,18	370,78	309,38	242,53	227,54
Roraima.....	373,70	408,89	355,16	277,20	261,49
Pará.....	324,06	354,18	304,62	236,19	222,68
Amapá.....	351,56	386,99	324,11	251,31	235,48
Maranhão.....	291,96	320,41	272,71	213,69	201,54
Piauí.....	268,23	293,92	250,91	198,21	186,53
Ceará.....	311,18	341,76	289,51	226,74	213,36
Rio Grande do Norte.....	310,98	340,96	294,42	227,99	214,98
Paraíba.....	297,91	324,37	285,06	222,79	211,96
Pernambuco.....	281,25	308,53	262,62	207,92	196,39
Alagoas.....	294,65	323,28	274,54	216,67	204,92
Sergipe.....	315,26	344,35	299,86	235,46	224,06
Bahia.....	290,85	316,82	276,41	218,92	207,86
Minas Gerais.....	282,75	310,32	262,74	207,97	196,71
Espírito Santo.....	307,59	338,57	283,11	222,37	209,54
Rio de Janeiro.....	345,23	378,71	319,82	253,70	240,16
São Paulo.....	323,32	354,43	302,66	239,25	226,93
Paraná.....	321,56	352,81	300,65	238,68	226,90
Santa Catarina.....	316,31	345,98	295,50	233,99	222,18
Rio Grande do Sul.....	328,07	360,75	304,42	239,66	227,25
Mato Grosso do Sul.....	282,00	308,83	262,55	205,88	194,59
Mato Grosso.....	260,74	286,38	240,49	189,54	178,54
Goiás.....	258,21	282,99	238,97	189,18	179,05
Distrito Federal.....	290,69	320,54	267,45	211,06	199,29

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS				
	R1 - 1Q (30)	R2 - 3Q (56)	R2 - 2Q (81)	R5 - 2QT (2 125)	R4 - 2QT (1 433)
Rondônia.....	382,73	234,04	210,36	175,80	203,24
Acre.....	363,17	223,84	197,00	172,90	198,79
Amazonas.....	430,64	264,81	238,18	194,95	226,83
Roraima.....	471,41	305,95	274,28	227,40	278,49
Pará.....	404,89	259,40	228,43	193,21	232,44
Amapá.....	452,05	282,09	247,85	224,95	256,77
Maranhão.....	368,23	236,23	210,30	185,88	216,84
Piauí.....	335,53	214,54	191,63	169,36	200,70
Ceará.....	390,53	250,04	223,85	205,49	235,84
Rio Grande do Norte.....	389,40	255,84	227,53	204,33	243,83
Paraíba.....	366,77	245,43	217,31	196,07	236,73
Pernambuco.....	353,71	224,92	200,28	179,63	209,59
Alagoas.....	374,20	236,77	211,01	187,11	215,63
Sergipe.....	391,99	259,25	225,87	204,22	241,13
Bahia.....	360,81	237,22	209,76	186,25	223,48
Minas Gerais.....	355,11	228,40	204,77	179,24	208,74
Espírito Santo.....	386,28	243,18	218,95	182,38	211,20
Rio de Janeiro.....	427,23	271,93	242,73	208,32	242,72
São Paulo.....	403,14	260,81	232,09	203,74	240,95
Paraná.....	397,13	259,82	229,74	205,79	243,29
Santa Catarina.....	389,36	252,62	223,18	198,15	234,75
Rio Grande do Sul.....	406,96	261,03	232,97	209,27	239,55
Mato Grosso do Sul.....	350,64	229,27	204,56	188,63	219,47
Mato Grosso.....	328,40	210,85	189,34	169,01	195,90
Goiás.....	324,41	208,84	186,99	169,17	194,02
Distrito Federal.....	368,85	231,26	207,35	172,03	199,66

4 – CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO NORMAL DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO – 1989

Mês de referência: abril-89

(conclusão)

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS				
	R4 – 3QT (2 264)	R4 – 2QP (1 643)	R4 – 3QP (2 520)	R6 – 3QP (7 181)	R8 – 2QP (2 620)
Rondônia.....	176,53	178,15	158,77	139,85	191,80
Acre.....	172,73	172,08	154,76	135,55	186,14
Amazonas.....	197,78	198,10	177,68	159,72	213,09
Roraima.....	239,11	244,52	215,16	187,49	264,17
Pará.....	196,97	202,23	176,04	150,55	218,62
Amapá.....	218,36	223,05	194,88	167,88	242,24
Maranhão.....	187,02	189,69	167,95	147,67	204,74
Piauí.....	173,11	174,19	154,59	134,30	188,30
Ceará.....	203,34	205,17	182,13	159,60	221,80
Rio Grande do Norte.....	206,55	212,79	184,95	159,39	230,69
Paraíba.....	203,45	206,56	182,34	161,77	222,99
Pernambuco.....	180,55	182,79	161,48	141,74	197,29
Alagoas.....	188,85	188,09	167,02	149,51	203,10
Sergipe.....	204,44	211,06	182,81	157,97	228,17
Bahia.....	192,50	195,56	172,63	152,62	210,58
Minas Gerais.....	180,30	181,73	181,36	142,86	198,34
Espírito Santo.....	182,76	184,22	163,93	143,26	199,02
Rio de Janeiro.....	211,29	210,80	189,28	167,25	226,98
São Paulo.....	208,78	210,90	187,50	165,67	227,02
Paraná.....	211,57	211,31	189,34	165,96	228,45
Santa Catarina.....	204,34	204,99	183,81	161,03	220,41
Rio Grande do Sul.....	208,87	207,14	186,51	166,41	223,86
Mato Grosso do Sul.....	190,65	191,62	171,49	150,60	206,88
Mato Grosso.....	170,84	170,53	153,34	136,00	184,56
Goiás.....	168,96	168,92	151,44	133,27	182,79
Distrito Federal.....	173,75	173,40	155,43	138,33	187,79

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS					
	R8 – 3QP (4 266)	R8 – 3QP (3 176)	R12 – 2QP (3 597)	R12 – 3QP (6 013)	R12 – 4QP (4 050)	R18 – 4QP (5 870)
Rondônia.....	163,60	157,58	200,55	166,74	153,01	152,56
Acre.....	159,30	153,81	194,65	162,17	150,01	149,68
Amazonas.....	182,85	178,89	222,68	186,23	173,67	173,29
Roraima.....	222,60	213,20	276,03	227,02	209,24	209,32
Pará.....	181,96	173,24	228,24	185,42	169,29	169,36
Amapá.....	202,20	191,23	253,69	206,48	187,30	187,47
Maranhão.....	173,56	167,34	214,14	177,04	162,71	162,55
Piauí.....	159,55	152,25	196,78	162,56	147,17	147,18
Ceará.....	188,52	181,97	232,19	192,43	177,00	176,60
Rio Grande do Norte.....	192,10	183,89	241,42	196,22	179,75	180,05
Paraíba.....	188,61	184,18	232,99	192,33	179,71	179,93
Pernambuco.....	166,85	160,95	206,24	170,13	156,83	156,77
Alagoas.....	172,83	169,59	212,48	176,38	164,85	164,78
Sergipe.....	189,48	180,60	238,52	193,40	176,30	176,48
Bahia.....	177,86	172,40	219,85	181,15	167,57	167,48
Minas Gerais.....	166,40	160,62	205,28	169,54	155,81	155,77
Espírito Santo.....	169,63	164,09	208,40	173,20	158,99	158,70
Rio de Janeiro.....	194,76	189,69	237,13	198,31	184,21	183,60
São Paulo.....	193,09	186,27	237,09	196,64	181,01	180,79
Paraná.....	195,61	190,01	238,85	199,40	184,92	184,82
Santa Catarina.....	188,92	183,55	230,10	192,27	178,34	177,70
Rio Grande do Sul.....	192,70	188,29	234,18	196,47	183,25	183,04
Mato Grosso do Sul.....	177,23	172,08	216,44	180,78	166,81	166,54
Mato Grosso.....	158,57	154,85	193,14	161,73	149,72	149,66
Goiás.....	156,79	153,13	191,44	160,08	148,38	148,08
Distrito Federal.....	160,75	156,88	196,67	164,04	153,64	153,50

5 - CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO MÍNIMO DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 1989

Mês de referência: abril-89

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS						
	R1 - 2Q (46)	R1 - 2Q (40)	R1 - 2Q (62)	R1 - 1Q (30)	R2 - 3Q (56)	R2 - 2Q (81)	R5 - 2QT (2 125)
Rondônia.....	159,94	168,23	154,18	198,01	125,14	119,15	115,80
Acre.....	152,19	160,12	145,70	184,74	119,93	111,63	109,29
Amazonas.....	169,79	176,86	164,70	205,66	134,80	126,78	127,34
Roraima.....	193,14	198,37	192,55	239,19	156,02	148,57	147,21
Pará.....	175,29	180,40	171,83	214,08	135,40	127,25	122,56
Amapá.....	197,01	207,78	187,39	248,67	154,84	143,18	146,12
Maranhão.....	159,72	166,09	154,92	196,55	126,69	119,47	120,58
Piauí.....	148,84	154,94	143,38	181,81	114,00	106,52	103,67
Ceará.....	177,42	185,72	170,33	215,84	139,63	130,97	134,90
Rio Grande do Norte.....	172,40	177,73	167,91	213,58	138,42	129,06	134,43
Paraíba.....	168,43	171,67	166,32	203,17	134,91	126,14	128,46
Pernambuco.....	163,95	171,55	157,53	202,18	127,33	118,25	118,12
Alagoas.....	162,61	169,84	157,30	199,70	128,58	119,91	120,20
Sergipe.....	175,80	180,81	172,27	219,01	138,50	129,31	130,56
Bahia.....	162,06	166,60	159,46	197,62	128,06	120,58	117,79
Minas Gerais.....	155,34	162,61	148,71	192,60	122,39	114,14	112,37
Espírito Santo.....	163,56	171,25	157,60	198,95	128,53	121,21	121,39
Rio de Janeiro.....	200,47	209,88	192,65	240,24	154,18	144,44	137,42
São Paulo.....	184,71	192,50	179,11	227,05	144,96	136,63	134,12
Paraná.....	186,49	194,45	180,45	224,58	146,25	135,29	133,54
Santa Catarina.....	187,53	194,98	181,59	225,43	145,30	136,63	132,51
Rio Grande do Sul.....	189,07	198,76	182,21	225,65	148,15	137,22	136,73
Mato Grosso do Sul.....	158,36	164,53	153,94	190,11	126,41	119,24	124,86
Mato Grosso.....	139,40	145,68	134,19	168,66	111,72	103,76	108,15
Goiás.....	143,40	150,29	137,57	174,74	113,75	106,40	107,69
Distrito Federal.....	151,94	159,81	147,14	184,65	120,41	111,93	110,27

**6 – VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS,
SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS**

Mês de referência: abril-89

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS (%)				
	Armador	Bombeiro hidráulico	Carpinteiro de esquadrias	Carpinteiro de formas	Eletricista
BRASIL	19,23	18,64	14,29	19,23	16,95
Porto Velho	2,63	0,00	0,00	0,00	0,00
Rio Branco	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Manaus	14,29	6,67	6,67	0,00	2,08
Boa Vista	12,96	7,69	7,69	7,69	7,69
Belém	6,38	6,38	6,38	6,38	6,38
Macapá	15,56	15,56	9,30	9,30	20,93
São Luís	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Teresina	8,11	2,70	2,70	2,70	2,70
Fortaleza	70,00	59,38	70,00	70,00	50,00
Natal	27,78	27,78	27,78	27,78	27,78
João Pessoa	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Recife	0,00	2,22	0,00	0,00	0,00
Maceió	8,82	6,00	8,33	8,33	8,16
Aracaju	0,00	0,00	0,00	0,00	4,35
Salvador	1,85	8,77	1,75	1,85	0,00
Belo Horizonte	1,85	13,21	8,93	7,55	1,92
Vitória	0,00	0,00	2,04	0,00	28,89
Rio de Janeiro	51,92	51,92	49,06	51,92	48,06
São Paulo	11,67	10,39	2,90	11,67	10,67
Curitiba	23,73	20,87	19,35	20,00	15,94
Florianópolis	26,15	21,62	28,79	21,43	38,46
Porto Alegre	26,42	58,82	33,96	26,42	39,29
Campo Grande	9,30	6,98	3,77	6,67	1,89
Cuiabá	10,63	2,38	0,00	- 2,44	4,88
Goiânia	14,71	14,71	14,71	14,71	14,71
Brasília	36,36	36,96	35,56	36,36	27,08

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS (%)				
	Ladriheiro	Mestre-de- obras	Pedreiro	Pintor	Servente
BRASIL	14,04	30,62	18,98	14,29	14,29
Porto Velho	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Rio Branco	0,00	30,33	0,00	0,00	18,52
Manaus	11,36	18,80	6,67	0,00	0,00
Boa Vista	22,41	14,29	18,33	14,29	11,11
Belém	6,38	11,32	6,38	6,38	6,90
Macapá	2,50	28,92	15,56	2,50	10,34
São Luís	0,00	4,90	0,00	0,00	0,00
Teresina	2,70	0,00	5,28	0,00	0,00
Fortaleza	37,84	35,53	64,52	70,00	25,00
Natal	27,78	0,00	27,78	27,78	3,45
João Pessoa	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Recife	0,00	9,43	0,00	0,00	0,00
Maceió	0,00	14,86	8,82	8,82	10,71
Aracaju	0,00	6,35	0,00	0,00	0,00
Salvador	0,00	1,29	0,00	0,00	0,00
Belo Horizonte	0,00	0,00	7,55	0,00	6,08
Vitória	21,28	4,59	2,04	0,00	0,00
Rio de Janeiro	52,83	72,36	54,90	51,92	56,25
São Paulo	2,86	35,68	11,29	1,43	4,88
Curitiba	25,00	13,86	20,00	25,00	31,58
Florianópolis	43,94	11,56	17,14	39,39	21,95
Porto Alegre	39,62	25,00	26,42	39,62	19,44
Campo Grande	13,73	2,04	11,63	24,44	11,76
Cuiabá	2,56	11,11	4,65	6,67	3,45
Goiânia	14,71	41,12	14,71	14,71	0,00
Brasília	32,61	21,47	18,18	27,27	17,24

**7 – SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS,
SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS**

Mês de referência: abril-89

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS				
	Armador	Bombeiro hidráulico	Carpinteiro de esquadrias	Carpinteiro de formas	Eletricista
BRASIL	0,62	0,70	0,64	0,62	0,69
Porto Velho	0,39	0,39	0,37	0,36	0,39
Rio Branco	0,41	0,40	0,41	0,41	0,42
Manaus	0,48	0,48	0,48	0,48	0,49
Boa Vista	0,61	0,56	0,56	0,56	0,56
Belém	0,50	0,50	0,50	0,50	0,50
Macapá	0,52	0,52	0,47	0,47	0,52
São Luís	0,45	0,45	0,45	0,45	0,45
Teresina	0,40	0,38	0,38	0,38	0,38
Fortaleza	0,51	0,51	0,51	0,51	0,51
Natal	0,46	0,46	0,46	0,46	0,46
João Pessoa	0,49	0,49	0,47	0,46	0,46
Recife	0,43	0,46	0,43	0,43	0,43
Maceió	0,37	0,53	0,39	0,39	0,53
Aracaju	0,46	0,46	0,46	0,46	0,48
Salvador	0,55	0,62	0,58	0,55	0,61
Belo Horizonte	0,55	0,60	0,61	0,57	0,53
Vitória	0,49	0,50	0,50	0,49	0,58
Rio de Janeiro	0,79	0,79	0,79	0,79	0,79
São Paulo	0,67	0,85	0,71	0,67	0,83
Curitiba	0,73	0,75	0,74	0,72	0,80
Florianópolis	0,82	0,90	0,85	0,85	0,90
Porto Alegre	0,67	0,81	0,71	0,67	0,78
Campo Grande	0,47	0,48	0,55	0,48	0,54
Cuiabá	0,42	0,43	0,38	0,40	0,43
Goiânia	0,39	0,39	0,39	0,39	0,39
Brasília	0,60	0,63	0,61	0,60	0,61

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS				
	Ladrilheiro	Mestre-de- obras	Pedreiro	Pintor	Servente
BRASIL	0,65	2,09	0,62	0,64	0,40
Porto Velho	0,39	0,80	0,38	0,39	0,29
Rio Branco	0,34	1,59	0,47	0,47	0,32
Manaus	0,49	1,39	0,48	0,48	0,32
Boa Vista	0,71	1,44	0,71	0,80	0,30
Belém	0,50	1,18	0,50	0,50	0,31
Macapá	0,41	0,99	0,52	0,41	0,32
São Luís	0,45	1,07	0,45	0,45	0,29
Teresina	0,38	0,78	0,40	0,37	0,27
Fortaleza	0,51	1,03	0,51	0,51	0,35
Natal	0,46	1,25	0,46	0,46	0,30
João Pessoa	0,49	1,01	0,43	0,46	0,29
Recife	0,43	1,74	0,43	0,43	0,32
Maceió	0,36	0,85	0,37	0,37	0,31
Aracaju	0,46	1,34	0,46	0,46	0,30
Salvador	0,64	1,57	0,54	0,54	0,29
Belo Horizonte	0,54	1,65	0,57	0,54	0,35
Vitória	0,57	1,14	0,50	0,49	0,32
Rio de Janeiro	0,81	2,93	0,79	0,79	0,50
São Paulo	0,72	2,89	0,69	0,71	0,43
Curitiba	0,75	1,15	0,72	0,75	0,50
Florianópolis	0,95	1,64	0,82	0,92	0,50
Porto Alegre	0,74	1,20	0,67	0,74	0,43
Campo Grande	0,58	1,50	0,48	0,56	0,38
Cuiabá	0,40	1,20	0,45	0,48	0,30
Goiânia	0,39	1,51	0,39	0,39	0,29
Brasília	0,61	2,15	0,52	0,56	0,34

ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO DAS LAVOURAS EM MAIO E DA PECUÁRIA EM ABRIL DE 1989

Produção das lavouras

O mês de maio marca, normalmente, o pico e/ou o encerramento da colheita de vários produtos da chamada safra de verão. Assim, é de se esperar que, para os produtos em que o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola — LSPA — possui mais facilidade e presteza na coleta das informações, poucas modificações devam ocorrer nos dados agora divulgados, como, por exemplo, na área colhida e produção obtida da soja, cerca de 12,2 milhões de hectares e 23,6 milhões de toneladas de grãos. As considerações acerca dos atuais dados devem se centrar, então, nos produtos em que o sistema de comercialização da produção é mais lento, ou a oferta é muito atomizada ou, ainda, em que as estimativas se refiram à produção esperada. Nos dois primeiros casos se enquadra a produção do feijão — 1ª safra, que apresenta decréscimo de

2,92% em relação à estimativa de abril e, no último caso, da cana-de-açúcar, com um decréscimo de 3,70%.

A produção de feijão na primeira safra é realmente decepcionante, ao redor de 1,2 milhão de toneladas, inferior em 35 mil toneladas à produção esperada em abril e muito aquém das reais necessidades do consumo interno de 2,9 milhões de toneladas anuais, estimado através dos últimos dados da Pesquisa de Estoques relativa ao 2º semestre de 1988 e recém divulgada pelo Departamento de Agropecuária (DEAGRO) do IBGE. Seguramente, as próximas safras do produto serão insuficientes para atender à demanda adicional de 1,7 milhões de toneladas necessárias à satisfação do consumo interno, prevendo-se então a possível necessidade da importação da leguminosa, caso haja disponibilidade no mercado internacional.

Quanto à cana-de-açúcar, o decréscimo nas estimativas de produção em maio, com relação às de abril, de cerca de 900 mil toneladas, é preocupante. Mais pela importância do produto na economia nacional, como fonte de energia, de emprego e renda (cerca de 17% do produto interno bruto do

subsetor lavouras), do que pela existência ou não de soluções a curto e médio prazo para a expansão do cultivo. À primeira vista, a produção de cana-de-açúcar está fortemente dependente da política de preços atualmente praticada ou determinada pelo governo.

Em relação à produção obtida em 1988, os dados do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola — LSPA — em maio apresentam como novidade a reversão das expectativas da produção do tomate e da mamona (de decréscimo em abril para crescimento) e da cana-de-açúcar (de crescimento para decréscimo). Assim, seis produtos apresentam estimativas superiores às do ano anterior: fumo (8,16%), mamona (1,32%), mandioca (9,30%), milho (6,50%), soja (31,41%) e tomate (0,02%). Com a produção de cebola apresentando-se praticamente constante, para os seis produtos restantes são esperadas safras menores: algodão herbáceo (23,95%), amendoim — 1ª safra (10,10%), arroz (5,01%), batata-inglesa — 1ª safra (21,39%), cana-de-açúcar (2,36%) e feijão — 1ª safra (29,96%).

Dos produtos com crescimento na produção, a melhoria no rendimento médio esperado explica, totalmente, os acréscimos nas estimativas de produção de milho e mamona, enquanto que a expansão da área cultivada explica o crescimento das lavouras de fumo e de tomate. É interessante observar que, no caso do milho, o recorde esperado no rendimento médio (2,04 toneladas por hectare) deveu-se, em grande parte, à recuperação de produtividade das lavouras gaúchas que, de 1,56 t/ha em 1988, passou a 2,23 t/ha, com um crescimento de 42,69%. A propósito, é justamente o desempenho do cereal, assim como o da soja, que vem assegurando a manutenção da excelente safra de *grãos*, aproximadamente 71,7 milhões de toneladas, na hipótese possivelmente otimista de repetição, neste ano, da colheita obtida em 1988 dos principais produtos de *inverno*, especialmente do trigo.

Produção animal

Em abril, o movimento de abate dos principais animais que abastecem de carne os mercados do país revelou mudanças significativas, ditadas basicamente pelas medidas realinhadoras de preços implementadas pelo Plano Verão. Assim, a produção avícola em carcaça, cujo principal produto — o frango — teve seu preço majorado em 8%,

cresceu 7,2%, em relação ao mesmo período do ano anterior. O abate de bovinos acusou o primeiro decréscimo do ano (– 6,5%), muito provavelmente influenciado pela manutenção do congelamento dos preços da carne no mercado retalhista. No que concerne à produção de leite, a Pesquisa Mensal demonstrou o prosseguimento da queda (– 1,6%) do fornecimento nas plataformas das indústrias. Identicamente, manteve-se em declínio a produção de carne suína, com a oferta da quantidade em carcaças acusando um decréscimo de 18,4% no mês.

É pertinente assinalar, no entanto, que apesar das medidas coercitivas do Plano Verão, o Índice de Preços ao Consumidor — IPC — de abril registrou altas derivadas da cobrança de ágio, para os principais produtos protéicos de origem animal: carne bovina (4,85%), frango (14,4%) e ovos (25,76%).

Particularmente, o resultado do abate de bovinos em abril pode ser considerado um fato singular já que alcançou um total de 1,07 milhão de cabeças, interrompendo uma longa série de 15 meses de registros positivos. Neste sentido, o sacrifício de matrizes, que vinha sendo a principal contribuição para a manutenção do nível satisfatório de abastecimento dos mercados interno e externo, acusou um decréscimo de 5,6% em relação ao mesmo mês de 1988. Este fato pode, porém, constituir-se em indício de mudanças nas expectativas dos pecuaristas com relação à lucratividade da atividade nos próximos anos. Frise-se, contudo, que o abate de bois gordos também declinou de modo significativo (– 7,1%), podendo significar uma reação ao governo, que persistiu em manter o congelamento do preço da carne, mesmo quando os preços dos animais de substituição (bezerro e boi magro) mantiveram-se em alta. Neste contexto, a oferta de carne bovina em carcaça alcançou um total de 221,6 mil t, em abril, menos 8,1% do que em 1988. No acumulado, o mercado foi suprido em 899 mil t, configurando um aumento de apenas 0,9% em relação ao quadrimestre do ano passado.

No que concerne à suinocultura, o número de animais abatidos atingiu 698 mil cabeças em abril, representando uma queda de 16,2%, comparativamente ao mesmo período em 1988. Este resultado significa a continuidade da queda da produção que se vem configurando desde maio do ano passado, em decorrência das medidas tomadas pelos criadores de reduzir a produção em face da queda dos preços verificada em 1987.

A produção avícola em abril alcançou um total de 107,4 mil t de carcaças, mais 7,2% do que em 1988, demonstrando mais uma vez a flexibilidade dos criatórios em atender ao aumento da demanda do mercado, derivada, no caso da queda na oferta da carne bovina no período e da *possibilidade* de venda dos produtos avícolas com ágio.

No caso específico do leite, os resultados de abril exibem uma queda de 1,6% no fornecimento às indústrias, refletindo o clima pessimista reinante no âmbito dos pecuaristas em relação aos baixos preços do produto. Vale notar que a produção no quadrimestre al-

cançou um volume de 3,23 bilhões de litros, representando um decréscimo de 4,1% em relação ao desempenho do mesmo período do ano passado.

Tanto a situação do leite como a da carne bovina constituem motivo de preocupação para as autoridades governamentais, tendo em vista a grande probabilidade de escassez desses produtos no período de entressafra. À semelhança do ocorrido em crises anteriores, o atraso na tomada de decisões (contingenciamento das exportações, importação, etc.) deverá constituir-se no agravamento do abastecimento, nos meses de inverno, com prejuízos evidentes para os consumidores.

1 – ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO – CONFRONTO
DAS ESTIMATIVAS MARÇO/ABRIL
Brasil

Maio/89

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)		
	Abril	Maio	Varição (%)
Total	40 604 774	40 400 005	- 0,05
Algodão herbáceo (em caroço)	1 551 874	1 551 642	- 0,01
Amendoim (em casca) 1.ª safra	64 571	62 032	- 3,93
Arroz (em casca)	5 326 271	5 303 816	- 0,38
Batata-inglesa – 1.ª safra	88 050	88 709	0,75
Cana-de-açúcar	(1) 3 690 219	(1) 3 516 173	- 4,72
Cebola	64 092	64 228	0,21
Feijão (em grão) 1.ª safra	2 718 135	2 679 602	- 1,42
Fumo (em folha)	275 458	277 953	0,91
Mamona	206 189	211 449	2,55
Mandioca	(1) 1 810 978	(1) 1 806 876	- 0,23
Milho (em grão)	12 578 396	12 559 797	- 0,15
Soja (em grão)	12 180 663	12 221 438	0,33
Tomate	49 878	54 290	8,85

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	Abril	Maio	Varição (%)	Abril	Maio	Varição (%)
Total	-	-	-	-	-	-
Algodão herbáceo (em caroço)	1 803 161	1 847 184	2,44	1 162	1 190	2,41
Amendoim (em casca) 1.ª safra	111 645	116 159	4,04	1 729	1 873	8,33
Arroz (em casca)	11 111 454	11 214 784	0,93	2 086	2 114	1,34
Batata-inglesa – 1.ª safra	1 095 729	1 102 757	0,64	12 444	12 431	- 0,10
Cana-de-açúcar	243 769 886	234 756 860	- 3,70	66 058	66 785	1,07
Cebola	657 625	664 803	1,09	10 261	10 351	0,88
Feijão (em grão) 1.ª safra	1 234 881	1 198 809	- 2,92	454	447	- 1,54
Fumo (em folha)	434 655	443 966	2,14	1 578	1 597	1,20
Mamona	126 366	131 229	3,85	613	621	1,31
Mandioca	22 961 698	22 782 888	- 0,78	12 679	12 609	- 0,55
Milho (em grão)	26 070 002	26 105 467	0,14	2 073	2 078	0,24
Soja (em grão)	23 537 089	23 680 650	0,61	1 932	1 938	0,31
Tomate	1 898 424	2 077 322	9,42	38 061	38 263	0,53

FONTE – IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola).

NOTA – Além das Unidades da Federação que, ainda, não forneceram a 1.ª estimativa para a safra de 1989, foram excluídas aquelas que passaram a informar em maio para fins de comparação como segue: algodão herbáceo (Pará); cana-de-açúcar (Amazonas e Alagoas); cebola (Bahia); fumo (Bahia); mamona (Piauí); mandioca (Amazonas); milho (Bahia – 2.ª safra); e tomate (Amazonas, Roraima e Bahia).

(1) Área destinada à colheita.

2 – ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO – CONFRONTO
DAS SAFRAS DE 1988 E DAS ESTIMATIVAS PARA 1989
Brasil

Maio/89

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra/88)	Plantada (safra/89)	Variação (%)
Total	41 123 993	40 769 890	- 0,86
Algodão herbáceo (em caroço)	1 811 469	1 551 642	- 14,34
Amendoim (em casca) 1.ª safra	71 672	62 032	- 13,45
Arroz (em casca)	5 960 984	5 305 816	- 10,99
Batata-inglesa – 1.ª safra	106 017	88 709	- 16,33
Cana-de-açúcar	3 691 560	(1) 3 516 173	- 4,75
Cebola	69 560	72 789	4,64
Feijão (em grão) 1.ª safra	3 422 484	2 679 602	- 21,71
Fumo (em folha)	255 368	277 953	8,84
Mamona	274 030	226 509	- 17,34
Mandioca	1 692 358	(1) 1 806 876	6,77
Milho (em grão)	13 181 987	12 896 225	- 2,17
Soja (em grão)	10 523 629	12 221 438	16,13
Tomate	62 875	64 126	1,99

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	Obtida (safra/88)	Esperada (safra/89)	Variação (%)	Obtido (safra/88)	Esperado (safra/89)	Variação (%)
Total	-	-	-	-	-	-
Algodão herbáceo (em caroço)	2 428 997	1 847 184	- 23,95	1 341	1 190	- 11,26
Amendoim (em casca) 1.ª safra	129 211	116 159	- 10,10	1 803	1 873	3,88
Arroz (em casca)	11 806 451	11 214 784	- 5,01	1 981	2 114	6,71
Batata-inglesa – 1.ª safra	1 402 832	1 102 757	- 21,39	13 232	12 431	- 6,05
Cana-de-açúcar	240 424 464	234 756 860	- 2,36	65 128	68 765	2,51
Cebola	755 574	755 572	- 0,00	10 862	10 380	- 4,44
Feijão (em grão) 1.ª safra	1 711 662	1 198 809	- 29,96	500	447	- 10,60
Fumo (em folha)	410 475	443 966	8,16	1 607	1 597	- 0,62
Mamona	145 478	147 400	1,32	531	651	22,60
Mandioca	20 844 090	22 782 888	9,30	12 317	12 609	2,37
Milho (em grão)	24 749 550	26 357 451	6,50	1 878	2 044	8,84
Soja (em grão)	18 020 677	23 680 650	31,41	1 712	1 938	13,20
Tomate	2 406 752	2 407 220	0,02	38 278	37 539	- 1,93

FONTE – IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola).

NOTA – Não foram computados, nos totais referentes à safra/88, as Unidades da Federação que, ainda, não forneceram a 1.ª estimativa para a safra/89, de forma como segue: algodão herbáceo (Pará); cana-de-açúcar (Amazonas e Alagoas); fumo (Bahia); e mandioca (Amazonas).

(1) Área destinada à colheita.

3 — ABATE DE ANIMAIS E PRODUÇÃO DE LEITE

Janeiro/Abril de 1988 e de 1989

Maio/89

ABATE DE ANIMAIS E PRODUÇÃO DE LEITE	QUANTIDADE				
	Abril-88	Março-89	Abril-89	Janeiro/abril-88	Janeiro/abril-89
LEITE (1) (2).....	742 939	800 984	731 159	3 368 239	3 230 330
PASTEURIZADO					
Vendido ao público.....	290 840	295 925	273 483	1 211 688	1 146 623
Industrializado na empresa.....	327 774	374 721	340 186	1 581 340	1 546 924
RESFRIADO OU NÃO					
Vendido ao público.....	123	250	148	592	663
Vendido a outras empresas.....	124 202	130 088	117 342	574 619	536 120
ABATE (3)					
Bovinos.....	241 237	231 735	221 615	891 223	899 113
Suínos.....	55 874	47 402	45 442	229 399	184 500
Aves.....	100 188	114 099	107 368	423 497	429 996
ABATE DE ANIMAIS E PRODUÇÃO DE LEITE	TAXAS DE CRESCIMENTO (%)				
	$\frac{\text{Abril-89}}{\text{Abril-88}}$	$\frac{\text{Abril-89}}{\text{Março-89}}$	$\frac{\text{Janeiro/abril-89}}{\text{Janeiro/abril-88}}$		
LEITE (1) (2).....	- 1,6	- 8,7	- 4,1		
PASTEURIZADO					
Vendido ao público.....	- 6,0	- 7,6	- 5,4		
Industrializado na empresa.....	3,8	- 9,2	- 2,2		
RESFRIADO OU NÃO					
Vendido ao público.....	20,3	- 40,8	12,0		
Vendido a outras empresas.....	- 5,5	- 9,8	- 6,7		
ABATE (3)					
Bovinos.....	- 8,1	- 4,4	0,9		
Suínos.....	- 18,4	- 4,1	- 19,6		
Aves.....	7,2	- 5,9	1,5		

(1) Leite beneficiado e industrializado. (2) Mil litros. (3) Peso total das carcaças (t).

PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

UMA ANÁLISE DAS PRINCIPAIS ESTIMATIVAS DE 1988

Shyrlene Ramos*

TAXA DE DESEMPREGO

Em 1988, a estimativa da taxa de desemprego oscilou no intervalo de 2,92% (dezembro) a 4,33% (fevereiro), níveis considerados baixos em relação a 1985 e bem próximos a 1986 (principalmente nos primeiros meses do ano). Em relação a 1987, as variações mais expressivas ocorreram no início do ano.

Considerando o período 1985/88, observamos nítida tendência de queda, principalmente nos dois primeiros anos, como podemos verificar no Gráfico 1, que mostra o comportamento da média móvel do indicador nos últimos três meses.

O baixo nível da taxa de desemprego encontra explicação na expansão do mercado de trabalho informal. Diante da crise, com o processo inflacionário se acelerando e correndo o poder aquisitivo da moeda, os indivíduos são obrigados a aceitar trabalho mesmo em condições precárias, como vendedor ambulante, camelô ou mesmo com vínculo empregatício sem carteira de traba-

lho assinada, o que caracteriza esses indivíduos como ocupados, segundo a metodologia da pesquisa. Portanto, a proporção da população economicamente ativa em busca de trabalho, na medida em que esse mercado se expande, vai diminuindo.

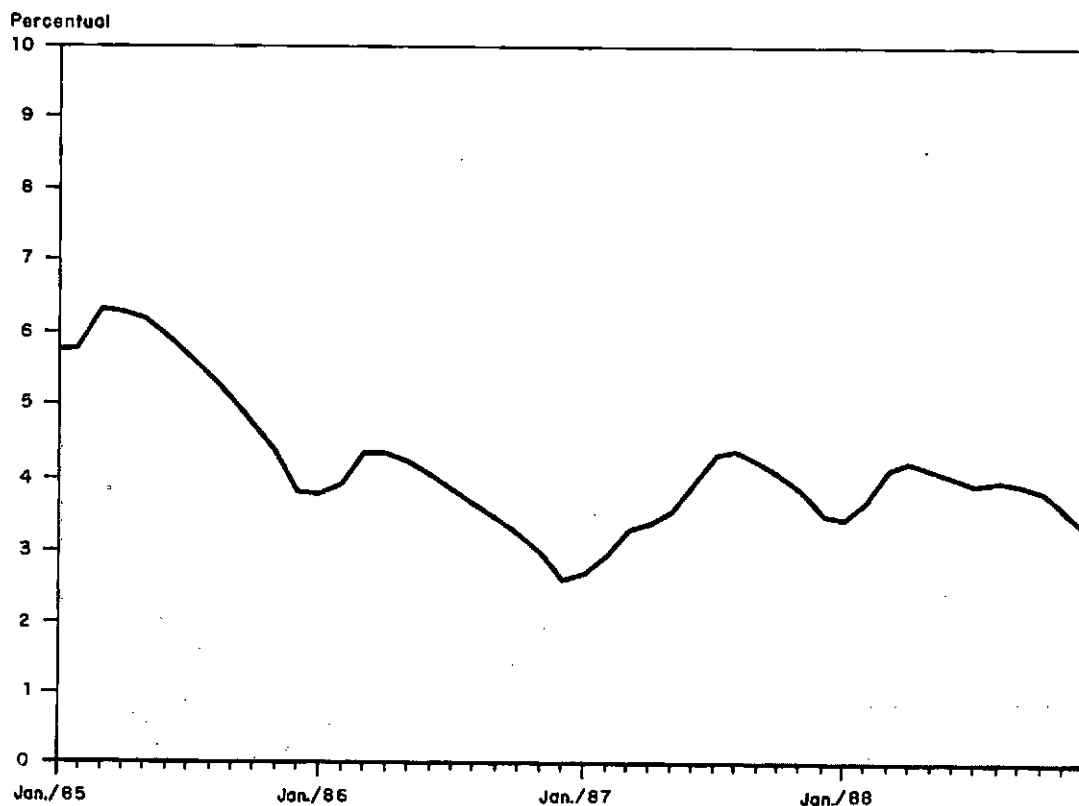
Em 1988, como veremos adiante, o nível de ocupação na indústria caiu, enquanto no Setor de Comércio manteve-se o nível de 1987 e no Setor de Serviços houve um ligeiro aumento, comparando-se os primeiros meses do ano. A proporção de pessoas ocupadas ganhando menos de um piso nacional de salários também aumentou em 1988. Enquanto em dezembro de 1987 foi de 14,98%, em dezembro de 1988 foi de 17,68%. O mesmo aconteceu com a proporção dos indivíduos que ganharam menos de dois pisos. Isto pode ser um indício do aumento do grau de informalidade.

POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA

A população economicamente ativa compreende as pessoas ocupadas e desocupa-

* Economista do Departamento de Emprego e Rendimento — IBGE.

GRÁFICO 1
TAXA MÉDIA DE DESEMPREGO — MM(3)
(Período de referência — Semana/Idade
mínima — 15 anos)



das, numa proporção de 96% e 4%, respectivamente.

O número de pessoas ocupadas cresceu em 1988. Esta tendência de alta é verificada desde a implantação da pesquisa. Na medida em que a população aumenta, é natural o aumento do número de pessoas ocupadas. Uma parcela do crescimento deve-se ao crescimento vegetativo da população, pois há necessidade de mais bens e serviços, o que gera novos postos de trabalho. A outra parcela deve-se a investimentos no sentido de promover o desenvolvimento.

A taxa de ocupação refere-se à distribuição relativa das pessoas ocupadas nos diferentes setores de atividade. Na Indústria de Transformação este percentual vem caindo ao longo do tempo, como descrito no Gráfico 2.

Os resultados verificados no ano passado são compatíveis com os da produção industrial, apurados pelo IBGE. A Indústria de

Transformação, talvez por falta de investimento, dado que existem outras opções mais atrativas ou mesmo pela indefinição da política econômica vem perdendo terreno, ao longo do tempo.

A proporção de pessoas ocupadas no Setor da Construção Civil cresceu em 1988. O imóvel tornou-se uma boa alternativa de investimento, concorrendo com os ativos do mercado financeiro e o ano eleitoral sempre favorece o setor através das obras públicas.

No Setor de Comércio, na média, o ano de 1988 foi melhor do que 1987. No Setor de Serviços manteve-se o maior nível alcançado no ano anterior. Os Gráficos 3, 4 e 5 mostram esses indicadores.

O número de pessoas desocupadas caiu no período março/julho-88 e agosto/dezembro do mesmo ano. O primeiro período mostra um comportamento oposto ao observado em 1987, como podemos constatar no Gráfico 6.

GRÁFICO 2
 TAXA DE OCUPAÇÃO — INDÚSTRIA DE
 TRANSFORMAÇÃO
 (Período de referência — Semana/Idade
 mínima — 15 anos)

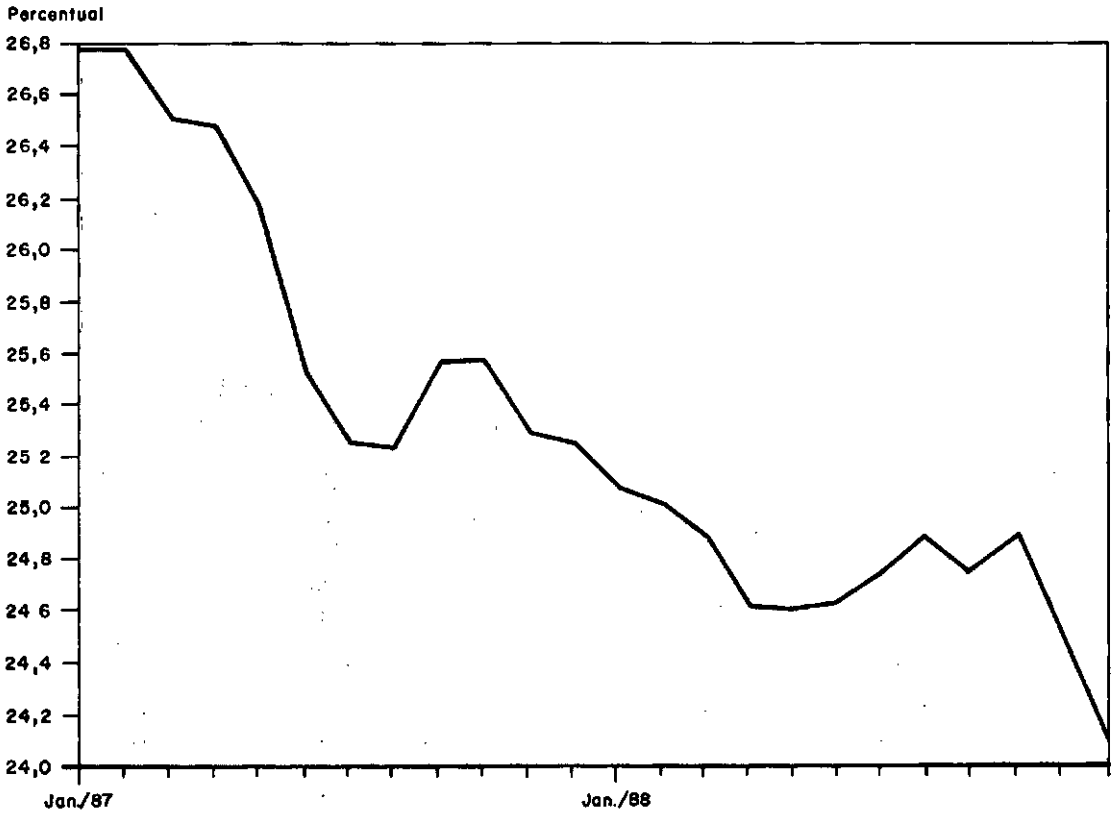


GRÁFICO 3
 TAXA DE OCUPAÇÃO — CONSTRUÇÃO CIVIL
 (Período de referência — Semana/Idade
 mínima — 15 anos)

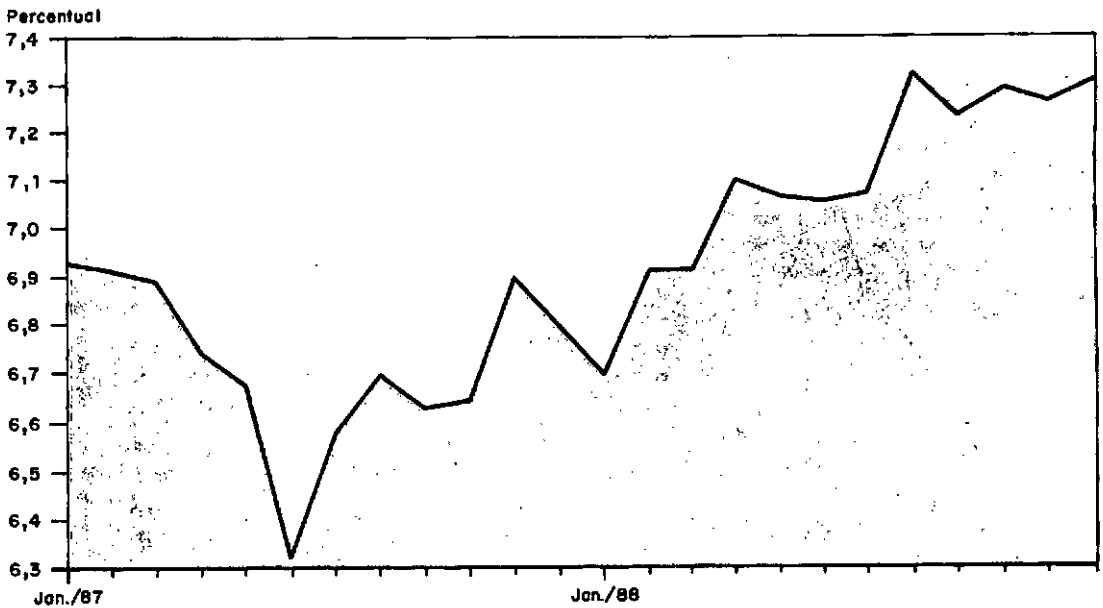


GRÁFICO 4
TAXA DE OCUPAÇÃO – COMÉRCIO
(Período de referência – Semana/Idade
mínima – 15 anos)

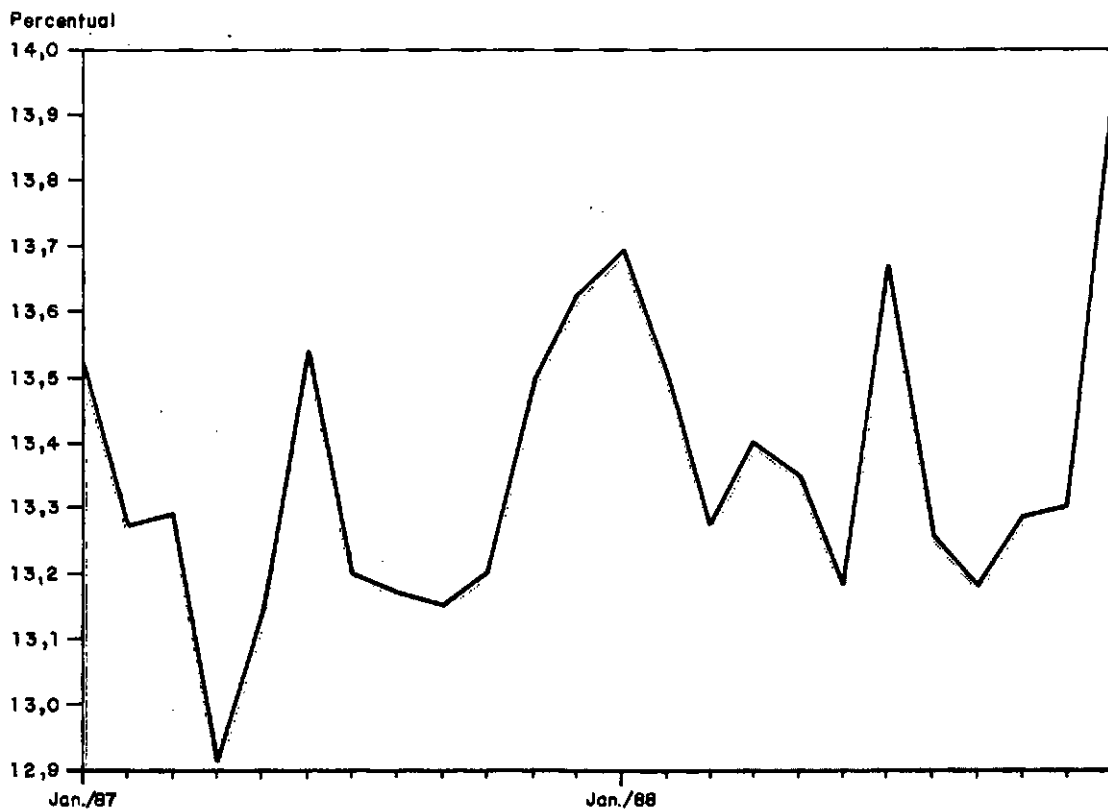


GRÁFICO 5
TAXA DE OCUPAÇÃO – SERVIÇOS
(Período de referência – Semana/Idade
mínima – 15 anos)

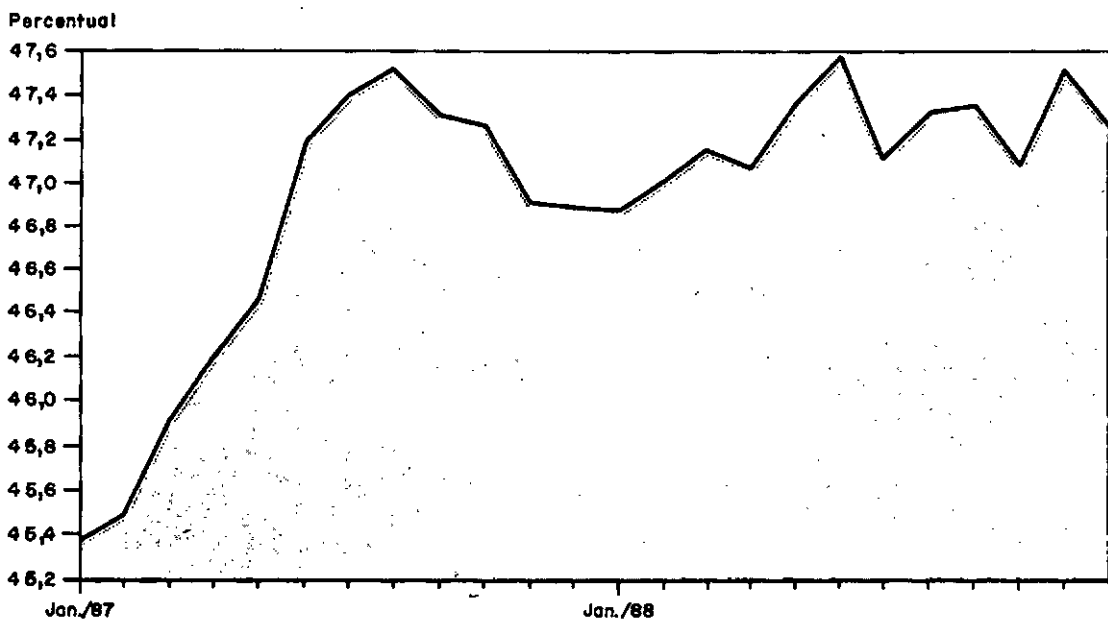
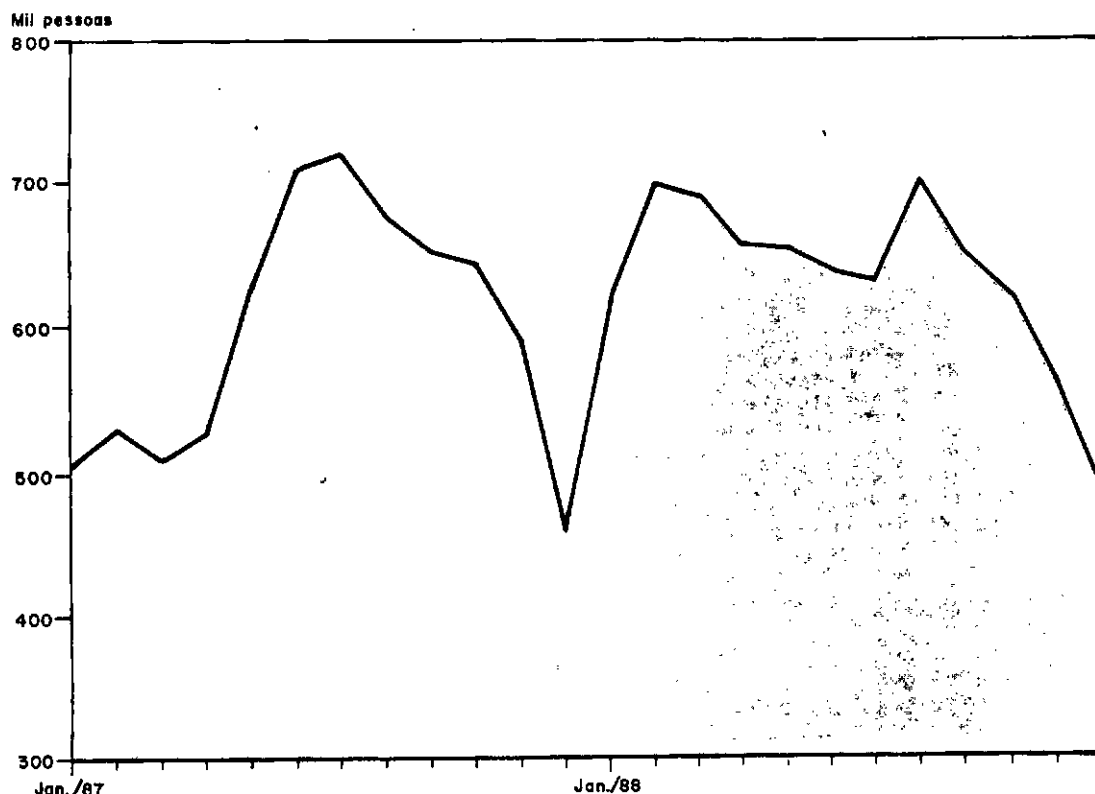


GRÁFICO 6
NÚMERO DE PESSOAS DESOCUPADAS
(Período de referência — Semana/Idade
mínima — 15 anos)



Em resumo, o crescimento da população economicamente ativa foi impulsionado pelo crescimento do número de pessoas ocupadas. A evolução dos indicadores pode ser vista no Gráfico 7.

RENDIMENTOS MÉDIOS REAIS

Os rendimentos médios reais das pessoas ocupadas em 1988 recuperaram-se, em parte, das perdas ocorridas em 1987.

A política salarial no sentido de corrigir o Piso Nacional de Salários acima da URP, os abonos concedidos pelo governo a seus servidores, a devolução da URP dos meses de abril e maio, o movimento trabalhista favorecendo os acordos coletivos, a política salarial diferenciada da oficial adotada por al-

gumas empresas que concederam reajustes acima da URP justificam a recuperação.

Das pessoas ocupadas, os empregados com carteira assinada tiveram seus rendimentos elevados principalmente no segundo semestre do ano.

Os rendimentos médios reais dos empregados sem carteira e dos conta-próprias não apresentaram o mesmo comportamento. Em São Paulo, o nível manteve-se baixo, enquanto em Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre houve uma ligeira recuperação. O melhor desempenho ocorreu no Rio de Janeiro, ficando o indicador bem próximo ao do final de 1987.

Os Gráficos 8 a 16 referem-se aos rendimentos médios reais de 1987 e 1988, para as três categorias nas seis regiões metropolitanas.

GRÁFICO 7
 PESSOAS OCUPADAS E PEA
 (Período de referência — Semana/Idade
 mínima — 15 anos)

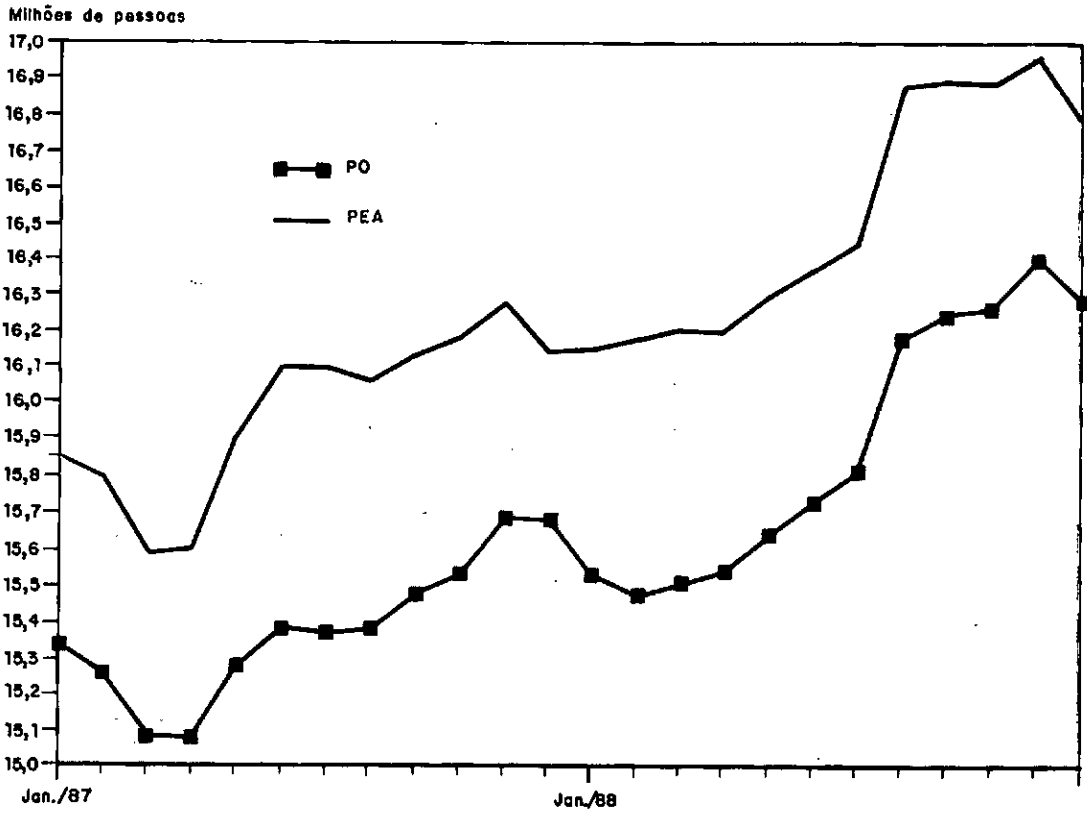


GRÁFICO 8
 RENDIMENTO MÉDIO REAL — EMPREGADOS
 COM CARTEIRA
 MÉDIA MÓVEL (3 M) — NCz\$ (março/86)

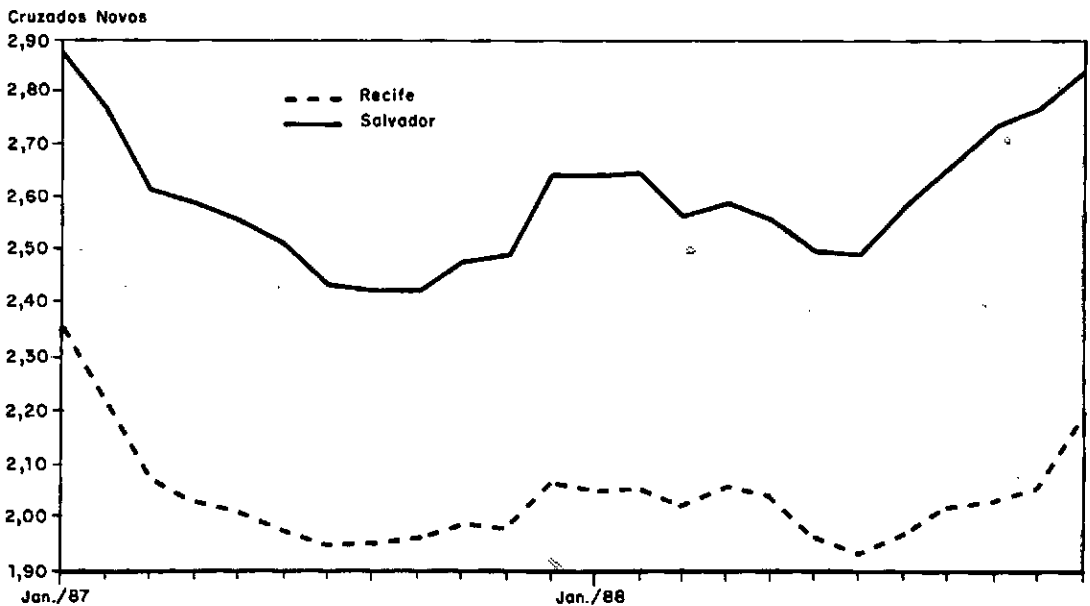


GRÁFICO 9
 RENDIMENTO MÉDIO REAL – EMPREGADOS
 COM CARTEIRA
 MÉDIA MÓVEL (3 M) – NCz\$ (março/86)

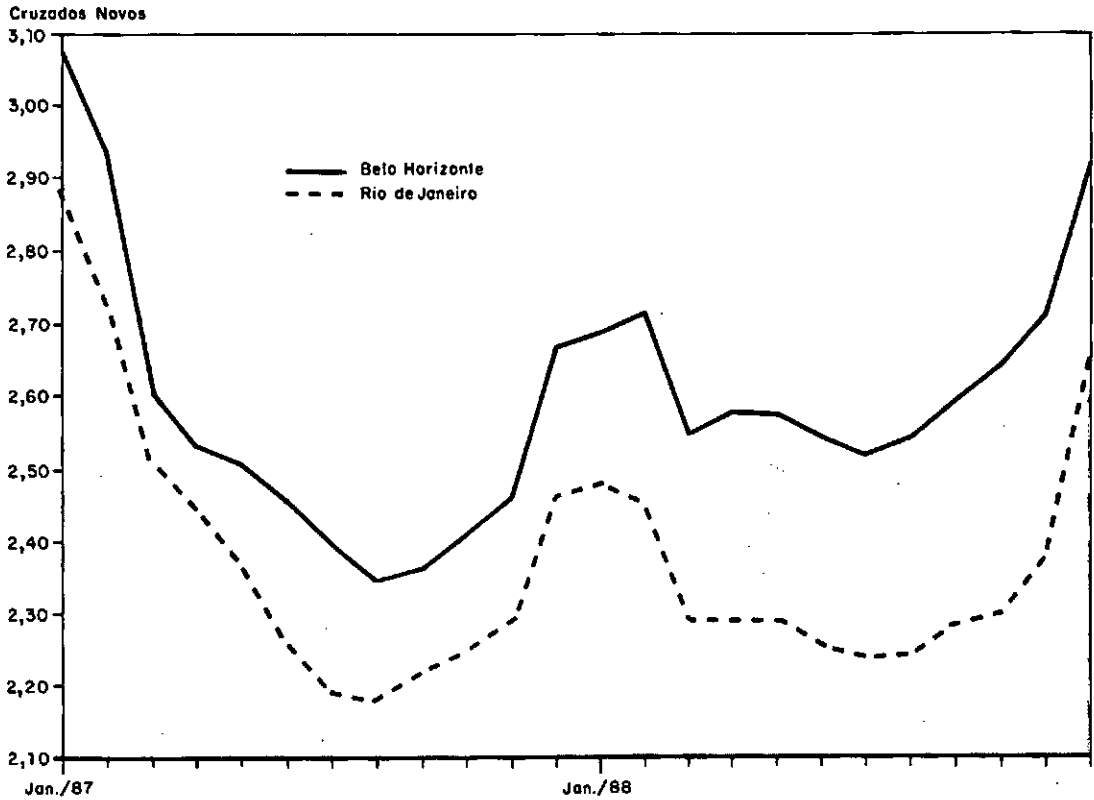


GRÁFICO 10
 RENDIMENTO MÉDIO REAL – EMPREGADOS
 COM CARTEIRA
 MÉDIA MÓVEL (3 M) – NCz\$ (março/86)

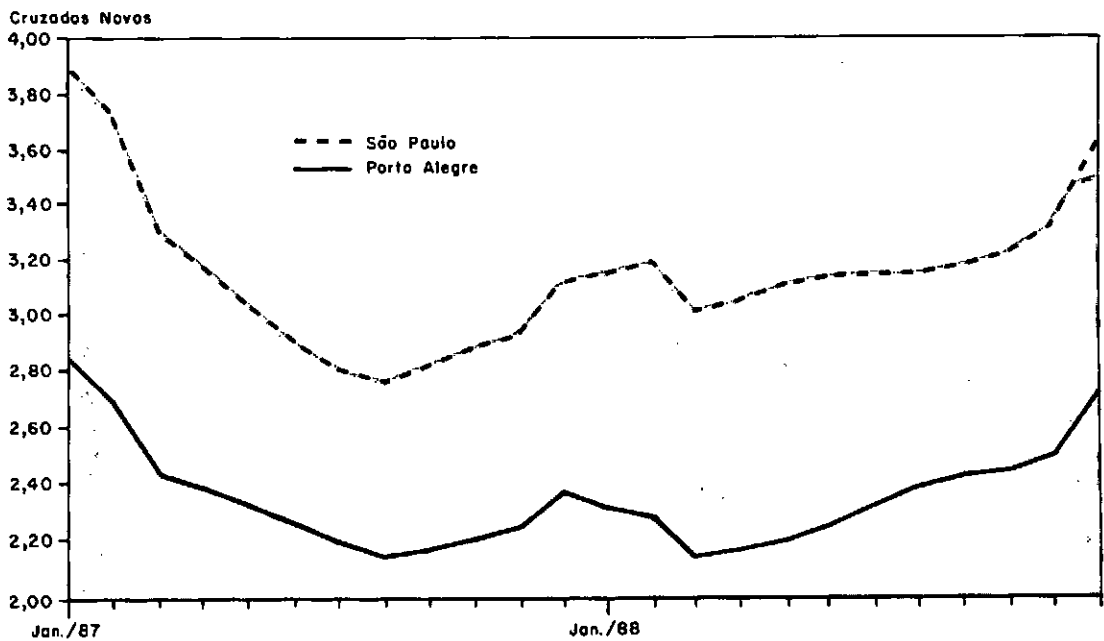


GRÁFICO 11
 RENDIMENTO MÉDIO REAL – EMPREGADOS
 SEM CARTEIRA
 MÉDIA MÓVEL (3 M) – NCz\$ (março/86)

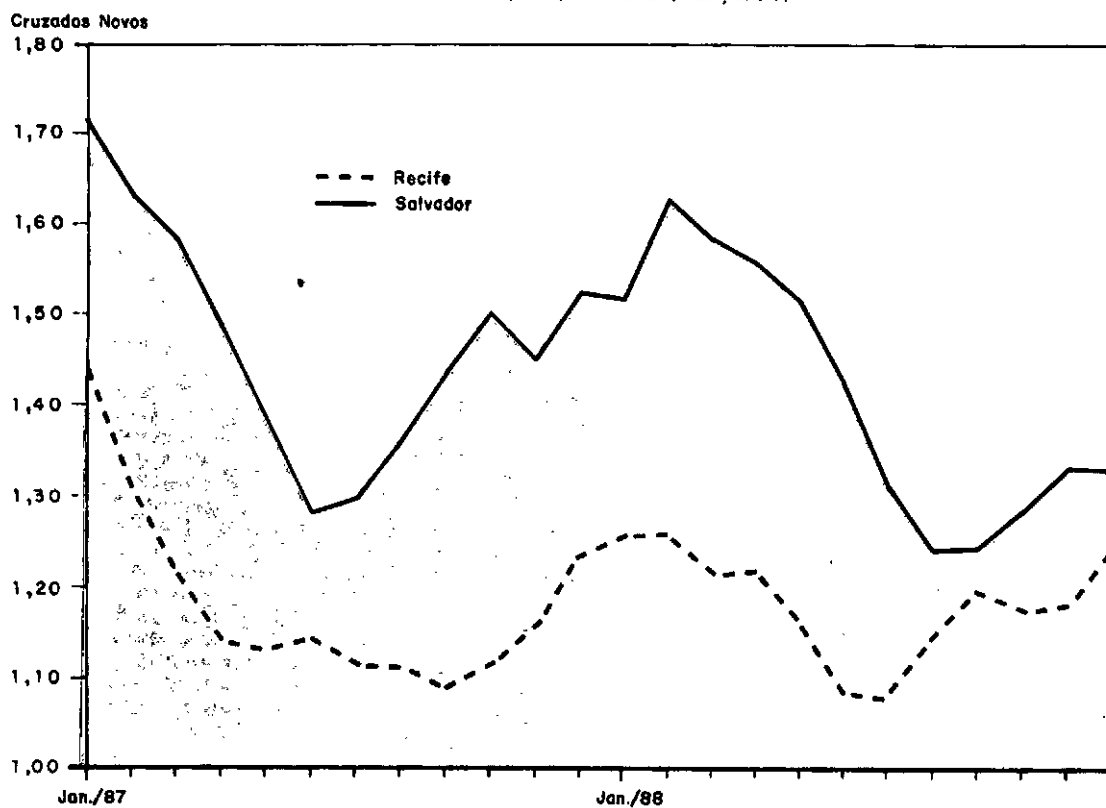


GRÁFICO 12
 RENDIMENTO MÉDIO REAL – EMPREGADOS
 SEM CARTEIRA
 MÉDIA MÓVEL (3 M) – NCz\$ (março/86)

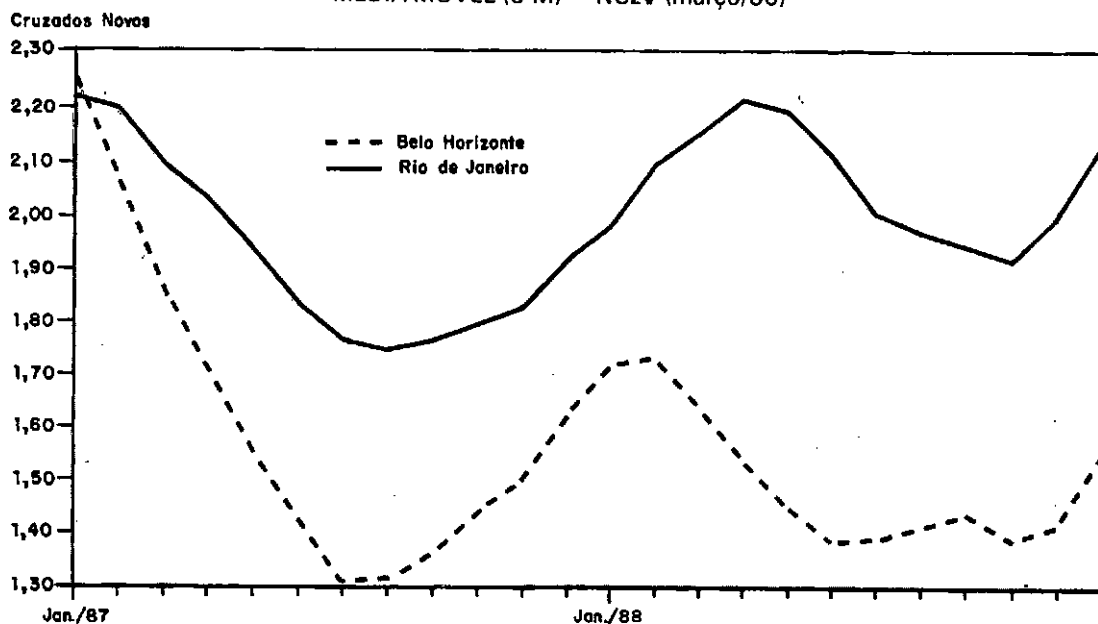


GRÁFICO 13
 RENDIMENTO MÉDIO REAL – EMPREGADOS
 SEM CARTEIRA
 MÉDIA MÓVEL (3 M) – NCz\$ (março/86)

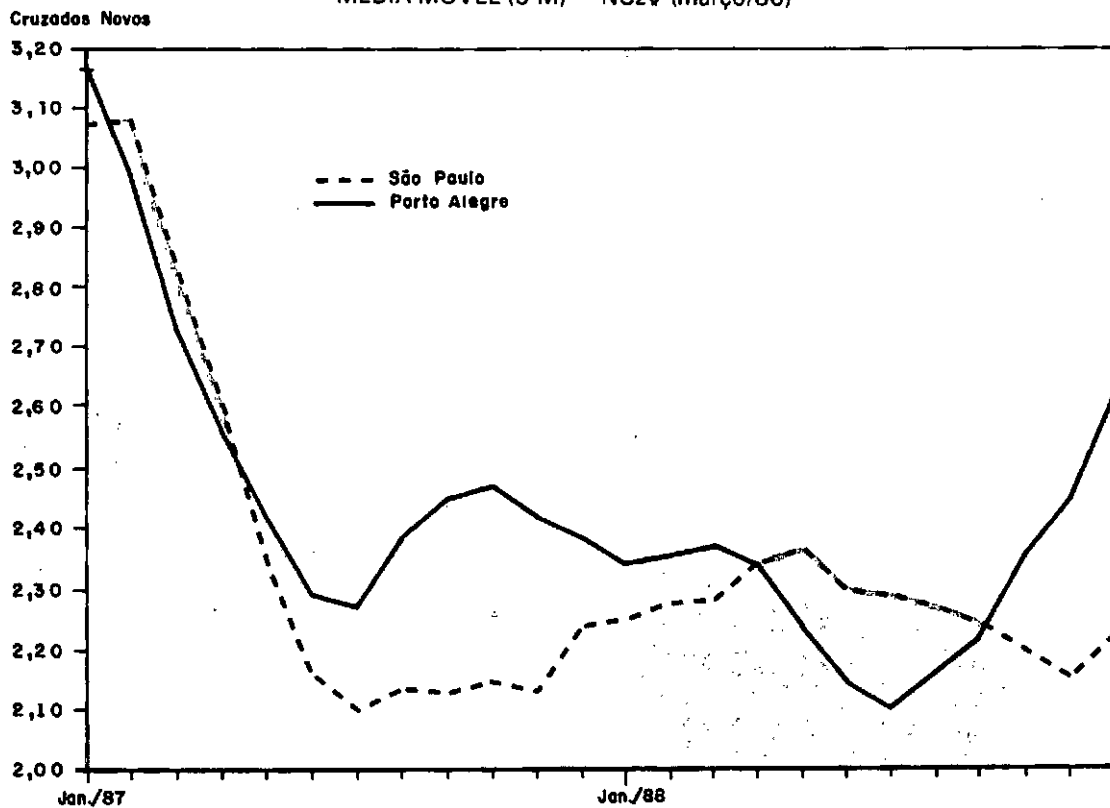


GRÁFICO 14
 RENDIMENTO MÉDIO REAL
 – CONTA-PRÓPRIAS
 MÉDIA MÓVEL (3 M) – NCz\$ (março/86)

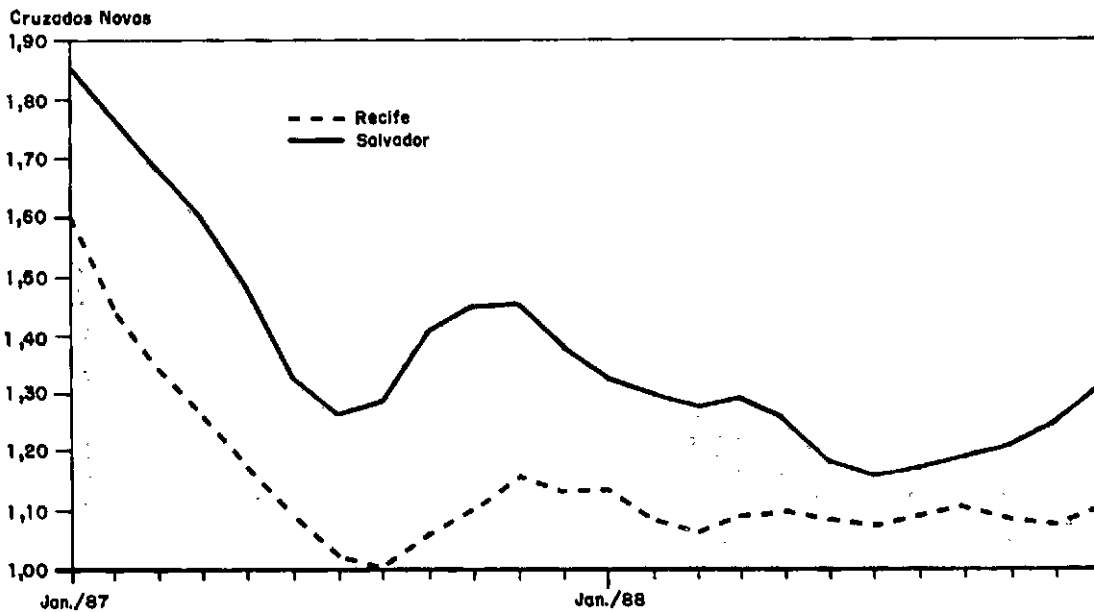


GRÁFICO 15
 RENDIMENTO MÉDIO REAL
 - CONTA-PRÓPRIAS
 MÉDIA MÓVEL (3 M) - NCz\$ (março/86)

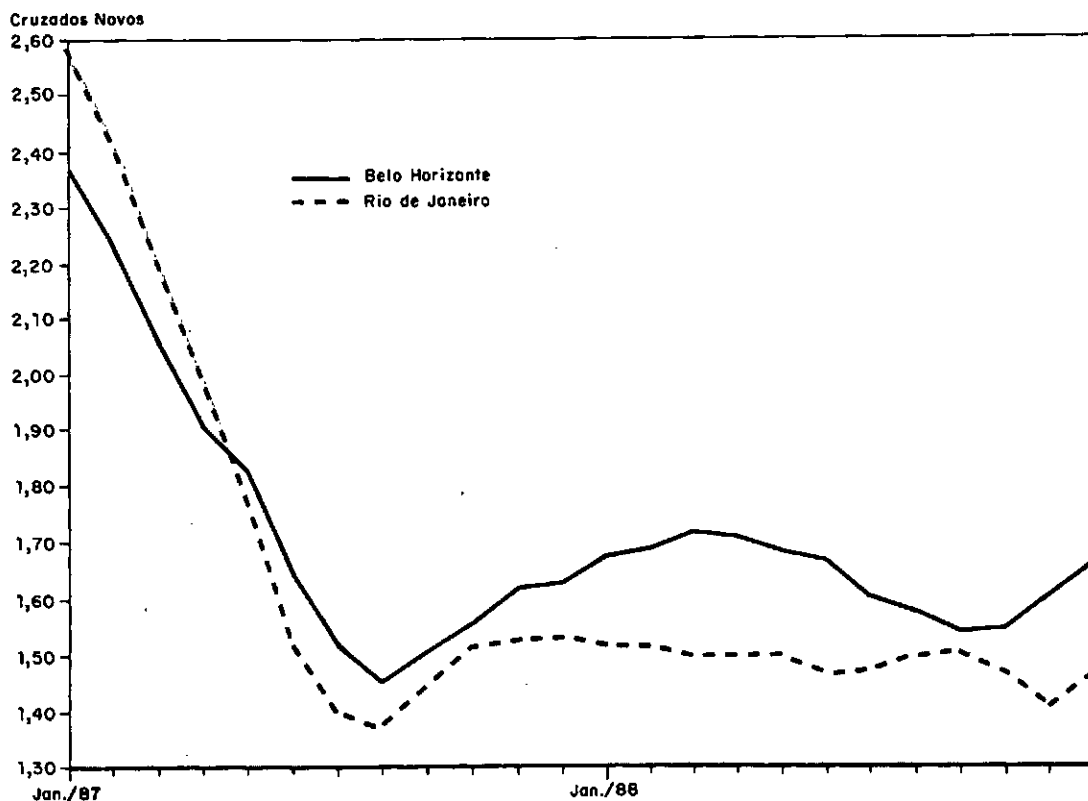
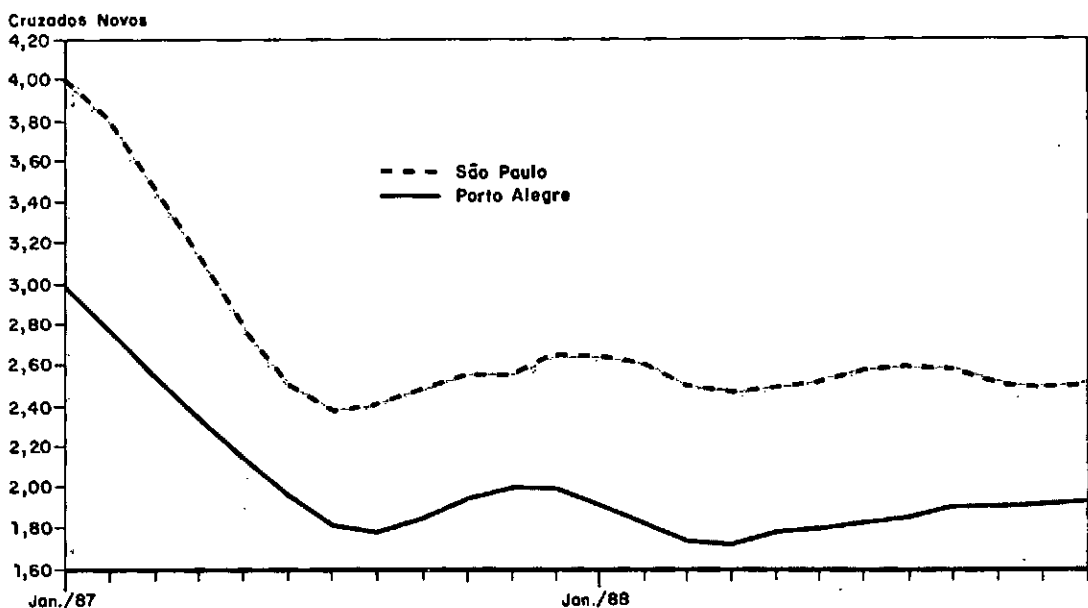


GRÁFICO 16
 RENDIMENTO MÉDIO REAL
 - CONTA-PRÓPRIAS
 MÉDIA MÓVEL (3 M) - NCz\$ (março/86)



NOTA - Para informações, dirigir-se ao Departamento de Emprego e Rendimento (DEREN), Rua Visconde de Niterói, 1246, Bloco B, 10º andar, telefone: 284-6539.

SISTEMA NACIONAL DE ÍNDICES DE PREÇOS AO CONSUMIDOR — SNIPC

AS NOVAS POPULAÇÕES OBJETIVO E A MODIFICAÇÃO DO SISTEMA DE PESOS ENTRE REGIÕES

Angela Maria Puppim Buzanovsky*
Ricardo A. A. Braule Pinto*

O Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor (SNIPC) passa a ser processado, a partir de junho de 1989, com as novas estruturas de ponderações resultantes da Pesquisa de Orçamentos Familiares¹ realizada entre março de 1987 e fevereiro de 1988. Neste mesmo momento, se faz necessário rever as populações objetivo e o sistema de pesos entre regiões. São estas modificações o tema deste texto.

Registre-se que ao Índice de Preços ao Consumidor — o indexador oficial — se aplicam todas as afirmativas feitas para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), uma vez que é na metodologia do INPC que está baseado o cálculo do indexador.

AS NOVAS POPULAÇÕES OBJETIVO (PO)

1 — Os critérios válidos para definição das PO em 1979

Em 1979, quando o IBGE implantou o Sistema Nacional de Índices de Preços ao Con-

sumidor, a população objetivo do índice restrito foi definida de modo que cada família a ela pertencente satisfizesse duas condições:

a) Estar domiciliada na área urbana da região metropolitana — já que as estruturas de comércio formal são pouco desenvolvidas no meio rural; e

b) Possuir chefe assalariado — já que o INPC foi concebido para servir de base nas negociações salariais entre os empregados e empregadores.

Entretanto, o conjunto de famílias (e, conseqüentemente, das cestas de consumo) que atende a essas restrições costuma ser muito heterogêneo, uma vez que a amplitude das rendas familiares é muito grande.

Assim, tornava-se necessário restringir ainda mais a população, de modo a congregar famílias com cestas semelhantes e, ao mesmo tempo, cobrir uma parcela significativa da população. Essa parcela foi arbitrada, em princípio, entre 50 e 60%, para cada região metropolitana.

* Atuaram como colaboradores Edilson Nascimento da Silva, Jonas de Oliveira Lima, José Antonio Lutterbach Soares e Marcia Maria Melo Quintsr.

¹ Para uma descrição da pesquisa, ver o suplemento da revista Indicadores IBGE, Volume 7, Número 11, novembro — 88.

Restava, pois, estabelecer os limites de renda que compreenderiam 50 a 60% das famílias que atendiam às exigências (a) e (b).

Primeiramente, arbitrou-se que o limite inferior seria igual a um salário mínimo regional de abril de 1975. Feito isso, procurou-se estabelecer um limite superior, comum a todas as áreas, que resultasse na cobertura populacional desejada. Esse limite foi estabelecido em 5 salários mínimos (de abril — 75).

2 — A definição das populações objetivo em 1989

Agora, em 1989, quando se iniciam os procedimentos de revisão do cálculo dos índices, a nova população objetivo para o índice restrito (INPC) foi obtida tendo em vista as mesmas definições anteriores, isto é, as duas restrições iniciais e a mesma cobertura populacional. Isso resultou na faixa de 1 a 8 pisos salariais (PS) de outubro de 1987, que compreende 54% das famílias que atendem às condições (a) e (b) — anteriormente essa proporção era de 53%.

De forma semelhante, a nova população ampla (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo — IPCA) foi definida de modo a obedecer a restrição (a), e manter, aproximadamente, a mesma cobertura populacional. Resultou, então, na faixa de 1 a 40 pisos salariais (de outubro/87), que compreende 92% das famílias que atendem à condição (a) — anteriormente essa proporção era de 93%.

MODIFICAÇÃO DO SISTEMA DE PESOS ENTRE REGIÕES

1 — Porque mudar os pesos entre regiões

Atualmente, os índices nacionais (INPC e IPCA) são calculados como médias ponderadas entre os dez índices metropolitanos, sendo os pesos dados pelas participações de cada região no conjunto das dez regiões metropolitanas pesquisadas. Para o INPC, utiliza-se a variável *população residente urbana* (Censo Demográfico de 1980) como ponderadora dos índices metropolitanos; para o IPCA, utiliza-se os dados de Despesa Total Corrente (ENDEF 1974/75).

A redefinição em termos de estrutura de ponderação deve-se a considerações de or-

dem técnica, que poderiam ser assim resumidas: o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), tal como calculado hoje, considera que o peso atribuído a cada região metropolitana é proporcional à população residente urbana na mesma; isso leva a Região Sudeste a pesar 67,65% quando seu peso na população urbana total Brasil é de 53,26% (Censo Demográfico de 1980). Da mesma forma, outras regiões estão com o peso menor do que sua participação no total do Brasil.

No IPCA também ocorre o mesmo viés, uma vez que a metodologia de obtenção dos pesos regionais é a mesma.

2 — Novos pesos entre regiões para o INPC e IPC

2.1 — A variável ponderadora do índice

Mantém-se a escolha da variável *população residente urbana* como ponderadora para obtenção do índice nacional. Isso se deve à necessidade de se atribuir a devida importância, na composição final do índice, às variações de preço daquelas regiões urbanas mais populosas, conseqüentemente as mais afetadas pelo índice.

2.2 — O cálculo da nova estrutura

A nova concepção de cálculo dos pesos do sistema leva em consideração a similaridade das características demográficas e sócio-econômicas regionais.

Assim, o índice restrito de cada região metropolitana passa a representar a população urbana de seu estado e parte das populações urbanas não cobertas pelo SNIPC, pertencentes à mesma Grande Região, utilizando-se os dados da projeção de população residente urbana de 1985, realizada pelo Departamento de População (DEPOP), por serem mais recentes e não muito distantes do ano censitário (Tabela 1).

O exemplo, a seguir, demonstra o cálculo realizado:

Essa concepção de ponderação difere da atual, pois entende-se que a cobertura do índice, que será pesquisado em onze regiões metropolitanas (incluindo Goiânia), cobrindo cerca de 43% da população dos centros urbanos do país, possibilita sugerir que as variações de preços, captadas por região metropolitana, tenham a influência no índice nacional determinada pelas re-

1 — ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR
ESTRUTURA DE PONDERAÇÃO

GRANDES REGIÕES, UNIDADES DA FEDERAÇÃO E REGIÕES METROPOLITANAS	POPULAÇÃO URBANA 1985	PONDERAÇÃO ATUAL	PONDERAÇÃO ANTIGA
BRASIL	97 624 363	100,00	100,00
REGIÃO NORTE	4 097 178	4,20	2,80
Rondônia	390 843		
Acre	188 543		
Amazonas	1 162 013		
Roraima	67 849		
Pará	2 154 892		
Região Metropolitana de Belém	-	4,20	2,80
Amapá	133 038		
REGIÃO NORDESTE	21 296 817	21,81	15,96
Maranhão	1 629 387		
Piauí	1 132 392		
Ceará	3 475 544		
Região Metropolitana de Fortaleza	-	5,61	4,43
Rio Grande do Norte	1 347 500		
Paraíba	1 723 989		
Pernambuco	4 396 991		
Região Metropolitana de Recife	-	7,10	6,58
Alegoas	1 196 709		
Fernando de Noronha	-		
Sergipe	757 775		
Bahia	5 636 530		
Região Metropolitana de Salvador	-	9,10	4,95
REGIÃO SUDESTE	51 096 846	52,34	67,65
Minas Gerais	10 737 660		
Região Metropolitana de Belo Horizonte	-	11,36	7,12
Espírito Santo	1 633 552		
Rio de Janeiro	11 828 349		
Região Metropolitana do Rio de Janeiro	-	12,52	25,26
São Paulo	26 897 285		
Região Metropolitana de São Paulo	-	28,46	35,27
REGIÃO SUL	14 382 778	14,73	10,29
Paraná	5 472 099		
Região Metropolitana de Curitiba	-	6,90	4,04
Santa Catarina	2 700 745		
Rio Grande do Sul	6 209 934		
Região Metropolitana de Porto Alegre	-	7,83	6,25
REGIÃO CENTRO-OESTE	6 750 744	6,92	3,30
Mato Grosso do Sul	1 192 015		
Mato Grosso	936 250		
Goiás	3 101 801		
Distrito Federal	1 520 678	6,92	3,30

giões urbanas mais populosas do país, mantendo-se, entretanto, a estrutura de distribuição demográfica das grandes regiões na população total urbana do país (1985).

QUADRO 1 — COEFICIENTE DE PROPORCIONALIDADE Região Sudeste

ESTADOS	POPULAÇÃO URBANA 1985	COEFICIENTE
Minas Gerais	10 737 660	0.2171
Rio de Janeiro	11 828 349	0.2391
São Paulo	26 897 285	0.5438
Total	49 463 294	1.0000

FORTE — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Textos para Discussão, Volume 1, Número 5, maio de 1988, Projeções da População Residente e do Número de Domicílios Particulares Ocupados — 1985-020.

QUADRO 2 — PESO DOS ÍNDICES METROPOLITANOS DA REGIÃO SUDESTE NO CÁLCULO DO INPC

REGIÕES METROPOLITANAS	PESO (%)
Belo Horizonte	$51.096.846 \times 0.2171/97.624.362 = 11.36$
Rio de Janeiro	$51.096.846 \times 0.2391/97.624.362 = 12.52$
São Paulo	$51.096.846 \times 0.5438/97.624.362 = 28.46$
CÁLCULO	População urbana regional \times coeficiente/ população urbana brasileira = peso

QUADRO 3 — RELAÇÃO DOS ESTADOS E DOS RESPECTIVOS ÍNDICES METROPOLITANOS REPRESENTATIVOS Região Sudeste

ESTADOS	ÍNDICES METROPOLITANOS REPRESENTATIVOS
Minas Gerais Espírito santo	Região Metropolitana de Belo Horizonte Média (Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo)
Rio de Janeiro São Paulo	Região Metropolitana do Rio de Janeiro Região Metropolitana de São Paulo

3 — Novos pesos entre regiões para o IPCA

A fórmula de cálculo de estrutura é a mesma realizada para o INPC, utilizando-se a variável *rendimento total urbano* da PNAD/87, uma vez que o desenho amostral da POF não

possibilita a obtenção de valores representativos para os estados (Tabela 2).

A utilização da variável *renda* é compatível com o objetivo principal do IPCA, qual seja, ser o estimador da inflação sob a ótica da demanda final familiar.

4 — Avaliação dos novos índices nacionais

Apesar dos pesos regionais de algumas regiões metropolitanas serem muito diferentes (p. ex.: para o INPC, no Rio de Janeiro, o peso atual é de 25,26% e o novo de 12,52%), os resultados dos índices nacionais são basicamente idênticos, apresentando diferenças mensais muito pequenas.

Isto decorre do fato das taxas mensais das regiões metropolitanas apresentarem variações semelhantes, e de que as regiões metropolitanas mais representativas, em termos de pesos regionais, continuem sendo as mesmas.

5 — Goiânia no SNIPC

Lembramos, também, que, quando da implantação de Goiânia no SNIPC, serão refeitos os cálculos, desagregando-se o peso da Região Centro-Oeste (entre Distrito Federal e Goiânia).

6 — Cálculo e divulgação

A fórmula de agregação do índice nacional será a média aritmética ponderada dos dez índices metropolitanos, utilizando-se as novas estruturas de ponderação para as regiões metropolitanas. Enquanto a pesquisa mensal de preços não for implantada em Goiânia, o índice dessa área será suposto igual ao de Brasília.

Cabe ressaltar que será mantida a atual forma de divulgação dos índices regionais, uma vez que a cobertura do SNIPC para as Regiões Norte e Centro-Oeste, até o momento, não possibilita, do ponto de vista da qualidade técnica, a divulgação de índices para estas duas regiões.

**2 – ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO
PROPOSTA DE PONDERAÇÃO**

GRANDES REGIÕES, UNIDADES DA FEDERAÇÃO E REGIÕES METROPOLITANAS	RENDIMENTO MENSAL SETEMBRO-87 (Cz\$)	PONDERAÇÃO ATUAL	PONDERAÇÃO ANTIGA ENDEF – DESPESA
BRASIL	481 190 225 390	100,00	100,00
REGIÃO NORTE (1).....	16 526 866 998	3,44	1,70
Rondônia.....	2 299 678 766		
Acre.....	741 926 242		
Amazonas.....	5 044 297 650		
Roraima.....	386 291 360		
Pará.....	7 728 647 332		
Região Metropolitana de Belém.....	-	3,44	1,70
Amapá.....	326 025 648		
REGIÃO NORDESTE.....	62 479 038 794	12,98	10,30
Maranhão.....	3 170 034 473		
Piauí.....	2 592 523 548		
Ceará.....	8 991 403 618		
Região Metropolitana de Fortaleza.....	-	2,75	1,90
Rio Grande do Norte.....	4 053 147 780		
Paraíba.....	4 940 678 326		
Pernambuco.....	13 705 240 101		
Região Metropolitana de Recife.....	-	4,20	4,52
Alagoas.....	3 206 640 473		
Sergipe.....	2 092 468 848		
Bahia.....	19 726 900 627		
Região Metropolitana de Salvador.....	-	6,03	3,88
REGIÃO SUDESTE.....	296 651 811 934	61,65	75,98
Minas Gerais.....	42 584 559 241		
Região Metropolitana de Belo Horizonte.....	-	9,07	6,06
Espírito Santo.....	7 147 782 213		
Rio de Janeiro.....	63 776 110 980		
Região Metropolitana do Rio de Janeiro.....	-	13,58	30,86
São Paulo.....	183 143 359 500		
Região Metropolitana de São Paulo.....	-	39,00	39,26
REGIÃO SUL.....	70 823 948 410	14,72	9,64
Paraná.....	26 260 712 316		
Região Metropolitana de Curitiba.....	-	6,64	3,09
Santa Catarina.....	12 623 025 750		
Rio Grande do Sul.....	31 940 210 344		
Região Metropolitana de Porto Alegre.....	-	8,08	6,55
REGIÃO CENTRO-OESTE.....	34 708 559 254	7,21	2,38
Mato Grosso do Sul.....	5 645 765 376		
Mato Grosso.....	4 644 474 120		
Goiás.....	13 533 223 480		
Distrito Federal.....	10 885 096 278	7,21	2,38

FORNE – IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Emprego e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – 1987, Volume 11, Tomos 1, 4, e 5.

(1) A PNAD somente investiga a área urbana.